

SACHIO NEGAWA

FORMAÇÃO E TRANSFORMAÇÃO

DO BAIRRO ORIENTAL

um aspecto da história da

imigração asiática da cidade de São Paulo, 1915 - 2000

**Dissertação apresentada ao Curso de
Pós-Graduação em Língua, Literatura e
Cultura Japonesa na Faculdade
de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
da Universidade de São Paulo
sob Orientação do
Prof. Dr. SHOZO MOTOYAMA
para a obtenção do título de mestre**

São Paulo

2000

AGRADECIMENTOS

Muitas pessoas e instituições foram importantes para a conclusão deste trabalho. Contudo, sabemos que é difícil conseguir reunir seus nomes em tão pouco espaço aqui disponível. Optei por uma pequena lista de pessoas sem as quais esta pesquisa não teria saído do projeto. Gostaria, entretanto, de deixar um agradecimento implícito a todos, presentes aqui ou não, que me auxiliaram a fazer com que o desejo tomasse uma forma concreta.

-Prof. Dr. Shozo Motoyama, meu orientador, por sua incansável dedicação na orientação e sempre valorosas sugestões;

-Prof^ª. Dr.^ª. Tae Suzuki, diretora do Centro de Estudos Japoneses da USP, por ter iluminado os meus primeiros passos de pesquisador no Brasil.

-Prof^ª. Dr.^ª. Madalena N. Hashimoto Cordaro, Prof^ª. Dr.^ª. Luiza Nana Yoshida e todos os professores e colegas do Centro de Estudos Japoneses da USP, pelo incentivo e apoio, amizade e compreensão durante o Curso de Pós-Graduação e pela colaboração dispensada à elaboração deste trabalho;

-Prof^ª. Neide Hissae Nagae, Dr. Eduardo A. Jaccoud e Yoko Fujino pela revisão de texto, amizade e apoio incondicional durante todo o trabalho;

-Museu da Imigração Japonesa e sua diretoria, Centro de Estudos Nipo-Brasileiros,

Associação Cultural e Assistencial da Liberdade (ACAL), Associação dos Expositores da Feira da Praça da Liberdade (ALIBER), Associação Brasileira dos Coreanos, Associação Cultural Chinesa do Brasil, Centro Social Chinês de São Paulo, Associação Geral Cantonesa do Brasil, Japão Brasil Communication, Etsuko Ichida, Hoo Li Tseng, Morishige Kobayashi, Nelson Rodrigues, Seirô Takayama, Tetsuzô Tsuji pelas valiosas informações e fotografias cedidas.

RESUMO

Com os resultados da Escola Sociológica de Chicago, a metodologia da história da vida privada, perspectivas de *performance* e a antropologia turística, faz-se, no Capítulo I, uma etno-historiografia do Bairro Oriental. Analisam-se a estrutura da vida dos moradores do bairro bem como o significado de “nova terra natal” para os imigrantes japoneses.

No Capítulo II, descreve-se a presença de asiáticos na história da imigração moderna concentrando-se na expansão da região da “Conde” a partir de meados da década de 1910 até o início da década de 1940, quando houve uma dispersão dos japoneses devido à Segunda Guerra Mundial. Após a guerra, os japoneses retornaram para as proximidades da “Conde”, mas devido o aparecimento do Prédio Niterói, outros comerciantes japoneses começaram a se concentrar na região da “Galvão Bueno”, (Praça da Liberdade, e adjacências). Nos anos 1960, iniciou-se a imigração chinesa e coreana ao Brasil. Em São Paulo, eles convergiram rapidamente para a capital, concentrando-se no distrito da Liberdade. O Centro da Sociedade Paulistana de Cultura Japonesa (hoje Centro da Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa) foi fundado em 1964 na Rua São Joaquim, caracterizando a região entre a Praça da Liberdade e a Rua São Joaquim como uma área da comunidade nikkei. A construção da Estrada Radial Linha Leste-Oeste, e a do Metrô prejudicaram os lojistas do bairro: a ACAL propõe várias idéias, como a decoração do bairro com símbolos orientais e a realização de eventos tradicionais. Essa estratégia foi de encontro à política de revitalização da cidade, iniciada pela Secretaria Municipal de Turismo. Depois da inauguração do Metrô essa estratégia se mostrou eficiente, expandido o bairro. Entretanto, com a ascensão

social e a suburbanização dos nikkei a crescente presença de chineses e coreanos, o fenômeno *dekasegui*, o bairro conta com uma presença cada vez menor dos nikkeis.

No Capítulo III, por meio das histórias das vidas privadas dos comerciantes asiáticos, expõem-se os motivos dos comerciantes que entraram no Bairro Oriental, a situação de simbiose étnica e a razão do bairro ter se realizado como um espaço comercial. O bairro, atraindo os nikkeis pelo seu comércio, atrai também chineses e coreanos que procuram trabalho, usando a língua japonesa. Verificou-se que o setor de serviços da comunidade enfrenta dificuldades pela ausência de sucessores.

No Capítulo IV, coloca-se a questão da continuidade e descontinuidade física cultural dos bairros japoneses, a “Conde” e a “Galvão Bueno”. Embora os dois espaços urbanos apresentassem características distintas, ambas podem ser interpretadas como tendo sido uma “nova terra natal” para os nikkeis. Embora persista esta interpretação, o Bairro Oriental, ao mesmo tempo em que é um ponto turístico da cidade de São Paulo, hoje é mais um simulacro de um espaço étnico asiático, como se fosse um cenário de teatro. Comparam-se, ainda, as características dos três grupos de imigração asiática e apresenta-se uma interpretação do imigrante japonês como sendo mais sedentário, influência de um pensamento de agricultor; o chinês como sendo mais móvel, pelas suas características comerciais e seus contatos mais amplos pelo mundo; o coreano também comercial, mas menos móvel, por serem seus contatos mais limitados.

ABSTRACT

With the results of the School of Sociology of Chicago, the life history method, perspectives of performance and turistic anthropology, an ethno-historiography of Oriental Town in São Paulo is done. The life structure of Oriental Town inhabitants as well as its meaning as a “new hometown” for Japanese immigrants is analyzed.

In Chapter II, it is described the Asian presence in modern immigration history, concentrating in the expansion of the “Conde” region, from the middle of 1910’s up to the beginning of 1940’s, when Japanese inhabitants were forced to spread out due to the Second World War. After the war, the Japanese came back to “Conde” ’s surroundings, but due to the appearance of Niterói Building, others Japanese merchants began to concentrate in “Galvão Bueno” region (Liberdade Square, and neighborhoods). Chinese and Korean immigration began in 1960’s. In São Paulo they quickly converged to the capital, concentrating themselves in Liberdade district. The Center of Sociedade Paulista de Cultura Japonesa (Japanese Culture Society of São Paulo) – now known as Brazilian Society of Japanese Culture Center – was founded in 1964 in São Joaquim Street, characterizing the region between Liberdade Square and São Joaquim Street as a Nikkei community area. The construction of Radial Leste-Oeste Highway, and the one of the subway, was a great impact to Oriental Town’s shop-street: ACAL proposed various ideas, like town decoration with oriental symbols and promotion of traditional events. This strategy towards the revitalization policy of the city begun by São Paulo City Tourism Bureau. After the subway inauguration, this strategy showed itself efficiently expanding the town. But with the Nikkei social ascension and their moving to the suburbs, the increasing of Chinese and Korean and the “dekassegui” phenomenon

the town shows a reducing of the Nikkey presence.

In Chapter III, using life history method, there are exposed Asian merchants motivations of establishing in Oriental Town, the reason way Oriental Town was successful as a commercial space and its ethnic symbiosis situation. The town, attracting Nikkey, due to its commercial appeal, attracted also Chinese and Korean who looked for job, using the Japanese language. It is concluded that the community service sector is having difficulties due to the absence of successors.

In Chapter IV, it is pointed the theme of physical and cultural continuity and discontinuity of “Conde” and “Galvão Bueno” Japanese town. Although both urban spaces showed different characteristics, the two may be interpreted as “new home town” for Nikkeys. Although this interpretation remains, the Oriental Town space, at the same time, as it is a touristic point in São Paulo City, it is an Asian ethnic space, simulacra, as if it were a theater scenery. The three Asian immigrant group characteristics are compared, presenting an interpretation about the Japanese immigrant as being the most sedentary, from an agricultural thinking influence; the Chinese one as having more mobility due to their commercial characteristics and their larger contacts throughout the world; the Korean one, commercial also, but having less mobility, as their contacts are more limited.

PALAVRAS –CHAVE

Simbiose étnica

História da vida privada

Nava terra natal

Estratégia turística

Teatralização

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	i
RESUMO	iii
ABSTRACT	v
PALAVRAS –CHAVE	vii
INTRODUÇÃO -Interesse do Tema-	1
CAPÍTULO I PESQUISA BIBLIOGRÁFICA E METODOLOGIA	8
I-1. Pesquisa Bibliográfica	8
I-2. Objetivo e Hipótese	12
I-3. Metodologia	17
CAPÍTULO II ETNO-HISTRIOGRAFIA DO BAIRRO ORIENTAL	23
II-1. Pré História do Bairro Japonês – até 1914	23
II-2. Bairro Japonês (1) “Conde” 1915-1942	27
II-3. Bairro Japonês (2) “Galvão Bueno” 1953-1975	38
II-4. Bairro Oriental 1975-até hoje	53
CAPÍTULO III HISTÓRIA DA VIDA PRIVADA DO BAIRRO	65
III -1. A Vida Privada de Comerciante Japonês	67
III -2. A Vida Privada de Comerciante Chinês	73
III -3. A Vida Privada de Comerciante Coreano	88
CAPÍTULO IV CONTINUIDADE E DESCONTINUIDADE, INVENÇÃO DE	

TRADIÇÕES NO BAIRRO ORIENTAL	100
IV -1. Continuidade e Descontinuidade dos Dois Bairros Japoneses	100
IV -2. Invenção das Tradições do Bairro Oriental	113
IV -3. Comparação entre Os Grupos Étnicos Asiáticos	116
CONSIDERAÇÕES FINAIS	124
BIBLIOGRAFIA	128
MATERIAL VASUAL – FOTOGRAFIA	138

INTRODUÇÃO

---- Interesse do Tema ----

Mais de 500 milhões de pessoas viajaram cruzado fronteiras em 1995 [YAMASHITA, 1996: p.3], ou seja, uma em dez pessoas deslocam-se internacionalmente (10 % da população mundial). A atualidade é a época de grandes mudanças que avançam com a globalização e o *border less*. As pessoas envolvidas nesse deslocamento mundial mostram uma grande diversidade como turistas, imigrantes, refugiados, exilados, trabalhadores, estudantes entre outros.

O autor desta dissertação veio para o Brasil dentro dessa grande corrente de mobilização em 1996. Ultrapassou o Oceano Pacífico, vindo para o outro lado do planeta com um tema ambíguo como o da pesquisa da imigração e uma farta curiosidade, mas não como um imigrante do tipo antigo. Foi uma viagem confortável de apenas um dia e uma noite. Desde o dia seguinte, durante quatro anos, tem morado em São Paulo “a duras penas”. Assim, a “viagem para o fim do mundo”, que antigamente era uma ação arriscada, foi um trabalho fácil e simples.

O *back ground* que tornou esta viagem possível foi a diminuição da distância temporal e econômica por meio da evolução do sistema de transportes. Além disso, podemos incluir o desenvolvimento dos bairros étnicos e das comunidades étnicas que serviam de base de atividade para esses grupos. O Brasil, em especial, tem a maior população nikkei fora do Japão. São Paulo tem a maior grande concentração da comunidade nikkei e é o “maior bairro japonês” do mundo (Bairro Oriental); Essa área representava uma “nova terra natal” para os imigrantes japoneses, e era como um oásis para os asiáticos dentro de uma sociedade de cultura diferente. Graças a esse oásis, o

autor também conseguiu sobreviver embora não soubesse falar o português e nem tivesse recursos financeiros.

O Bairro Oriental situa-se praticamente no centro da cidade de São Paulo (V. **Mapa 1**). É o lugar mais movimentado dentro do distrito da Liberdade que conta com 76.245 habitantes [SPOSATI, 1995: p.5]. O bairro é uma área delimitada, grosso modo, pelos seguintes logradouros: a Praça. da Liberdade como núcleo (V. **Foto. 1**), a esquina da Rua da Glória com a Rua Conde do Pinhal ao norte, a Av. Liberdade a oeste, a Rua São Joaquim ao sul e a Rua Conselheiro Furtado a leste (V. **Mapa 2**). É uma área comercial, turística e cultural que parcialmente inclui uma área residencial. O comércio desta área é composto por restaurantes, bares, lanchonetes, hotéis, agências de turismo, mercearias, lojas de miudezas, docerias, lojas de lembranças, farmácias, cabeleireiros, centros de jogos, *karaoke*, bingos, *shopping centers*, etc.

Sobre a história do Bairro Oriental, concorda-se, geralmente, que teve origem com a inauguração do prédio Niterói em 1953. Porém, antes da Segunda Guerra Mundial já existia uma concentração dos japoneses ao redor da Rua Conde de Sarzedas. Apesar da decadência do bairro causada pela dispersão em 1942, os japoneses, logo após a guerra, restauraram de imediato seus jornais, hotéis, restaurantes, pensões, mercearias, etc., fazendo surgir outra concentração de japoneses na Rua Cantareira, próxima ao Mercado Municipal no lado norte do Largo da Sé. Essas foram as principais condições históricas que originaram o Bairro Oriental na área ocupada atualmente. A força principal da formação deste bairro foi basicamente a dos japoneses, mas temos que levar em conta a influência dos imigrantes chineses e coreanos para o desenvolvimento e a transformação do bairro. Não foi feito, ainda, nenhum estudo sobre a expansão dos chineses e dos coreanos no Bairro Oriental de hoje, embora essa influência seja inegável para a transformação do bairro, como afirma um japonês, dono de uma loja desse bairro, queixando-se de que o Bairro Oriental tornar-se á uma

chinatown num futuro próximo.

Como método da análise deste trabalho, pretendemos aplicar de usado crítico e os métodos das pesquisas urbanas como o da Escola Sociológica de Chicago. Especialmente, o método utilizado em *The Ghetto* (1928) de WIRTH, Louis que pesquisou a história e a ecologia humana. Esta é uma das pesquisas urbanas mais representativas que trata do bairro étnico peculiar da comunidade judaica. Essa pesquisa dá várias sugestões metodológicas para a investigação das comunidades imigratórias.

Neste estudo, consultando os métodos das pesquisas urbanas, pretendemos buscar o método ideal para descrever a etno-historiografia do Bairro Oriental como um bairro étnico na São Paulo moderna. Em termos concretos, é possível utilizar jornais, revistas, panfletos, publicações comemorativas, e outras publicações étnicas, por exemplo, como fez Wirth, aproveitando-se destes objetos de análise na obra *The Ghetto*, além de fotos relacionadas à formação do bairro. O emprego positivo de documentos fotográficos deve complementar a falta do domínio lingüístico do pesquisador e esperamos, desta forma, fazer com que outros pesquisadores possam utilizar, com sucesso, o método da etno-historiografia urbana.

Enquanto primeiro estudo da sociologia urbana, as pesquisas dos sociólogos da Escola Sociológica de Chicago apresentaram muitos pontos interessantes referentes à pesquisa sociológica sobre os bairros étnicos formados pelos imigrantes. Até o fim do século passado, Marx, Weber, e Durkheim também trataram de problemas urbanos como fenômeno sociológico. No entanto, o estudo da metrópole foi uma oportunidade que intermediou a análise das mudanças do sistema feudal ao sistema capitalista na sociedade ocidental. Ao contrário, achamos que os sociólogos da Escola Sociológica de Chicago viram o espaço urbano como “laboratório social” [PARK, 1915: p.31], apreendido como local de heterogeneidade e de mutabilidade e tentaram um novo direcionamento para a pesquisa urbana. Desse modo, eles foram criando muitas

pesquisas de excelência como *The Hobo* (1923) de Nels Anderson, *The Gold Coast and the Slum* (1929), de Harvey W. Ziebaugh e *The Taxi-Dance Hall* (1932) de Paul G. Cressey no decorrer da década de 1920 a 30. Estas obras da Escola Sociológica de Chicago estão voltando a ser valorizadas no Brasil e no Japão¹.

Temos o método da história da vida privada como uma das metodologias da imigração. *The Polish Peasant in Europe and America* (1918) de William I. TOMAS e Florian ZNANIECKI da Escola Sociológica de Chicago também é uma obra clássica dessa metodologia. Entre as pesquisas da imigração em japonês, há muitas pesquisas que adotaram o método da história da vida privada. Embora as pesquisas da imigração do Brasil tenham adotados os resultados das Ciências Sociais da América do Norte e da Europa, não há referências às pesquisas japonesas. Isso se deve ao problema da distância e da língua no Brasil. Felizmente o autor é japonês estuda a imigração asiática. Nessa pesquisa, desejamos destacar os trabalhos em japonês com esse método e descrever a ecologia humana do Bairro Oriental.

O autor residiu à Rua Tenente Otávio Gomes no Distrito da Liberdade, São Paulo, de maio de 1996 até agosto de 1999 e reside hoje na Rua São Joaquim, no mesmo Distrito. O primeiro fica na extensão do Bairro Oriental e o segundo, dentro dele. Não pretende fazer o papel de Nels Anderson, autor de *The Hobo*, uma obra clássica da pesquisa urbana, mas presume que tem passado estes anos como observador participante, minucioso e intimamente ligado à área que tem por interesse.

Vivenciando essa experiência e fazendo a análise dos métodos descritivos das áreas urbanas, pretendemos pesquisar a aplicação deste estudo de etno-historiografia urbana no estudo dos aspectos e das condições atuais do Bairro Oriental de São Paulo.

¹ Por exemplo: EUFRÁSIO Mário A. A Formação da Escola Sociológica de Chicago, São Paulo, Departamento de Sociologia da FFLCH-USP, 1988; YOSHIMI Shunya. Overview -A Sociologia das Cidades e Urbanização-, Tóquio, Iwanami-shoten, 1996.

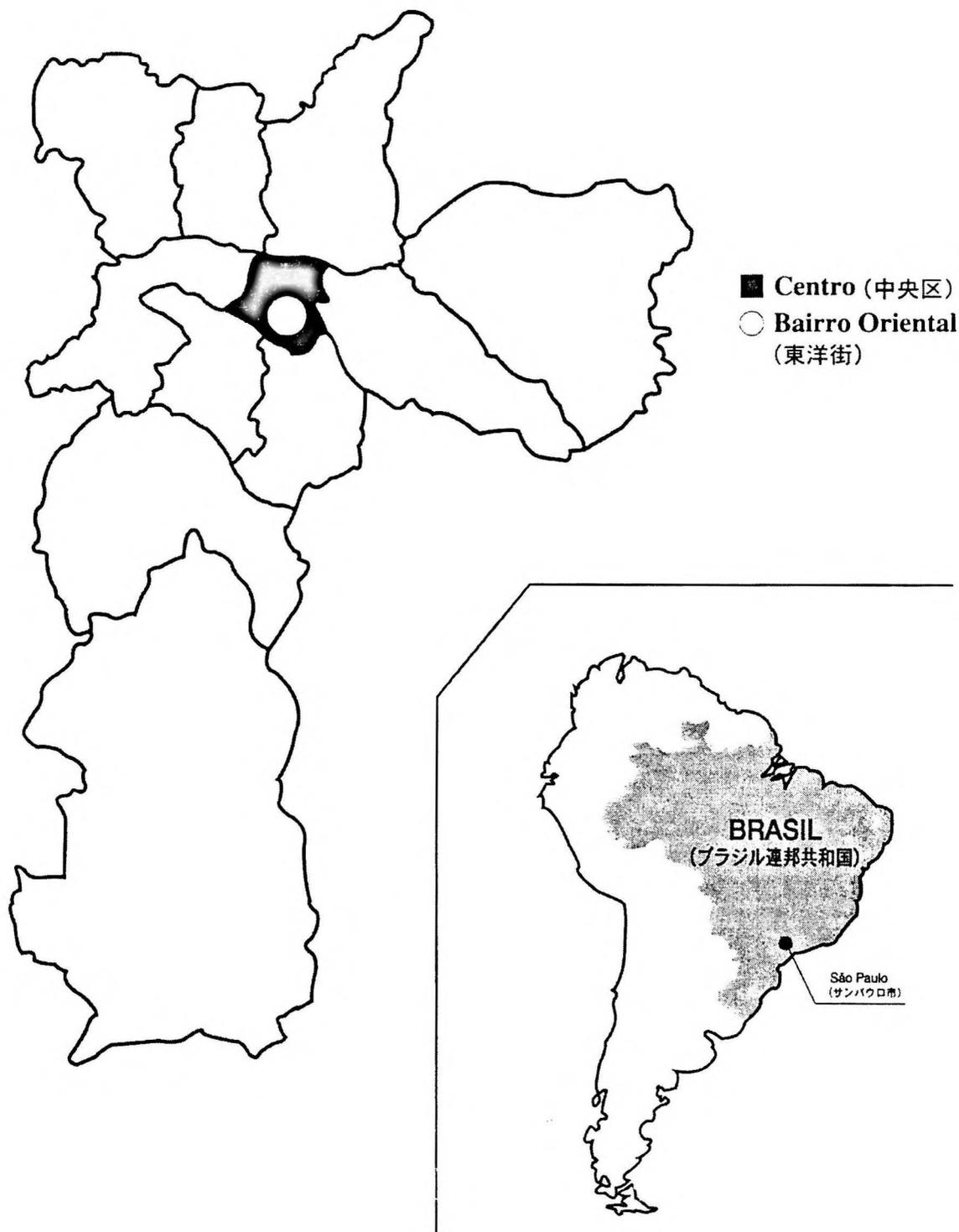
Entretanto, gostaríamos de deixar claro que a utilização dos métodos e das análises da sociologia urbana e da história da vida privada serão feitas de maneira crítica, obedecendo as características e contextos específicos. Além disso, pretendemos esclarecer a transformação do sentido da mudança do Bairro Japonês da “Conde” para a “Galvão Bueno” e da passagem do Bairro Japonês para o Bairro Oriental com base na “Perspectiva da *performance*”.

Conduzindo o trabalho desse maneira, pretendemos descrever a etno-historiografia do Bairro Oriental de acordo com a seguinte divisão histórica:

- 1) Pré-Bairro Japonês (até 1914);
- 2) Bairro Japonês da “Conde” (1914-1942);
- 3) Bairro Japonês da “Galvão Bueno” (1953-1975);
- 4) Bairro Oriental (1975 até os dias de hoje).

Apresentaremos um esboço do processo da formação do Bairro Oriental e esclarecendo o mecanismo da transformação do bairro, sempre tratando esta transformação no contexto da urbanização de São Paulo e da mobilidade do imigrante.

Mapa 1 : Localização do Bairro Oriental na cidade São Paulo
(サンパウロ東洋街の位置)



Mapa 2 : Área do Bairro Oriental (1999)
(東洋街の範囲 1999年)



CAPÍTULO I

PESQUISA BIBLIOGRÁFICA

E METODOLOGIA

I – 1. Pesquisa Bibliográfica

Segundo o que pudemos constatar, infelizmente, não existe nenhuma pesquisa especializada sobre o bairro japonês de São Paulo, desde a “Conde” até o atual Bairro Oriental. Nesta pesquisa, consultamos a bibliografia abaixo, comentada na seguinte ordem: japonês, português e chinês.

Japonês

Brasil no nippon-imin (O imigrante japonês no Brasil) é o relatório do senso da situação real dos nikkeis do Brasil, como projeto da edição dos 50 anos da imigração japonesa (o presidente da comissão é Teiichi SUZUKI). Este senso foi o maior de todo como nunca houve e nunca poderá haver. Iniciado em 1958, abrangeu toda a população japonesa no Brasil, levou 6 anos e utilizou 6.000 pessoas. Este relatório é composto por dois volumes, um descritivo e outro de dados, uma obra grandiosa com 1.136 páginas e 411 quadros estatísticos. Não há dados especializados sobre o bairro japonês, mas, podemos compreender a mudança dos imigrantes japoneses durante 50 anos por meio de dados numéricos sobre a população, a habitação, a mobilidade urbana e rural. (Há tradução em inglês.)

Um trabalho minucioso sobre a “Conde”, é o de HANDA Tomoo, intitulado *Imin no seikatsu no rekisi (A História do Imigrante Japonês—O caminho percorrido pelo nikkei --)* [São Paulo: Centro de Estudos Nipo-Brasileiros,1970] . O autor desse livro é

um imigrante que veio ao Brasil em 1917, e sua descrição está baseada em suas experiências. Por ser pintor, ajudou visualmente na compreensão sobre a situação do bairro naquele tempo, com seus mapas ilustrativos a Praça. da Sé de 1908 e da “Conde” anterior à Segunda Guerra Mundial. (Há a tradução em português por Minoru Naruto.)

Brasil nippon imin hachijû-nenshi (80 anos da imigração japonesa no Brasil) [São Paulo: Editora Hucitec Comissão Editorial dos 80 Anos da Imigração Japonesa no Brasil, 1992] é a publicação comemorativa dessa data e a história geral e oficial da imigração japonesa. Além da história da política da migração, contém tópicos sobre a sociedade rural dos imigrantes japoneses antes da Segunda Guerra Mundial, o estabelecimento e as atividades das associações culturais e esportivas e a entrada das empresas japonesas no Brasil após a guerra, havendo também algumas páginas dedicadas à “Conde”. (Há tradução em português por José YAMASHIRO, Kazuo WATANABE e Atsushi YAMAUCHI.)

“Zadan-kai: Kunan-jidai no Conde-gai” (A mesa redonda “Conde na Época de sofrimento”) [Colônia Nº44, São Paulo: Sociedade Cultural Japonesa de São Paulo, nov. de 1964], que foi realizada sob a direção de Kumaki Nakao, então presidente da Sociedade Cultural Japonesa de São Paulo, relembra a história, a memória e a apreciação do caráter das pessoas da “Conde” e inclui muitos depoimentos importantes compondo uma história oral.

Liberdade (São Paulo: Associação Cultural e Assistencial da Liberdade, 1996) é um livro de pequenas dimensões produzido e editado por dirigentes da Associação Cultural e Assistencial da Liberdade. Sadao ONISHI, Tatsuo HIRAI, Júlio ARAI e outros. Notamos alguma confusão na tabela cronológica do bairro deste livro, editado para entender a história dessa área por meio dos depoimentos das pessoas envolvidas. “Os 50 anos da transformação da Liberdade” desse livro é o documento da mesa redonda dos naturais do bairro com o subtítulo: “Hoje e antigamente: depoimento dos

pioneiros”. É interessante como a tabela mostra as diferenças entre os dois bairros japoneses quando comparada com a primeira mesa redonda acima citada. Existe uma vontade em apelar para a formação de um bairro não nikkei. Vemos esse propósito e o cuidado por ser todo traduzido em português e publicar os depoimentos de comerciantes chineses e moradores não orientais.

HANDA, Tomoo. *Brasil nippon-imin nikkei shakai-shi nenpyô* (Tabela cronológica da imigração e a história social nikkei) [São Paulo: Centro de Estudos Nipo-Brasileiros, 1976 <primeira edição >, 1996 <edição corrigida e ampliada>] dispõe em ordem cronológica, acontecimentos, tópicos relacionados, publicações entre outros, da sociedade japonesa de 1748 a 1996. Inclui bastantes assuntos relacionados aos bairros japoneses na “Conde” e na “Galvão Bueno”, sendo muito útil como tabela cronológica do bairro publicado pelo *Liberdade* (1996).

Português

Os dois trabalhos de ARAÚJO, Oscar. E., “Enquistamentos Étnicos” (in *Revista de Arquivo de Municipal de S.Paulo LXV*, São Paulo: Divisão do Arquivo Histórico, 1940) e “Latinos e Não-Latinos no Município de São Paulo” (in *Revista de Arquivo de Municipal de S.Paulo LXXV*, São Paulo: Divisão do Arquivo Histórico, 1941) , são as pesquisas de ecologia humana que se baseam no senso demográfico, “Sub-Divisão de Documentos Sociais e Estatísticas Municipais do Departamento de Cultura” (1934). Araújo é um discípulo de Donald Pierson, que lecionava na Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo na época. Ele analisou as áreas ocupadas pelos estrangeiros e as suas respectivas populações, a distribuição por nacionalidades específicas, de brasileiros e estrangeiros dando a porcentagem dos distritos de São Paulo por meio da metodologia da ecologia humana. Hoje é muito difícil adquirir dados estatísticos que prestam informação valiosa como o mapa de distribuição étnica.

Liberdade de GUIMARÃES, Laís de Barros Monteiro (São Paulo: Departamento do Patrimônio Histórico, 1979) é uma das séries da História dos bairros de São Paulo que inclui bastantes descrições sobre o Bairro Oriental. Essa obra fornece uma visão não asiática do bairro. Esse livro dá importância ao período anterior da ocupação dos imigrantes japoneses dedicando-lhe muitas páginas, tornando-se portanto fundamental para saber a sua história antes de se tornar o Bairro Oriental.

Liberdade de (São Paulo: Divisão de Preservação do Departamento Histórico, 1983) é uma das séries dos Cadernos do Igepacsp, que contém várias informações sobre o Bairro Oriental, com muitos documentos fotográficos. Isso ajuda a compreender visualmente não só o Bairro Oriental como também cada área do distrito na mudança. Registra, ainda, a existência de moradores chineses e coreanos no bairro.

CHOI, Keum Joa, *Além do Arco-Íris—A Imigração Coreana no Brasil—* (São Paulo: dissertação de mestrado da FFLCH/USP, 1991) é uma pesquisa da história geral da imigração coreana no Brasil. Descreve com minúcias a “Vila coreana” que existia na Rua Conde de Sarzedas entre a década de 60 e 70 com base nos depoimentos dos imigrantes coreanos, possibilitando saber a situação da renovação da “Conde” depois da dispersão dos japoneses.

Chinês

O Registro Histórico de Imigrantes Chineses do Brasil (São Paulo: Jornal Chinês Americana², 1998) é a publicação comemorativa do ano 15 da publicação do Jornal Chinês Americana. Podemos dividir dois grupos maiores, o da linha de Taiwan e o da linha da China Continental, na sociedade chinesa do Brasil. Apesar do Jornal Chinês Americana ser da linha de Taiwan, mostra não só as várias organizações taiwanesas

² Conforme original.

como também as várias organizações da linha da China Continental. Apresenta principalmente as organizações pátrias dos grupos étnicos, religiosos e das escolas chinesas, entre outras. Por não ter a descrição histórica como objetivo, ainda está na fase de publicação comemorativa. Porém é a única publicação que nos possibilita saber a situação e a tendência atual dos chineses do Brasil com alto índice de mobilidade.

De acordo com esses dados, todos os trabalhos abrangem somente até o início da década de 80, *Brasil nippon imin hachijû-nenshi* (1992) e *Liberdade* (1996) não dão importância à transformação após a década de 80. Não há nenhuma pesquisa significativa sobre a transformação do bairro após a década de 90. Além disso, segundo a nossa visão, não há também nenhuma abordagem sobre a transformação da qualidade e do sentido da etnicidade, não sendo suficiente para se compreender a entrada dos chineses e coreanos no bairro e a mobilidade destes em nível internacional.

I – 2. Objetivo e Hipótese

ARAÚJO diz sobre a situação privilegiada de São Paulo como campo de pesquisa étnica:

Se o Brasil, de um modo geral, é um campo propício para os estudos étnicos, São Paulo, particularmente, é um dos melhores setores.

É em São Paulo que melhor poderá ser analisada a multiforme influência, estrangeira sobre o espírito indomável do selvagem o romantismo do negro e a coragem do português. Verdadeiro cadinho onde se tem fundido as mais variadas etnias, com caracteres biológicos e culturais os mais diversos e disparados, o “hinterland” paulista contitue um centro de pesquisas quasi inesgotável, no tocante ao melting-pot de raças e de nacionalidades. É em São Paulo que iberos, celtos, nordicos, eslavos, semitas, niponicos e toda uma gama infindável de raças e tipos intermediarios vem contribuindo para cruzamentos ininterruptos, complexos, pois neles encontramos representantes de todas as raças da Europa atual e de muitas raças de outros continentes, o seu estudo sómente se tornará eficiente quando realizado diretamente nos nucleos de convergência das raças principais [ARAÚJO, 1940: P.229].

Sessenta anos depois dessas palavras de ARAÚJO, São Paulo avançou na urbanização e industrialização, mas continua um campo propício para os estudos étnicos.

O objetivo desta pesquisa é descrever e analisar a etno-historiografia, a história e a situação atual do Bairro Oriental da Liberdade, como um bairro étnico, e esclarecer a originalidade e a característica desse bairro.

Neste estudo, pretendemos esclarecer os seguintes assuntos:

1) A formação, a transformação e a simbiose étnica do Bairro Oriental de São Paulo, o maior bairro étnico de asiáticos na América Latina. Nesse processo, pretendemos encontrar o método ideal para descrever a etno-historiografia do Bairro Oriental como um bairro étnico da moderna São Paulo. Compreender a transformação do sentido que o bairro possui, suas estratégias comerciais e turísticas por meio da “perspectiva da *performance*”;

2) As “invenções de tradições” no processo da formação do Bairro Oriental;

3) Comparação da característica e situação atual dos imigrantes japoneses, chineses e coreanos, os elementos principais do Bairro Oriental. E a previsão do desenvolvimento desses grupos étnicos no futuro do Brasil.

A nossa hipótese é de que a divisão histórica da construção e a transformação do Bairro Oriental de São Paulo é a seguinte:

- a) Pré-Bairro Japonês (até 1914);
- b) Bairro Japonês da “Conde” (1914-1942);
- c) Bairro Japonês da “Galvão Bueno” (1953-1975);
- d) Bairro Oriental (1975- até os dias de hoje).

Com relação ao item a) deu-se até o aparecimento da concentração de japoneses na Rua Conde de Sarzedas na segunda década deste século (①); o item b) inclui a decadência do Bairro Japonês graças à ordem de evacuação em 1942 (②); o item c) é o período posterior à recuperação e expansão do Bairro Japonês após a Segunda Guerra Mundial (③), a partir do estabelecimento do prédio Niterói e a formação do Bairro Oriental de 1953- 1975 (④), incluindo o início da expansão chinesa e coreana para o Bairro Japonês da “Galvão Bueno” da década de 1973 (⑤). O item d) diz respeito à expansão chinesa e coreana para o Bairro Oriental graças à ocorrência do fenômeno de *dekassegui* na década de 1980 (⑥) e inclui o surgimento dos chineses continentais no Bairro Oriental na década de 1990 (⑦).

Se considerarmos o processo de ① até ⑦ em conjunto, podemos ver que ②, ④ e ⑥ são os maiores eventos da história do bairro. Pois ② é a experiência de expulsão dos japoneses do Bairro Japonês da “Conde”, em função das pressões políticas, ④ é o símbolo do estabelecimento do Bairro Japonês da “Galvão Bueno” e ⑥ é a oportunidade para uma causa importante que fez transformar a fisionomia e o significado do bairro. O Bairro Oriental tem estratégias conscientes de “teatralizar³” o seu espaço de maneira efetiva com a promoção de feiras orientais, o jardim japonês, as decorações tipicamente orientais, as fachadas que têm estilo oriental, entre outros. O Bairro Japonês da “Conde” não tinha essa característica ou, se tinha, não era tão marcante. Apesar de o Bairro Japonês da “Conde” e o Bairro Oriental serem estruturalmente diferentes, ambos tinham o desejo contínuo de criar uma “nova terra natal” dos imigrantes japoneses até um certo período. Podemos ver a transformação da consciência de identidade por meio das novas gerações de comerciantes e moradores do

³ A expressão “teatralizar”, utilizada acima, vem dos conceitos de “estado teatral” de GEETZ, C. [1980], de “sociodrama”, de TURNER, V. [1974], e de “Joen no shiten” (perspectiva da *performance*), de YOSHIMI, S. [1987].

Bairro Oriental, e acreditamos que essa transformação acontece no final da década de 70. Hoje, ainda encontramos tal desejo em uma pequena porcentagem da colônia, porém, ele vem diminuindo consideravelmente com o passar do tempo. Nesse mesmo período, os taiwaneses e os coreanos rapidamente entravam no bairro. Como resultado, o bairro tem se transformado da nova terra natal⁴ dos imigrantes japoneses para um espaço estratégico dos nikkeis nos últimos 20 anos, e a situação do bairro fica mais complexa pela participação dos taiwaneses e coreanos.

Até meados da década de 80, os comerciantes nikkeis do bairro utilizavam “imagens japonesas”, ou seja, imagens que resgatavam as tradições, os costumes, a estética, a paisagem, o exotismo do Japão, por exemplo, o que para os japoneses causava nostalgia. Mas, a partir de meados da década de 80, essas imagens começaram a ser utilizadas também pelos taiwaneses e coreanos. Isto ocorreu por dois fatores:

O primeiro fator é o fenômeno *dekasegui*. Muitos japoneses que eram clientes das lojas do bairro foram para o Japão como *dekasegui*. Alguns comerciantes japoneses também foram para o Japão, porque eles conseguiriam uma renda maior.

O segundo fator é a ascensão do nível sócio-econômico dos nikkeis na sociedade brasileira. Por exemplo, os filhos dos comerciantes nikkeis receberam educação de alto nível e se tornaram profissionais liberais. Mesmo que o comércio dos pais tivesse sucesso, eles não gostariam de continuar essa atividade, e então, os taiwaneses e coreanos começaram a ocupar o comércio da região.

Os chineses, especialmente os taiwaneses, passaram a ser o grupo dominante no bairro, mas continuam a explorar a “imagem japonesa” ao invés de utilizarem-se de “imagens chinesas”. Por exemplo, em 1998, na rua Galvão Bueno, estabeleceu-se um

⁴ Terra natal: utilizamos a tradução do termo *kakyô* (家郷) emprestado na sociologia japonesa. A família e a vida de origem eram vistas como terra natal pelas pessoas que saíam para as cidades em busca de novas oportunidades.

Shopping Center que se chama *Sogo-Plaza*⁵, um nome japonês. Por outro lado, o tradicional Banco América do Sul⁶ da comunidade nikkei e símbolo do sucesso da imigração japonesa no Brasil, faliu. O *Sogo-Plaza*, o maior shopping na capital taiwanesa do bairro e a atual filial do Banco América do Sul da Liberdade, ambos na Rua Galvão Bueno, um quase em frente ao outro, parecem simbolizar um marco na mudança de hegemonia no bairro.

Mesmo assim, no interior do shopping, enfatizam-se as “imagens japonesas”. Por exemplo, todos os andares do shopping têm nomes de cidades japonesas: o térreo é Tóquio, o 1º andar, Nagoya, e o 2º andar, Quioto. Além disso, nas paredes há cartazes e painéis japoneses destacando o Japão. Obviamente há bastantes gêneros importados japoneses, mas os taiwaneses, agora como dominantes no bairro, estão tendo sucesso com essa estratégia comercial. Os empresários taiwaneses “simulam” imagens japonesas para atrair clientes nikkeis e não nikkeis. Podemos ver que essa situação do bairro marca uma heterogeneidade e uma “crioulização” cultural. Ao contrário, na América do Norte, os bairros orientais como a *Little Tokyo*, a *Chinatown* e a *Coreantown* existem isoladamente.

Vejam os itens 2) “invenções de tradições” no processo da formação do Bairro Oriental. No Bairro Oriental, aconteceu não só esse tipo de “crioulização” cultural como também a “invenções de tradições”. Hoje, os eventos realizados todos os anos no Bairro Oriental são o seguinte:

- a) *Hana Matsuri* (Festa da flor);

⁵ *Sogô* é uma rede de lojas de departamento que entrou em falência neste ano e de onde foi tirado o nome de *Sogo-Plaza*. *Sogo-Plaza*: o nome de um Shopping Center que existe no Bairro Oriental.

⁶ O nome comercial Banco América do Sul permanece mas não é mais de iniciativa japonesa.

- b) *Tanabata Matsuri* (Festa das estrelas);
- c) *Tôyô Matsuri* (Festa oriental);
- d) *Mochitsuki Tai Kai* (Festa do amassamento de arroz).

Existem outros eventos extraordinários como a luta de Sumô e o Undôkai (evento esportivo de crianças). Mas os quatro primeiros são os aprovados pela Secretaria Municipal de Turismo como eventos oficiais do bairro. Esses são aceitos e anunciados como evento tradicional do Bairro oriental. O importante é que os eventos tradicionais foram inventados de acordo com o que convinha às condições da época e do local, e não são iguais aos eventos originais do Japão. No último capítulo, teceremos considerações sobre os eventos.

Sobre o item 3) comparação entre os grupos étnicos asiáticos, é fato que milhares de imigrantes asiáticos, legais e ilegais, vieram para o Brasil, e grande número deles moraram ou passaram por São Paulo. Eles tiveram uma grande influência para a formação do Bairro Oriental. Portanto, precisamos comparar a característica dos três como grupos imigratórios.

A partir disso podemos observar o seguinte: uma nova cultura crioula e outras tradições estão emergindo no espaço teatral do Bairro Oriental de São Paulo, sendo esta formada por fatores que se combinaram de forma não-intencional, com uma característica ímpar inexistente em qualquer outro lugar.

I- 3. Metodologia

Nesta pesquisa, pretendemos nos referir e utilizar os seguintes pontos de vista e metodologias:

- 1) Escola Sociológica de Chicago;

- 2) “Perspectiva da *performance*”;
- 3) Antropologia turística.

1) É considerável a metodologia das pesquisas da Escola Sociológica de Chicago, pela sua importância e curiosíssima observação do seu objeto de pesquisa. Ao descrever a etno-historiografia como resultado de pesquisa de sociologia e antropologia, dá importância à observação participante e aos dados das entrevistas.

The Ghetto de Louis Wirth é uma dessas pesquisas urbanas representativas que trata do bairro étnico peculiar da comunidade judaica. Essa pesquisa apresenta várias sugestões metodológicas para se analisar as comunidades imigratórias. Wirth iniciou o CAPÍTULO XI, *The Chicago Ghetto*, da seguinte maneira:

West of Chicago River, in the shadow of the Loop, lies a densely populated rectangle of three- and four- story buildings, containing the greater part of Chicago's immigrant colonies, among them the area called “the ghetto. ...[Wirth, 1929: p.195]”

“Maxwell Street, the ghetto's outdoor market, is full of color, action, shout, odors and dirt. It resembles a medieval European fair more than the market of a great city of today. Its origins are to be sought in the traditions of the Jews, whose occupations in the Old World differed little from what they are here. To those traditions correspond also the traditions of the other national groups who form their clientèle [idem: p.232].

Por outro lado, ARAÚJO assim escreveu a situação do Bairro Japonês, na segunda parte da década de 1930, em seu trabalho, “Enquistamentos Étnicos” :

Está situada, como aquela, próxima do centro comercial e é, em sua quase totalidade formada de construção antiga, o que facilita a constituição de moradias coletivas. O comércio, neste trecho, é feito em geral por japoneses, emprestando ao ambiente um cunho oriental bastante curioso. Ali são encontrados, com facilidade, produtos típicos, como o

“Aji-no-moto” ou o “Caril Shinyo” , importados diretamente e toda sorte de bijuteria delicada e interessante, que só o japonês sabe executar com tanta perfeição e habilidade. E os anuncios e as placas dos estabelecimentos comerciais? Escritos, em parte, com os caracteres adotados no País do Sol Nascente, emprestam ao ambiente um cunho especial. Aqui é uma taboleta de uma pensão japonesa, alí de um hotel, acolá de um barbeiro ou de um tintureiro. De tudo encontramos: quitandas, leiterias, confeitarias, marcenarias, sapatarias, farmacias, livrarias e até casa bancaria, sempre com empregados e profissionais japoneses ou filhos de japoneses. Houve época em São Paulo, em que a maior parte dessas casas comerciais apresentavam suas placas escritas em japonês. Na atualidade algumas ainda ostentam a referencia japonesa por baixo da denominação em português [ARAÚJO, 1940: p.237].

Apesar de se referirem a bairros étnicos diferentes, e serem escritas por autores diferentes, as duas descrições apresentam pontos em comum. Dentre eles podemos dizer que ambas as descrições mostram, com certo detalhe, a vida cotidiana dos moradores dos bairros. Aqui, não se trata de coincidência. ARAÚJO era aluno de Pierson na Escola de Sociologia e Política de São Paulo e evidentemente, Pierson era discípulo de Robert PARK e William TOMAS da Escola Sociológica de Chicago como Luis WIRTH.

ARAÚJO retratou as sociedades dos imigrantes em São Paulo pelo método da ecologia humana; tratou especialmente do problema das comunidades raciais, e referiu-se ao problema da ecologia da comunidade japonesa. O estudo de Luis WIRTH sobre o *gueto* de Chicago, desde o fim do século passado até a década de 1920, e o estudo de ARAÚJO sobre o Bairro Japonês na década de 1930, serão norteadores da pesquisa em que pretendemos descrever a etno-historiografia do Bairro Oriental contemporâneo de São Paulo.

Para tanto devemos fazer uma crítica aos dados étnicos que são fornecidos pelos jornais, revistas, panfletos e publicações comemorativas e em seguida, trabalharmos na coleta de dados por meio de entrevistas. Esta metodologia é importante para esclarecer os detalhes históricos que não aparecem nos documentos escritos. Não só a Escola

Sociológica de Chicago como também outros pesquisadores aproveitam-se delas.

2) A “Perspectiva da performance”, ultimamente, está atraindo a atenção dentro da pesquisa urbana. Segundo YOSHIMI, podemos resumir esta perspectiva do seguinte modo:

Na “perspetiva de performance” qualquer cenário composto pela mídia, construções e até pela disposição das mesas e de cadeiras, estrutura a cidade de maneira sobreposta enquanto palco/platéia. Esse espaço de representação sobreposto por diversas cômodas, ou seja, numa composição topológica do “teatro”, as pessoas ora como ex, ora como ator⁷, se auto representam. Porém, nesse caso, o que é expectador e o que é ator, ou seja, aquele que olha e aquele que é olhado, são simultâneos e circulantes. Se nós pudermos aproveitar o dinamismo simultâneo e circulante dos olhares enquanto nos relacionamos com a composição topológica por intermédio dos cenários, estaremos a caminho de esclarecer as relações estratégicas que, semelhantes uma teia de aranha, se encontram na cidade e ao mesmo tempo estaremos ligando a estrutura total da sociedade [YOSHIMI, 1987: p.16-17].

A “perspectiva da *performance*” apareceu dentro das seguintes pesquisas:

- a) Dramatismo de Kenneth BURKE⁸;
- b) Metodologia dramatológica de Erwin GOFFMAN⁹;
- c) Modelo de sociodrama de Victor TURNER¹⁰.

Estas pesquisas influenciaram muito a sociologia, a sociopsicologia, a antropologia e a política a partir da década de 70. Além disso, outros trabalhos abordaram o tema da

⁷ No original em inglês: “performer.”

⁸ Kenneth Burke, “Dramatism,” *The Encyclopedia of the Social Science*, 1968 : 445-451.

⁹ Erving Goffman, *The Presentation of Self in Everyday Life*, 1959.

¹⁰ Victor Turnar, *Drama, Field, and metaphors*, 1974.

perspectiva da *performance*. Entre eles estão: o trabalho pioneiro de Nicolas Evreinoff (1879-1953), o de Georges Balandier (1920-) e a abordagem antropológica como a teoria de estado teatral de Clifford Geertz (1926-).

3) Para interpretação da heterogeneidade das várias culturas no bairro, aplicamos o conceito de heterogeneidade cultural e pensamos alcançar a abordagem antropológica de turismo porque este bairro tem a característica de área turística. A antropologia turística trata os documentos fotográficos e as imagens como objetos de análise, e está obtendo bastantes resultados.

Até hoje, vários álbuns de fotos mostram esse método utilizado inconscientemente, e a obra de YOSHIMI [1987], a série dos *Cadernos do Igepacsp* [DPDH, 1986] e a série dos *Cadernos Cidades de São Paulo* [Instituto Cultural Itaú, 1993] revelam um aproveitamento um pouco mais consciente dessa metodologia. Porém, neste estudo, pretendemos aproveitar os documentos fotográficos de forma ativa. Por meio desse trabalho, podemos seguir as pistas da transformação da vista da cidade.

As três fotos que constam dos documentos fotográficos no fim deste trabalho mostram a transformação da vista (prédio, infra-estrutura, etc.) da Rua Liberdade (agora, Av. Liberdade).

A **Foto. I-2** mostra a Rua Liberdade em 1909. Não sabemos a que parte da rua esta foto corresponde. Nesse tempo, as ruas ainda não eram pavimentadas nem havia bonde. A **Foto. I-3** mostra a Rua Liberdade em 1945. Nesse época, vista já é urbana: o pavimento com asfalto, os cabos de eletricidade, o bonde, a estação e o arranha-céu ao fundo no centro de São Paulo. Mas ainda não havia se iniciado o processo de verticalização no bairro. A **Foto. I-4** mostra a Av. Liberdade atual. O bonde e os cabos de eletricidade desapareceram, adiantou-se o processo de verticalização das construções. Apenas o prédio central que tem a cúpula arredondada e a construção à esquerda guardam as aparências antigas. Entretanto, uma parte da construção esquerda

transformou-se em um restaurante chinês.

Dessa maneira, podemos seguir a transformação visual do bairro com os documentos fotográficos e compensar a dificuldade da análise dos documentos históricos escritos e das entrevistas. Além da utilização dos documentos fotográficos, podemos promover um resgate das lembranças das vivências passadas dos entrevistados. As fotos de posse dos moradores do bairro podem perder-se com o passar do tempo. Por isso, há urgência nos apressar em coletá-las.

CAPÍTULO II

ETNO-HISTORIOGRAFIA DO BAIRRO ORIENTAL

II-1. Pré História do Bairro Japonês – até 1914

A história do Bairro Japonês, ao redor da Rua Conde de Sarzedas, iniciou-se logo depois da chegada dos primeiros imigrantes japoneses em 1908. Como era a situação da cidade de São Paulo naquele tempo? A situação da vida dos japoneses no Bairro Japonês não está dissociada do crescimento da cidade de São Paulo. Primeiramente, pretendemos resumir a história do desenvolvimento de São Paulo como cidade moderna.

São Paulo, a partir dos meados do século XVI, ainda como vila jesuíta, veio desempenhando a função econômica como centro distribuidor dos produtos importados, ligando o interior à região litoral que foi a porta do mercado europeu durante três séculos. Naquele tempo, São Paulo era ainda região de periferia dentro da estrutura econômica da colônia brasileira que produzia unicamente os produtos para o mercado de consumo europeu. Entretanto, depois que o café, introduzido no século XVIII, começou a ser despachado de Santos via São Paulo, a economia de trânsito de distribuição se ampliou. A instalação da ferrovia promoveu a industrialização, e a imigração dos estrangeiros que seguiu a libertação dos escravos em 1888 provocou o aumento demográfico e a urbanização ao redor da capital.

A situação daquele tempo é descrito na *História do Brasil* de Boris FAUSTO da seguinte forma;

A capital paulista era também o grande centro distribuidor dos produtos importados, o elo entre a produção cafeeira e o porto de Santos, e nela se encontravam a sede dos maiores bancos e os principais empregos burocráticos.

A partir de 1886, São Paulo começou a crescer em ritmo acelerado. A grande arrancada se deu entre 1890 e 1900, período em que a população paulistana passou de 64.934 para 239.820 habitantes, registrando uma elevação de 268% em dez anos, a uma taxa geométrica de 14% de crescimento anual. Em 1890, São Paulo era a quinta cidade brasileira, abaixo do Rio de Janeiro, Salvador, Recife e Belém. No início do século chegaria ao segundo lugar, embora ainda muito distante dos 688 mil habitantes da capital da República. Em comparação com o Rio de Janeiro, São Paulo continuava a ser apenas a capital de uma grande província [FAUSTO, 1994, 284-285].

Dentro dessa mudança, a partir da metade do século XIX, São Paulo se organizava como uma cidade moderna.

Em seguida, vamos ver o Distrito da Liberdade onde cresceu o Bairro Oriental.

Na expansão do Distrito Sul da Sé, em meados do século XIX, duas importantes estradas orientaram o desenvolvimento do futuro bairro da Liberdade. Uma é a estrada para Santo Amaro e a outra é a estrada Vergueiro, continuação da rua da Liberdade, ao Sudoeste, em direção ao ribeirão do Ipiranga, até encontrar o Caminho do Mar. Essas estradas se tornaram, respectivamente, as atuais Rua da Glória e Av. Liberdade [GUIMARÃES, 1979: p.43].

Essas duas estradas foram de importância fundamental para o povoamento da região que viria constituir o bairro da Liberdade. Entretanto ainda não se podia dizer que começaria o desenvolvimento moderno. Para os lados da Tabatinguera havia uma trilha que levava à aldeia de Caiubi, tão antigo quanto o Colégio dos Jesuítas que deu origem a São Paulo; essa trilha levava à Mooca. Ao longo dessas estradas erguiam-se apenas ranchos de tropeiros e chácaras e nas adjacências do núcleo colonizador aparecia um pequeno adensamento de edificações abastadas [DHDP, 1986: p.13].

No início do século XX o bairro era ainda tipicamente residencial, de classe média, sendo que nas principais ruas encontravam-se algumas residências mais abastadas [idem, 1986: p.23].

As construções das ruas Galvão Bueno, Conselheiro Furtado, São Paulo e São Joaquim, que atualmente, caracterizam o Bairro Oriental, surgiram de 1881 a 1890. Vejamos o **Mapa 3: Evolução urbana e transformação**. Podemos saber que até 1881 foram construídas as ruas: Liberdade (atual Av. Liberdade), da Glória, Tabatinguera, dos Estudantes e uma parte da Galvão Bueno (Praça. da Liberdade-Tomaz Gonzaga), até 1868. Foram construídas a maior parte da Rua Conselheiro Furtado, da Rua Barão de Iguape e da Rua Dr. Tomaz de Lima até 1881 e a complementação das Rua São Joaquim, Galvão Bueno, Taguá, Glicério e Tamandaré, que constituem as ruas principais da Liberdade até o início deste século.

A situação do bairro no início deste século é descrito da seguinte forma:

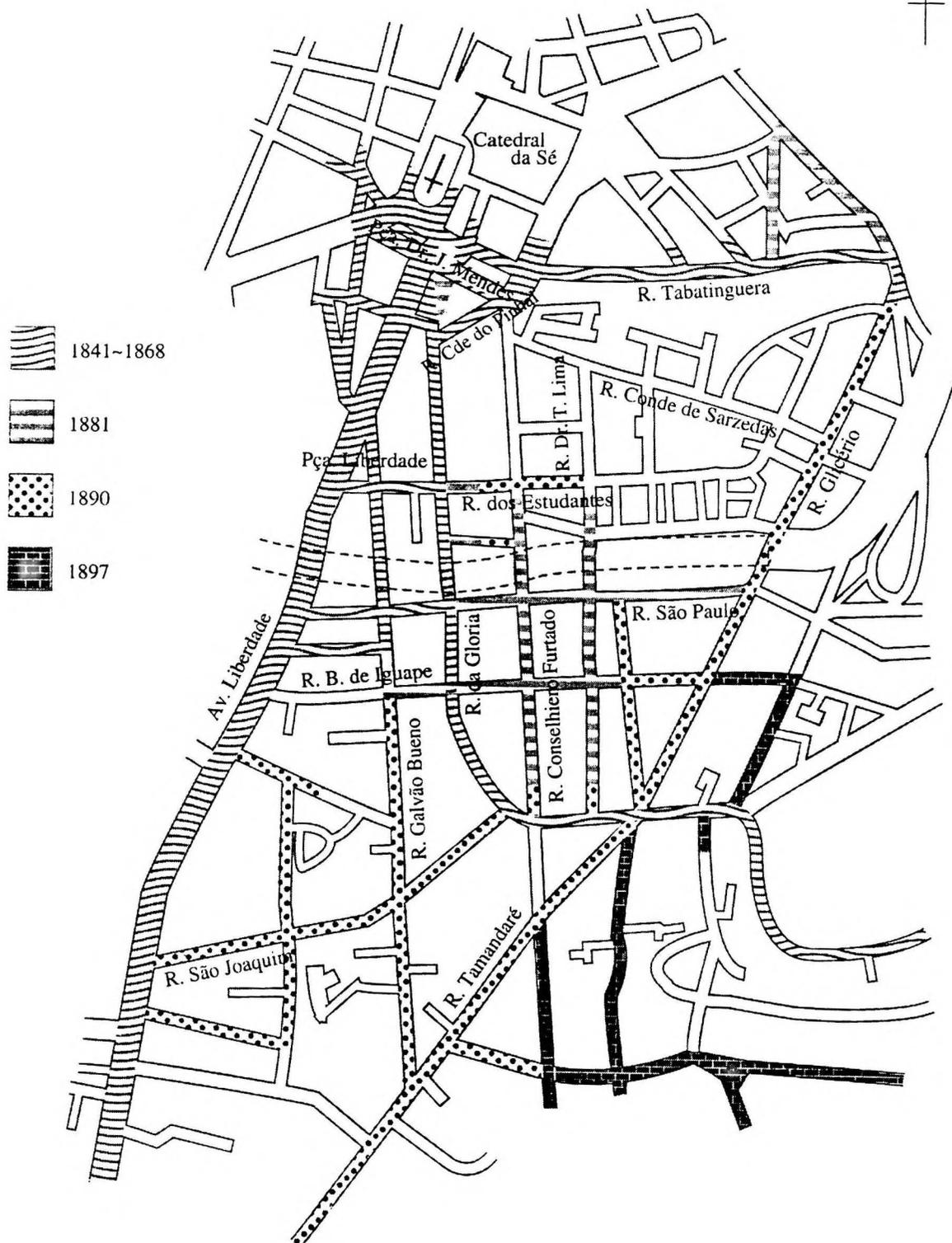
No início do século XX o Bairro da Liberdade era ainda tipicamente residencial, de classe média, sendo que nas principais ruas encontravam-se algumas residências mais abastadas [DPDH, 1986: p.23].

A instalação de imigrantes, primeiro italianos, segundos de portugueses e mais recentemente de orientais, provocou profundas transformações na região [idem: p.23].

Segundo N. R. (1921-), descendente de portugueses e dono comercio na Praça da Liberdade até hoje, na década de 1930, quando ele era criança, o bairro ainda era área residencial dos italianos e portugueses e não havia muitos asiáticos.

Meu pai iniciou uma leiteria na Rua da Liberdade de 1934 e depois abriu casa de vela em 1943. A Praça. da Liberdade era um parque e o bairro era uma área residencial tranqüila. Havia terrenos desocupados onde a gente sempre jogou futebol.

Mapa 3 : Evolução urbana e transformações



De acordo com as palavras de N. R., podemos imaginar a tranquilidade desta área residencial nesta época. (V. Foto. II-1 e 2.)

II-2. Bairro Japonês (1) “Conde” 1915-1942

II-2-1. Origem da “Conde” como primeiro bairro japonês no Brasil

Enquanto São Paulo estava se desenvolvendo como cidade moderna, no dia 18 de junho de 1908, os primeiros imigrantes japoneses chegaram a Santos. A grande maioria deles se dispersou pelas fazendas, e poucas pessoas sobraram em São Paulo. Foi após 1910 que os imigrantes japoneses começaram a se concentrar perto da Rua Conde de Sarzedas, conhecida por “Conde”¹¹, que se desenvolveria como bairro japonês.

Podemos encontrar o seguinte trecho em *O Imigrante Japonês: História de Sua Vida no Brasil* sobre a “Conde” da época de 1912:

A rua Conde de Sarzedas (abreviada doravante para rua Conde) era uma ladeira íngreme de onde, olhando-se de cima, avistavam-se apenas duas ou três casas do lado direito. No lado esquerdo enfileiravam-se casas, parecendo uma muralha de pedra a sustentar a colina de Piratininga, o ponto central da cidade de São Paulo. A parte inferior da ladeira era um extenso brejão, coberto de matagal e cortado por um córrego [HANDA, 1987, 156].

Dentre os fatores que contribuíram para que os japoneses se fixassem na região da “Conde”, podemos citar, de acordo com o livro de HANDA: 1) Aluguel barato; 2)

¹¹ Ao redor da Rua Conde de Sarzedas, isto é, uma área que inclui a Rua Irmã de Shimpriano, a Rua Conde do Pinhal, a Rua Conselheiro Furtado, a Rua Tomas de Lima, a Rua Estudantes e etc., entre os japoneses era chamada de “Conde” naquela época. (V. Foto. II-3-6.)

Possibilidade de chegar ao centro a pé; 3) Possibilidade de comer comida japonesa.

Estas condições fazem-nos recordar o que WIRTH escreveu em *The Ghetto* :

Os imigrantes fluíram para slum porque esse lugar tinha a primeira condição que era barata. Além disso, eles acharam que os empregos estariam numa distância acessível a pé. Finalmente, aqui, na ausência do proprietário da casa alugada, era muito pouca a resistência para a invasão de pessoas com um baixo nível de vida e cultura diferente. A grande maioria dos imigrantes não tinha cidadania, portanto eram politicamente impotentes para melhorar suas condições. Mesmo que eles tinham dirigir, não desejariam isso. Porque a grande maioria deles considerariam que slum não passava de um lugar temporário [WIRTH, 1928: p.198].

Com relação ao item 1), a grande maioria das residências dos moradores japoneses, quando nasceu a “Conde”, era porões muito baratos.

Com relação ao item 2), a primeira necessidade dos japoneses que vieram a São Paulo era a informação sobre empregos. E seria mais fácil obtê-la próximo ao centro da cidade. Especialmente depois da grande colheita de café fracassada em 1908, a prosperidade da economia de 1911 e 12 gerou o aumento demográfico e a necessidade de construções e prédios residenciais. Essa situação fez com que os moradores japoneses da “Conde” ganhassem empregos de carpinteiro e pintor. Durante o período, o escritório da Companhia de Emigração Imperial (皇国殖民会社) ficava na Rua Rodrigo Silva (1908-1909), e mais tarde o Consulado Geral do Japão foi instalado no Largo da Sé do Centro (1915-19). Estes fatores também contribuíram para reunir os japoneses ao redor da “Conde”. O quateirão do centro dessa época era diferente do atual. HANDA publica um mapa simples do centro em 1908 como consta na página seguinte.

Com relação ao item 3), no número 20 da Rua São Paulo (esquina com a Rua

Sinimbu) moraram os primeiros funcionários japoneses da Comercial Fujisaki (藤崎商会) iniciada na Rua São Bento em setembro de 1906, que inclusive, haviam contratado um casal japonês para preparar comida japonesa. O preparo de pratos japoneses era possível porque entre os artigos importados pela Comercial Fujisaki havia mantimentos destinados aos funcionários da casa, como o *misso* (sopa de soja) e o *shôyu* (molho de soja). Ali, os imigrantes que fugiam das fazendas sem destino certo e que finalmente chegavam a São Paulo, depois de muito perambular, podiam ter a satisfação de saborear a saudosa comida japonesa [HANDA, 1987, p.154] .

Em 7 de outubro, é fundada a escola *Taishô Shôgaku* (大正小学校) na Rua Conde de Sarzedas, 38 tendo por professor *Shinzô Miyazaki*, que lecionava na ocasião para três alunos. Esta escola sucedeu uma outra, então mantida durante um ano por *Jinshirô Tagashira*. A existência dessa escola foi a grande atração para os japoneses, porque a educação dos filhos era um problema da maior importância para eles. O estabelecimento da escola significa a concentração demográfica e a fixação de um grupo. (V. Foto. II-7 e 8.) Portanto, pode-se estabelecer o ano de 1915 como nascimento da “Conde” enquanto bairro étnico japonês.

Com uma citação de CASTALDI, Boris FAUSTO descreve que as “escolas de colônia” mantêm uma identidade étnica e formam uma nova identidade com as seguintes palavras:

As ‘escolas de colônia’ são outra área a ser pesquisada. Essas escolas podem representar o esforço pela afirmação de uma identidade separada ou de uma nova identidade [FAUSTO, 1991: p.39].

CARDOSO, Ruth Corrêa Leite por sua vez indicou, dentro da sua pesquisa que,

dentro da estrutura japonesa familiar e sua mobilidade social, podemos compreender a urbanização dos japoneses como um momento do processo de ascensão social por um desejo de maior escolarização para a geração mais jovem [CARDOSO, 1995: p.23]. A antropóloga aponta a importância da escolarização na relação entre a primeira e a segunda geração da família japonesa da seguinte forma:

Os sucessivos êxitos como agricultores trouxeram novos estímulos e novos objetivos para estas famílias. Os imigrantes transformados em proprietários ou com perspectiva de sê-lo radicaram-se no Brasil e, por várias razões, abandonaram o desejo de retornar à pátria. Propunha-se então o problema de como educar os filhos, os *nissei* que nasceram com a possibilidade de herdar terras e dispor de recursos para sua profissionalização.

Aos *nissei* foram dadas condições para conseguir um nível educacional mais alto que permitisse o exercício de profissões urbanas. Deste modo, a segunda geração estaria dando continuidade ao processo de ascensão social vivido por estas famílias, cuja meta era, sem dúvida, oferecer um patrimônio e “uma vida melhor” para os filhos [CARDOSO, 1995: p.70].

Assim, a escolarização dos filhos sempre foi um assunto muito sério para os imigrantes japoneses.

A mesa redonda “Conde na Época de sofrimento”, que foi realizada sob a direção de Kumaki Nakao em 1964, então presidente da Sociedade Paulistana de Cultura Japonesa relembra a história da “Conde” e inclui muitos depoimentos importantes que pertencem à história oral. Nessa mesa redonda a história foi dividida da seguinte forma: 1) 1914-15; 2) os primórdios; 3) os tempos áureos; 4) sob a guerra.

Entre tantas outras, Umeda aponta como causa da concentração dos japoneses na “Conde” dizendo de maneira marcante:

Pela minha experiência, sabe... Tentei trabalhar no interior por 9 meses, mas como não tinha experiência na lavoura e os mosquitos eram muitos, acabei vindo de lá com uma pequena quantia. Chegando a São Paulo, nada sabia e por isso pedi a um amigo que viesse me pegar na estação e morei por alguns meses no Cambuci. Só que se não fosse para a Conde não conseguiria nada. Ainda mais porque eu não sabia falar português. Enquanto ia passear diversas vezes, acabei me mudando para a Conde. Dessa forma, também havia pessoas que moravam mais longe como na Mooca e outros lugares mas como nas era possível conversar com ninguém, acho que todos se reuniam por se sentirem sozinhos. Quanto mais se reuniam, mais aumentaram as chances de se fazer o que fosse (...) [NAKAO etc., 1964: p.3].

Apesar de ter se formada a escola, é claro que a mobilidade dos moradores da “Conde” na fase inicial ainda era muito alta, e o aparecimento do bairro japonês típico se deu a partir da década de 20.

II-2-2. Formação da “Conde”

Em 1920 havia cerca de 300 japoneses residindo na Rua Conde de Sarzedas [DPDH, 1986: p.29]. Este bairro entra no tempo áureo a partir de meados da década de 30 até o início de 40 como bairro japonês do pré Guerra Mundial.

Vamos listar os eventos principais do bairro japonês desde 1915.

- 1916 -Em janeiro, *Ken-itorô Hoshina* dá início à veiculação da jornal mimeografado *Nambei*, o primeiro periódico semanal em língua japonesa,
 - No dia 24 de setembro, houve o primeiro jogo de *baseboll* no estádio de baixo da ladeira de Conde,
- 1917 -Em 31 de agosto é lançado o *Brajiru Jihô*, impresso tipograficamente, da ficava empresa *Kaigai Kôgyô*. Tem por representante *Seisaku Kuroishi*. O escritório na Rua Conde de Sarzedas,
 - Em 13 de maio, estabeleu-se *Mikado Sport Club*, nas instalações da escola

Taishô Shôgakko, da Rua Conde de Sarzedas,

- 1922 -Em 15 de maio, o *Midori Kobayashi* inaugura a escola dominical *Taishô Shôgakko*, localizada na parte baixa da Rua Conde de Sarzedas. Tinha por finalidade a doutrinação cristã das crianças,
- 1923 -Uma quadra de tênis foi construída entre as Rua Conde de Sarzedas e dos Estudantes,
- 1924 -Em 26 de fevereiro, nasce a associação *Zaihaku Nipponjin Dôjinkai* (Associação de Beneficência Universal dos Japoneses Radicados no Brasil) com 29 membros mantenedores,
-Em 9 de maio, o hotel *Tokiwa Ryokan* começa a operar na Rua Conde de Sarzedas, 41,
- 1925 -O internato *Seishû Gijuku*, administrado por *Midori Kobayashi*, começa a funcionar na Rua Garvão Bueno 85 (atual 409). Inicialmente com pouco mais de 20 alunos matriculados, no ano seguinte este número cresceu para 70, obrigando a ampliação do prédio,
-O Bairro Japonês, como era conhecido então a Liberdade, estende-se da Rua Conde de Sarzedas até a Rua Conselheiro Furtado, para em seguida atingir a Rua Galvão Bueno e suas adjacências como as Ruas Fagundes, São Joaquim e Tamandaré,
- 1928 -Em outubro, a *Zaihaku Nipponjin Dôjinkai* é reconhecida oficialmente como associação,
- 1929 -As residências construídas no início do século, localizadas na Rua Galvão Bueno, lembram os estilos do tempo do Império. O calçamento da rua, de paralelepípedos, contrasta com as lâmpadas a gás e árvores. Na altura do nº 690 daquela rua há uma ponte de tronco de árvore,
-Em 10 de abril, o jornal *Nippak Shimbun*, localizado na Av. Liberdade 146, é

- atacado por um agressor,
- No início do ano, o Dr. *Sentarô Takaoka* abre um consultório médico na Rua Fagundes,
 - A filial da empresa *Kaigai Kôgyô* muda-se para a Rua Tamandaré,
 - Em junho, é realizado o primeiro show beneficente de variedades,
 - Inaugra-se a casa de doces *Caxingui Kashiten*. Na época, vendedores de leite de cabra comercializavam o produto nas ruas de São Paulo,
 - Instaura-se na Rua São Joaquim, o alojamento da Associação de Pais e Alunos da escola *Taisho Shôgakkô*, aproveitando o antigo prédio do *Nippak Shimbun*,
- 1931 -Em 15 de janeiro, funda-se a primeira exposição de arte dos japoneses residentes no Brasil, no *Nippon Club*, localizado na Av. Liberdade,
- 1932 -Inaugurada a linha de auto-bonde na capital,
- 1933 -Em abril, o Dr. *Sentarô Takahashi* funda a Associação *Goseikai* na Rua Conselheiro Furtado 91, e publica o boletim *Katei to Kenkô* (Lar e Saúde),
- Em 18 de junho, realiza-se a comemoração do 25º Aniversário da Imigração Japonesa no Brasil, que acontece nas instalações do Hospital Japonês. Após a cerimônia, fez-se o assentamento da pedra fundamental,
- 1934 -Em 3 de janeiro, acontece o primeiro ensaio da Academia Futaba de Nagauta,
- Em 18 de abril, funda-se o *Zaihaku Nippon Bunka Kyôkai* (Associação Cultural dos Japoneses Residentes no Brasil), tendo como presidente *Shigetsuna Furuya* e vice-presidente *Kunito Miyasaka*,
 - A Associação de Pais e Alunos passa a se chamar *Kyôiku Fukyukai* (Associação de Difusão da Educação) e muda-se para a Rua Garvão Bueno,
 - A partir dese ano, até meados de 1940, instalam-se na Rua Conde de Sarzedas o *Nakaya Shôten*, o Consultório Odontológico *Murakami*, o *Tokiwa Ryokan*, Consultório Odontológico *Kinjo Yamato*, *Casa Endo*, *Restaurante Aoyagui*,

Casa Kunii, Casa de Armas Watanabe e outros,

-Em 16 de julho, é promulgada a lei de restrição para 2% de Imigrantes Estrangeiros,

-Em 15 de agosto, é criado um programa de língua japonesa, com duração de 15 minutos, numa emissora de rádio na cidade de São Paulo,

-Em novembro, o jornal *Seishu Shinpô* transfere-se de Bauru para São Paulo,

1935 -Concluída a obra de construção do Mercado Central Municipal, na Rua Cantareira. Lá é a nova zona de concentração de japoneses, em que predominam os japoneses que trabalham no setor de frutas e verduras,

Os jogos esportivos também começaram cedo na comunidade japonesa da “Conde”, como o primeiro jogo de *baseboll* no estádio de baixo da ladeira da “Conde” em 1916, e a primeira quadra de tênis que construiu-se entre as Ruas Conde de Sarzedas e dos Estudantes em 1923.

Podemos encontrar o seguinte trecho em “O Enquistamento Étnicos” de Oscar ARAÚJO sobre a “Conde” da última parte da década de 30 como mencionamos no capítulo anterior:

Está situada, como aquela, proxima do centro comercial e é, em sua quasi totalidade formada de construção antiga, o que facilita a constituição de moradias coletivas. O comercio, neste trecho, é feito em geral por japoneses, emprestando ao ambiente um cunho oriental bastante curioso. Alí são encontrados, com facilidade, produtos tipicos, como o “Aji-no-moto” ou o “Caril Shinyo” , importados diretamente e toda sorte de bijuteria delicada e interessante, que só o japonês sabe executar com tanta perfeição e habilidade. E os anuncios e as placas dos estabelecimentos comerciais? Escritos, em parte, com os caracteres adotados no País do Sol Nascente, emprestatu ao ambiente um cunho especial. Aqui é uma taboleta de uma pensão japonesa, alí é um hotel, acolá de um barbeiro ou de um tintureiro. De tudo encontramos: quitandas, leiterias, confeitarias, marcenarias, sapatarias, farmacias, livrarias e até casa bancaria, sempre com empregados e profissionais japoneses ou filhos de japoneses. Houve época em São Paulo,

em que a maior parte dessas casas comerciais apresentavam suas placas escritas em japonês. Na atualidade algumas ainda ostentam a referência japonesa por baixo da denominação em português [ARAÚJO, 1940, p.237].

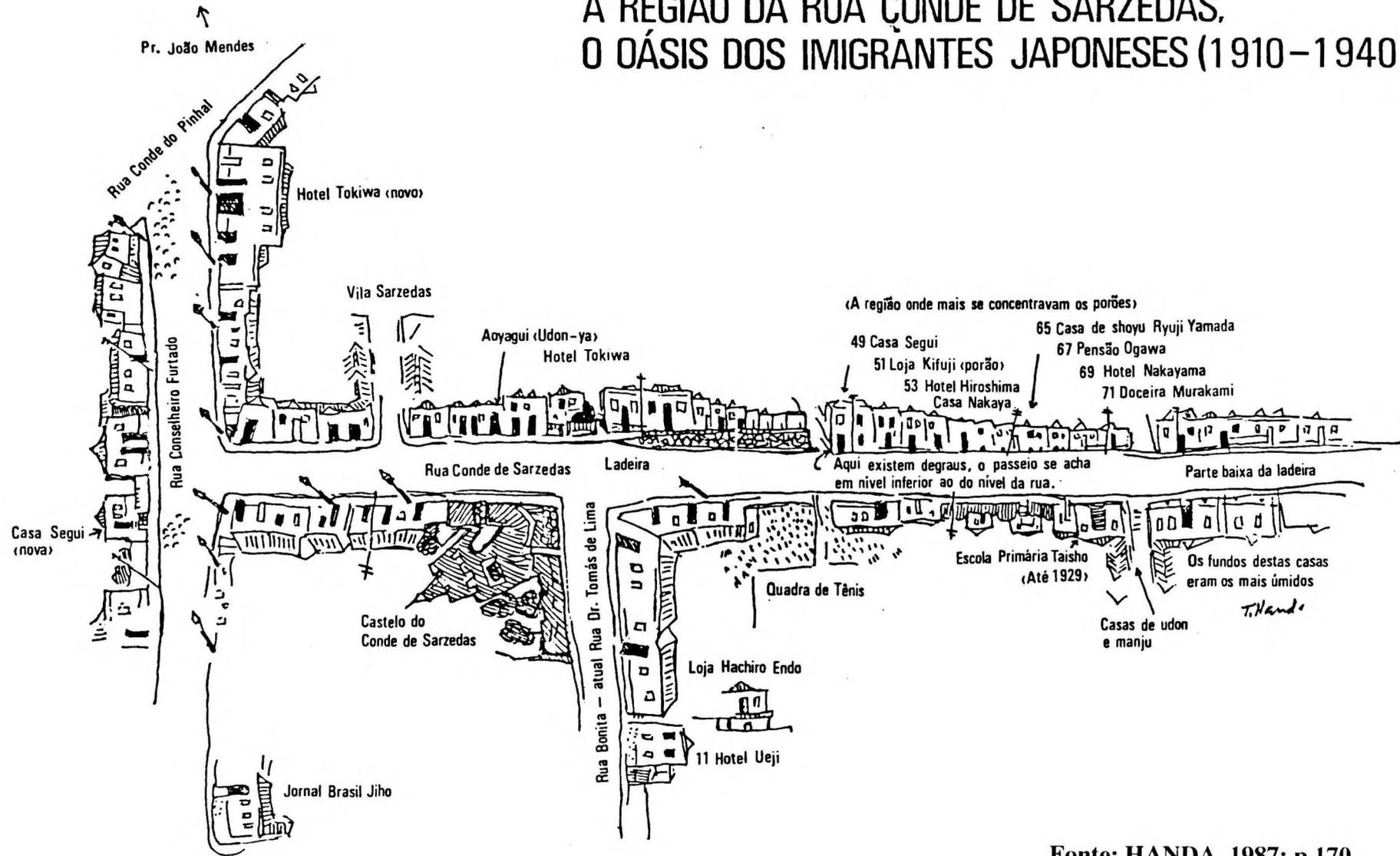
De acordo com este trecho, podemos entender que o bairro japonês da “Conde” de um olhar externo, do ponto de vista dos brasileiros, ocupava um lugar peculiar enquanto um espaço étnico em São Paulo. HANDA publica um mapa do bairro no qual podemos ter uma idéia como pode-se observar na página seguinte.

Os imigrantes japoneses que não poderiam deixar de prolongar sua estadia, mudaram de estratégia [MAEYAMA, 1996: p.213-214]. Deixaram de ser *dekasegui* e criaram uma “nova terra natal”. Ou seja, o Bairro Japonês da “Conde” era a construção da segunda terra natal dos japoneses que perderam o Japão enquanto terra natal.

A decadência do Bairro Japonês veio de repente. Devido à ordem de evacuação em 1942, os moradores japoneses da “Conde” tiveram que jogar até a sua segunda terra natal na qual acostumaram-se a morar. Assim, põe-se fim à história do Bairro Japonês da “Conde” que durou 30 anos.

Infelizmente, não há muitas fotos que retratam a vida urbana dos imigrantes japoneses da época. Só podemos imaginar as expressões, os trajes e as lojas etc, por meio das fotos de alguns álbuns que foram publicados antes da Segunda Guerra Mundial. Aliás precisamos entender que a grande maioria dessas fotos são de ocasiões especiais que não mostram as imagens da vida diária. (V. Foto. II-9-14.)

A REGIÃO DA RUA CONDE DE SARZEDAS, O OÁSIS DOS IMIGRANTES JAPONESES (1910-1940)



Fonte: HANDA, 1987: p.170

II-3. Bairro Japonês (2) “Galvão Bueno” 1945-1975;

II-3-1. Recuperação dos japoneses

Uma das razões pelas quais os japoneses foram para as proximidades da Praça da Liberdade e evitaram a “Conde”, à qual já tinham se acostumado, é a ladeira muito íngreme os danos causados pela inundação. A ladeira acentuada da Rua Conde de Sarzedas era um inconveniente para as pessoas se locomoverem. (V. **Foto. 15.**) Há até um *haikai*: “*Hojirizaka norarikurarito arukikaru*” (data Gyôsetu, significa Na ladeira da Rua Conde de Sarzedas, é difícil de caminhar.)

Pudemos constatar que a ladeira da Rua Conde de Sarzedas é realmente muito íngreme. No livro de Handa temos a seguinte passagem: “A parte inferior da ladeira era um extenso brejão, coberto de matagal e cortado por um córrego” [HANDA, 1987: p.156].

A topografia do terreno era propícia a enchentes. De acordo com o mapa “Planta da Cidade de São Paulo”, levantada pela Companhia Cantareira e Esgotos Henry B. Joyner M.I.C.E” de 1881, ainda não podemos encontrar o nome topônimo de “Conde de Sarzedas”. O lugar que está rodeado pela “Tabatinguera”, “Travessa da Glória” e “Rua da Glória” é um espaço em branco. Talvez não fosse um lugar para pessoas morarem. Atualmente, ainda permanecem os nomes de “Várzea do Carmo ” e “Várzea do Glicério”. De acordo com o mapa “SARA-Brasil” de 1930, a cota da parte inferior da ladeira da Conde de Sarzedas é de apenas 725,3 metros em comparação com o Largo de Sete de Setembro, que fica no cimo da ladeira, e a Praça da Liberdade que têm respectivamente, 762 metros e 766,15 metros de altura.

A grande maioria dos japoneses tinham que residir nos porões sofria muito com as chuvas e a inundação. Na verdade, podemos encontrar a inundação ao redor da Rua do Carmo, parte nordeste da “Conde”, se virmos a foto da Várzea do Carmo em 1902

Planta da Cidade de São Paulo (1881)



Fonte: Cia. Cantareira e Esgotos
Henry B. Joyner M.I.C.E., 1881

[SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA etc., 1981, p.152-153]. (V. **Foto.II- 17.**)

A ladeira da 'Conde' não é adequada para o comércio. Por isso, aquele bairro não se transformou até hoje [NAKAO etc., 1964: p.12].

Como a declaração do velho imigrante japonês acima citada, ele condenou a possibilidade do desenvolvimento da “Conde” como a área comercial. A “Conde” não era lugar adequado para comércio e nem para moradia.

Y. K., nascido a 11/08/1918 em Ôkawa na província de Kagawa, chegou ao Brasil em 1935. Imediatamente entrou na fazenda de Bastos, e veio a São Paulo no ano seguinte, trabalhando na Hase Ltda. que ficava na Rua Irmã Simpliciana até 1938. Ele agora mora na Rua Conde de Sarzedas, e tendo uma loja. Os japoneses raramente ficam na “Conde”.

Na parte de baixo da ladeira da Rua Conde de Sarzedas quando chovia muito, éramos prejudicados pelas águas. Não era um lugar que se pudesse morar.

diz Y. K. sobre aquela época.

Avantagem de se uma poder ir a pé ao Centro era uma das razões da concentração de japoneses ao redor de Conde de Sarzedas. Porém, embora ficasse perto geograficamente, ir ao Centro era muito custoso da parte baixa da ladeira. Já da Praça da Liberdade não há a mesma diferença com o Centro. Além disso, parece que alguns dos comerciantes japoneses tinham vontade de ir o mais perto possível do Centro.

Porém, durante algum tempo depois do término da Segunda Guerra Mundial, a situação ficou confusa por causa da disputa entre *kachigumi* (o grupo dos vitoriosos) e *makegumi* (o grupo dos esclarecidos)¹². Apesar desse ambiente, a comunidade japonesa estava voltando a respirar ao poucos. Os japoneses que moravam na Rua Cantareira, e Pinheiros, por exemplo, estavam aguardando a oportunidade de expandir-se para o Centro da capital.

Vamos listar os eventos principais da comunidade japonesa de São Paulo, desde o fim da guerra até o início da década de 50:

- 1946 - Em 12 de outubro, funda-se o *São Paulo Shimbun*, o primeiro jornal em língua japonesa no pós-guerra,
 - Reedita-se o jornal *Brajiru Jihô*,
- 1947 - Em 1 de janeiro, funda-se o Jornal Paulista (*Paulista Shimbun*), partidário da linha *Ninshiki-ha* (*Makegumi* = os grupos esclarecidos),
 - Sob liderança de *Chibata Miyakoshi*, gerente da filial da *Kaigaikôgyo*, é organizada a *Bokoku Sensaisha Kyusaikai* (Associação de Ajuda às Vitimas

¹²Um conflito que ocorreu logo depois da Segunda Guerra Mundial entre os nikkei nas cidades de São Paulo e do Paraná. A Segunda Guerra Mundial acabou com a derrota do Japão, porém, corriam boatos de que o Japão vencera. O *kachigumi* (vitoristas), pessoas que acreditavam na vitória do Japão e o *makegumi* (esclarecidos), as que de tinham a informação correta acabam entrando em confronto. A *Shindô-renmei*, uma organização central do *kachigumi*, por diversas vezes praticou atos de terrorismo e, em resposta, o *makegumi* fez represálias. O número total de incidentes com feridos e mortos chegou a 109 casos até janeiro de 1947 [COMISSÃO EDITORIAL DOS 80 ANOS DA IMIGRAÇÃO JAPONESA NO BRASIL, 1992 p.171]. As autoridades brasileiras inquietaram-se com essa situação grave, até que finalmente o DOPS interviu nesse acontecimento, e o número de detidos atingiu 387 entre outubro e novembro de 1946 [idem: p.154]. Ao mesmo tempo, o movimento de esclarecimento pelo *makegumi* foi intenso e a situação se estabilizou. Entretanto, esse acontecimento deixou marcas profundas na comunidade nikkei.

- da Guerra da pátria Mãe),
- Formada uma sociedade, *Shigetsuna Furuya*, *Yoshirô Fujita* e *Yasushi Okinaga* inauguram a Livraria Soî (*Taiyôdô*) e importam livros japoneses via Estados Unidos,
- 1949 -Em 1 de janeiro é fundado o Diário Nippak (*Nippak Mainichi*),
- Em 1 de junho, a *Colônia Bunka Shinkôkai* (Associação de Promoção da Cultura da Colônia) inicia suas atividades. As reuniões realizam-se no antigo escritório do *Kaigai Kôgyô*, na Rua Irmã Simpliciana. Tem como associados *Tomoo Handa* e *Teiichi Suzuki*,
 - Em 31 de julho, a *Esperança Fujinkai* foi fundada por *Seiko Takaoka* e *Fukiko Hachiya*, sendo dirigida anos seguidos por *Sumiko Mizumoto*,
 - Em 23 de agosto, inaugura-se uma filial da loja Sol (*Taiyôdô*),
- 1951 - Em 27 de fevereiro, realiza-se a reunião da Comissão de Preparação do Órgão de Comunicação da Colônia no *Sakura Club*, que mais tarde veio a se chamar *Bunka Kyôkai*,
- 1952 - Em 23 de junho, funda-se a comissão cooperativa da festa do 4º Centenário da cidade de São Paulo. (Depois desenvolve-se como Associação de Cooperação dos Japoneses)
- 1953 - Inaugura-se a *Casa Fuji*,
- Em junho, inauguram-se as instalações do *Cine Niterói*, que possuía sala de projeção, auditório, hotel e um restaurante.

Primeiro há a situação precária, na disputa entre *Kachigumi* (o grupo dos vitoriosos) e *Makegumi* (o grupo dos esclarecidos). Escritórios de jornais foram refundados e fundados, respectivamente, o *Brajiru Jihô* na Rua Fagundes (refundação), o *São Paulo Shimbun* na Rua Tomas de Lima em 1946, o Jornal Paulista (*Paulista*

Shimbun) na Rua Oscar Cintra Gordinho em 1947 e o Diário Nippak (*Nippak Mainichi*) na Rua da Glória em 1948. Esses jornais nikkeis bem ou mal lideraram a expressão na comunidade japonesa.

Além disso, foram fundadas as casas comerciais de longa tradição do bairro como a Ikezaki Cia. e em 1945; a Livraria Sol (*Taiyôdô*) em 1947, a Tunibra Tur Agência de Turismo em 1948, que funcionam até hoje. Pelos eventos públicos da comunidade que se abriram na Liberdade, podemos saber que a Rua Galvão Bueno herdou a função de núcleo da comunidade da “Conde”. Do ponto de vista geográfico, a Praça da Liberdade, que é ponto de partida da Rua Galvão Bueno, fica a apenas umas centenas de metros da Rua Conde de Sarzedas em linha reta. Não era afastada dos moradores japoneses. Pelo contrário, era uma área bem conhecida como passagem para o Consulado Geral do Japão, que ficava perto da Associação Cultural Japonesa naquele tempo. Contudo, nessa época, ainda não apareceu um fator determinate para que a Praça da Liberdade e a Rua Galvão Bueno formassem o Bairro Oriental mais tarde. Temos que esperar pelo aparecimento desse fator até a década de 50. Nesta época, começaram a aparecer algumas fotografias que mostram a situação do bairro. A **Foto. 18.** mostra a Av. Liberdade de 1946 e foi tirado por um jovem fotógrafo japonês, atualmente conhecido da colônia nikkei. A estrada pavimentada, os bondes, as iluminações da avenida e o arranha-céu ao fundo... trata-se já uma cena urbana do bairro.

II-3-2. Aparecimento do Cine Niterói

Podemos enumerar três eventos como oportunidades para formação do Bairro Oriental a partir da década de 50 até a década de 70. A inauguração do Prédio Niterói em julho de 1953, a fundação do Centro da Sociedade Brasileira da Cultura Japonesa em abril de 1964 e a abertura da estação do metrô Liberdade em fevereiro de 1975. Pretendemos considerar a formação dessa área por meio do exame desses três eventos.

Como todos sabem, a primeira oportunidade para o nascimento do Bairro Oriental foi a inauguração do Prédio Niterói no dia 23 de julho de 1953. O prédio foi fundado e administrado pelo comerciante japonês de cereais *Yoshikazu Tanaka* (1906-1979). Era a maior instalação de lazer com cinco andares e um subsolo num terreno de 1.500 metros quadrados de área. O subsolo era o Cine Niterói, um cinema japonês permanente que com 1.500 assentos. Acima do primeiro andar havia o restaurante, a sala de convenções e o hotel. (V. **Foto.II-16.**)

YAHAGI, Fujio o descreveu na *A história da arte popular da colônia japonesa* (1986) da seguinte forma:

Um palácio branco que tinha cinco andares, repentinamente apareceu na Rua Galvão Bueno com uma fileira de árvores e lâmpadas meio escuras. Era um espetáculo magnífico e com certeza todos hão de pensar isso [YAHAGI, 1986: p.265].

Justamente na época áurea do cinema mundial após a Segunda Guerra Mundial, os cinemas japoneses também estavam nessa corrente. “Rashômon”, do diretor Akira Kurosawa recebeu o Grande Prêmio de Veneza em 1951, “Genji Monogatari”, do diretor Kimisaburô Yosimura, Canne recebeu o Prêmio de técnica de filmagem de Canne em 1952. Os filmes japoneses estavam atingindo os seus tempos áureos. O nascimento do Bairro Japonês da “Galvão Bueno” deve ser considerado dentro dessa corrente da história mundial.

Os japoneses sedentos por espetáculo após a guerra e a disputa entre *Kachigumi* e *Makegumi* lotaram, rodearam o Niterói com alegria desvairada. “A fila sem fim” aparecia no jornal. A partir do ano seguinte, lojas como a Doceria Niterói, Suguio, o

Restaurante Asahi, Chá Flora, Naniwa, Nishitani, Bar Kimura, Ikeda, Miyagawa, Arikawa, Uchida e Eguchi, eram inauguradas na Rua Galvão Bueno. A nova rua comercial formou-se por etapas, sendo o modelo do Bairro Oriental mais tarde.

Após essas primeiras, as lojas aumentaram por etapas, a agência do banco Bradesco estabeleceu-se na Praça da Liberdade em 1957. No fim da década de 50, quatro cinemas apareceram no bairro, e ele recebeu o papel de centro de lazer. A Associação de Confraternização dos Lojistas do Bairro da Liberdade, atual Associação Cultural e Assistencial da Liberdade (ACAL), fundou-se quando Yoshikazu Tanaka assumiu a presidência em 1965. Essa associação ficou de planejar e realizar vários eventos para a promoção do bairro como cita a outra parte deste trabalho. Desse modo, desenvolveu-se como núcleo de atividade comercial e de lazer da comunidade nikkei.

II-3-3. Fundação do Centro da Sociedade

Brasileira de Cultura Japonesa

Na década de 50, um outro núcleo da comunidade nikkei nasceu: a Comissão Colaboradora da Colônia Japonesa Pró-IV Centenário da Cidade de São Paulo.

São Paulo, fundada pelos 13 jesuítas no dia 25 de janeiro de 1554, desenvolveu-se de repente graças ao *boom* do café. Ela se tornou a maior cidade comercial e industrial da América do Sul por meio da industrialização e da urbanização. Os movimentos para comemorar condignamente o quarto centenário dessa cidade surgem não só na cidade e no Estado como também na esfera federal. O governo brasileiro tinha a vontade de realizar esse evento para retirar a imagem do Brasil de país subdesenvolvido e mostrar o seu desenvolvimento como país internacional. Assim, às associações étnicas e às representações diplomáticas no Brasil o governo lançou um apelo de participação e apoio para a comemoração.

Todavia, na comunidade nipônica, ainda não inteiramente livre das agitações do

pós-guerra, não existia nenhuma instituição central, e o Consulado Geral do Japão, recentemente reinstalado, ainda não funcionava plenamente. Entretanto, a comunidade nipônica representado pelo centro Kiyoshi Yamamoto, o gerente-geral da Casa Tozan, e o cônsul-geral Shirô Ishiguro por exemplo, reuniu-se muitas vezes para debater a decisão de participar ou não da festa. Como resultado, estabeleceu-se a Comissão Colaboradora da Colônia Japonesa Pró-IV Centenário da Cidade de São Paulo no dia 8 de dezembro de 1954. *Uma Epopéia Moderna: História dos 80 Anos da Imigração Japonesa no Brasil* avaliou esse acontecimento do seguinte modo: “É a primeira entidade que engloba toda a comunidade nipônica do Brasil, em toda a sua história, abrangendo o período anterior e posterior a guerra” [COMISSÃO DE ELABORAÇÃO DA HISTÓRIA DOS 80 ANOS DA IMIGRAÇÃO JAPONESA NO BRASIL, 1992: p.397].

A Rua São Joaquim, justamente no limite do Bairro Oriental ao sul, também é uma ladeira longa como a Rua Conde de Sarzedas. É preciso esclarecer que nesta rua havia uns moradores japoneses desde antes da guerra. O Grupo *Taishô Shôgaku* mudou-se da “Conde” para ela em 1929. Além disso, em julho de 1954, o Cine Tóquio, um cinema japonês permanente, fundou-se próxima à Av. Liberdade. Por que os japoneses concentram-se em ladeiras?

Em abril de 1964, fundou-se o edifício do Centro da Sociedade Paulista de Cultura Japonesa, futuro Centro da Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa do. Suas principais realizações da década de 60 foram a visita de Suas Altezas Imperiais, os Príncipes Herdeiros (atual Imperador e Imperatriz) Akihito e Michiko em maio de 1967, a cerimônia do 60º aniversário da imigração japonesa em junho de 1968 e a construção do auditório comemorativo da visita dos príncipes herdeiros. Assim, o espaço entre a Praça da Liberdade e a Rua São Joaquim desenvolve-se como um espaço organizado. Na mesa redonda realizada em 1996 sob orientação da ACAL, concordou-se que os

japoneses começaram a se organizar nessa época tendo como núcleo a Associação e o Centro Cultural:

Toyama: Em 1964 foi criada aquela associação. Em 1968 foi mudada a designação para Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa

Tanaka: Naquela época, a Associação de Confraternização dos Lojistas do Bairro da Liberdade e a Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa tinham muita força.

Em torno destas duas associações, os nikkeis passaram a se reunir [ONISHI etc., 1996: 99].

Este período corresponde ao novo desenvolvimento da cidade de São Paulo, e a área, que desenvolveria-se como Bairro Oriental no futuro, foi influenciada por essa política. Ou seja, devemos compreender que naquele tempo, pessoas como Tsuyoshi Mizumoto da Associação tentaram acompanhar a onda do desenvolvimento da capital com todo o empenho.

Em 1968, o Prédio Niterói foi transferido para construção da Linha Ragial Leste-Oeste, e abriu-se o atual viaduto Osaka. Na inauguração desse viaduto, o Prefeito Paulo Salim Maluf apresentou seu desejo de que o bairro da Liberdade se tornasse um Bairro Oriental [ONISHI etc., 1996: p.18].

O bairro, porém, que começara como área comercial, dividiu-se pela construção da avenida e devido à desordem pela construção da linha norte-sul do metrô, as lojas nikkeis começaram a deixar o local. O Prédio Niterói, pioneiro do Bairro Oriental, fechou-se em agosto de 1968 e iniciou a mudança para a Av. Liberdade em 12 de outubro. Naquele tempo, a Associação de Confraterização dos Lojistas do Bairro da Liberdade propõe idéias sucessiva para resolver a crise, aproveitando a oportunidade de

que o setor turístico da prefeitura planejara fazer do bairro uma *Little Tokyo*¹³. Isto é, em 1969, é realizada na Praça da Liberdade a Dança de *bom-odori* da 1ª Festa Oriental; em 1970, Tsuyoshi Mizumoto, então o Vice Presidente da Associação, traz 1000 galhos de pés de salgueiro do Japão e enfeita uma parte da Rua Galvão Bueno; em 1972, a Associação convida as principais autoridades da Secretaria de Segurança Pública e pede que sejam tomadas providências contra a onda de crimes na Rua Galvão Bueno; Em janeiro de 1973, foi iniciada a construção do jardim japonês ao lado do Viaduto Osaka; no mesmo ano, deu-se a instalação permanente das lanternas *suzurantô* na Rua Galvão Bueno e adjacências; o bairro ganha o concurso de decoração de ruas das festas natalinas e de final de ano e tem início o concurso de Miss Colônia entre outros. A construção do arco de *Torii* deu-se em janeiro de 1974. A data de nascimento oficial do Bairro Oriental é o dia 9 de novembro de 1974. Um esplêndido desfile foi celebrado para a sua comemoração (V. Foto. II-21.). O jornal São Paulo Shimbun publica a manchete: “O Bairro Oriental—desfile de luz e multidão—A expectativa da prefeitura é a ter um importante recurso turístico”, com o seguinte conteúdo:

A festa da inauguração do Bairro Oriental estava quente a ponto de espantar o frio da época. (...) A multidão atingiu até 40 mil pessoas, encheram as ruas, transformando-se numa das maiores festas que a cidade de São Paulo já teve.

Além disso, na década de 70, a expansão das empresas japonesas para o Brasil estava em alta. Seus funcionários e familiares ocuparam um lugar importante como consumidores do bairro. O **Quadro II-1: Expansão das empresas Japonesas para o**

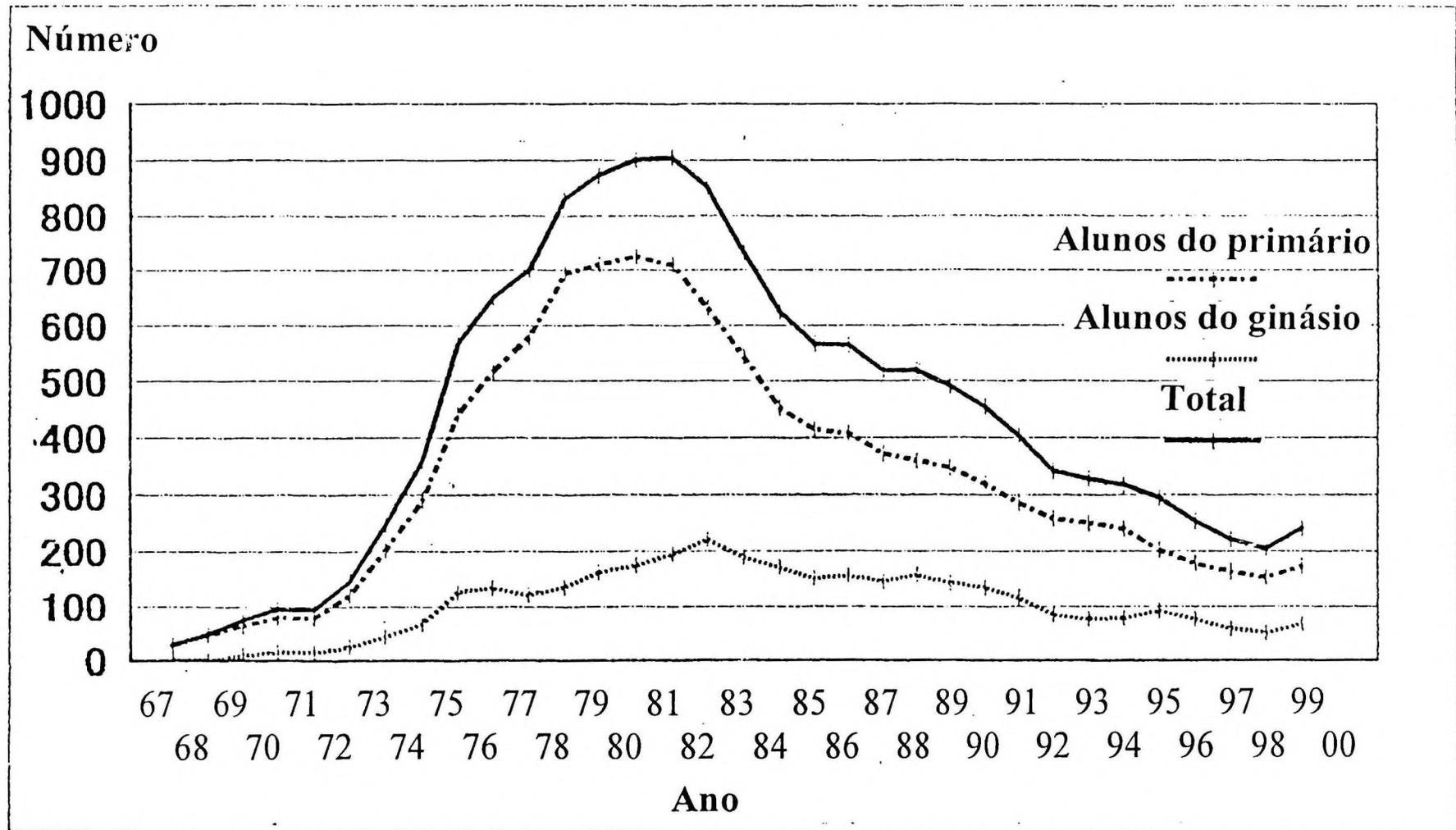
¹³ A *Little Tokyo* é o bairro japonês em Los Angeles dos Estados Unidos. Além disso, é um pronome de área concentrado de japonês.

Brasil, mencionado abaixo, mostra a situação da expansão das empresas japonesas para o Brasil, a maioria das quais instalaram suas filiais ou escritórios em São Paulo. Não temos dados suficientes para saber o número de funcionários japoneses em São Paulo na época. Aliás, podemos conjecturar uma tendência da sua variação por meio de dados como o que se segue: o **Quadro II-2 : Mudança no número de alunos da Escola Japonesa de São Paulo**. De acordo com esse quadro, o número de alunos foi superior a 500 em 1975, depois atingiu o pico entre 1978 e 1982, e começou a diminuir gradativamente, e ficou abaixo de 500 em 1989. Podemos considerar que o número dos funcionários japoneses, que são os seus pais, também mudou de acordo com essa tendência.

Quadro II- 1: Expansão das empresas Japonesas para o Brasil

Ano	Número de empresa
- 69	56
70-74	150
75-79	93
80-81	25
85-	15
Soma total	339

*Fonte: Uma Epopéia Moderna 80 Anos da Imigração Japonesa no Brasil (1992)



**Gráfico II-1 : MUDANÇA NO NÚMERO DE ALUNOS DA ESCOLA
 JAPONESA DE SÃO PAULO** (Fonte: SÃO PAULO NIHONJIN-GAKKÔ, 1999: p.12)

Os bares e os clubes noturnos do bairro, “com *saquê* e conversas em japonês”, combinaram com a necessidade dos enviados que queriam extravasar seus corações fatigados do serviço em terra estrangeira. Em setembro de 1973, a Associação anuncia que “há 29 boates nikkeis” [ONSHI etc., 1996: P.19]. Isso permite nos inteirar da situação da época que motivou o desenvolvimento comercial no bairro pelo aumento do número de empresas japonesas.

KANDA, chefe de editores do Diário Nippak, descreveu a situação do Bairro Oriental daquele tempo de seguinte forma:

Naquele tempo, os funcionários das companhias japonesas no Brasil falavam em tom de desprezo que “o bairro é melancólico”. (...) Então, o que era concretamente “melancólico”? 1) Cliente e empregada não são elegantes; 2) Bar, restaurante e “boite” longe de chique; 3) Apesar da constante demora nas exhibições do filme japonês, mais que meio ano no mínimo, os nikkeis assistem-no com gratidão; Etc. Se citar, não há limite, ou seja, eles queriam dizer que estavam atrasados. (...) Naquela época, os “bares”, restaurantes e “boites” nikkei, expandiram-se ao redor da Av. Brigadeiro Luis Antônio. Porém, eles se concentravam na Liberdade. A grande maioria das empregadas das “boites” na Liberdade eram nikkeis de primeira geração. Conseguiram conversar com elas só em japonês. Se bebessem sem conversar, não teriam problemas com as nikkeis de primeira geração. Esse ponto era muito importante. Pois, se juntassem às brasileiras e não conversassem, seriam vistos como clientes muito estranhos. Tanto o dono quanto o cliente não precisavam ficar constrangidos. Por mais que bebessem e saíssem, nas ruas não havia perigo de encontrar trombadinhas e assaltantes. Não se ouvia a palavra “falta de segurança”. Apesar dos funcionários japoneses que acabavam de chegar ao Brasil criticassem que eram melancólicos, era nesses bares que eles mais relaxavam e tranquilizaram-se naquele tempo [KANDA, 1996: p.36-37].

É um depoimento muito importante que transmite a atmosfera da noite do bairro naquela época.

II-3-4. A abertura da estação do metrô Liberdade

O metrô foi instalado entre Liberdade e Jabaquara em fevereiro de 1975. Na estação Liberdade, a inauguração foi realizada na Praça da Liberdade. (V. **Foto. II-20.**)

Antes do início da obra do Metrô, a Praça da Liberdade era um parque silencioso cheio de árvores. As inúmeras fotos e depoimentos atestam esse fato. “Na Praça da Liberdade havia um morro onde costumava subir e descer descalço” [ONISHI etc., 1996: p.51]. Além dessa pequena colina, existia um lago com barquinhos, a estátua de bronze de Diego Feijó e uma lanterna de pedra típica japonesa instalada após o 50º Aniversário da Imigração Japonesa. Era um lugar muito tranquilo onde os namorados sussurravam sem fim. (V. **Foto.II-22 e 23.**)

Nessa época, só existiam algumas pensões e restaurantes na praça, e o cinema nikkei Cine Jóia na Praça Carlos Gomes, incapazes de atrair muitos clientes.

A Associação receando o perigo, propõe as idéias de revitalização já citadas acima.

Cadernos de Igepacsp 2 Liberdade descreve o desenvolvimento turístico da área da seguinte maneira:

Em 1974, quando foi inaugurado o Metrô e reaberta a Avenida Liberdade, completamente remodelada, atendendo aos pedidos da Associação dos Lojistas, a Secretaria Municipal de Turismo, com o auxílio destes, comprometeu-se a incentivar a implantação de um plano paisagístico, dando ao bairro uma caracterização oriental. [DPDH, 1986: p.29-30]

Além disso, o mesmo livro descreve que as condições do bairro como área residencial adquiriram possibilidades de outra utilização:

“(...) A presença do Metrô, aliada às boas possibilidades de mudança de uso que as dimensões desses imóveis oferecem, favorece esta transformação” [idem, 1986: p.42].

A grande maioria dessas idíias foi liderada por Tsuyoshi Mizumoto (1920-1989). (V. **Foto.II-19**.) Ele tomou posse como presidente da Associação Cultural e Assistencial da Liberdade (ACAL) que sucedeu as atividades da Associação Confraternização dos Lojistas do Bairro da Liberdade. Mizumoto era o vice-presidente da Associação de Confraterização dos Lojistas do Bairro, porém, estava trabalhando como líder real. Há várias avaliações sobre ele, mas era o primeiro benemérito do desenvolvimento do bairro porque todas as pessoas envolvidas mencionam o nome dele. Ele era chamado de *Banzuim Chôbei*¹⁴ da Liberdade, e dizem que era um homem generoso e paternalista. A ACAL era um instituto mais familiar, refletindo o caráter de Mizumoto, enquanto o Centro da Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa do era mais inacessível para os imigrantes comuns.

II-4. Bairro Oriental 1975 até hoje

II-4-1. Nascimento e desenvolvimento do Bairro Oriental

A fundação oficial do Bairro Oriental foi no dia 9 de novembro de 1974, como consta no **CAPÍTULO II-2-3**. Mas continuava a obra de decoração do bairro. Foi realizada um grande desfile na Praça da Liberdade e na Rua Galvão Bueno em 1976. (V.

¹⁴ *Banzuim Chôbei* (1622-1657) é um líder da agência de emprego de trabalhadores de mão -de -obra pesada, conhecido pela sua personalidade acolhedora.

Foto. II-21.) Apesar da mudança do nome, não foi fácil transformar a característica do bairro japonês fazendo-o renascer como inter-étnico. Mas desde então, começaram a aparecer eventos e instalações com o nome “oriental” como “Feira Oriental”, “Festa Oriental”, “Centro da Cultura Oriental”, “Jardim Oriental” entre outros.

Em novembro de 1975, a feira de domingo chamada Feira Oriental foi aberta na Praça da Liberdade pela promoção da ACAL. Esta feira também foi um espaço de eventos promovido por Mizumoto. (V. **Foto. II- 24 e 25.**)

A Feira Oriental é uma feira de barracas que funciona das 10 às 19 horas aos domingos. Ela está dividida em quatro setores: 1) alimentos; 2) plantas; 3) artesanatos; 4) manufaturados; nela são vendidas várias mercadorias: flores, plantas, brinquedos tradicionais, bonecos, *okonomi-yaki*, *yakisoba*, espetinho típico japonês, raspadinha e outros pratos, *bonsai*, lanterna *chôchin*, *kimono*, instrumento de samba e até acarajé. A feira é administrada pela Associação da Feira de Arte e Artesanato da Praça da Liberdade (ALIBER). De acordo com a entrevista de Kumamoto e Kondô, representantes da ALIBER, há aproximadamente 300 inscritos e semanalmente cerca de 250 participantes.

O panfleto da ALIBER “Como Nasceu o Bairro Oriental e a Feira de Arte e Artesanato da Praça da Liberdade” explica o seguinte:

Sempre inovador, o Sr. Tsuyoshi Mizumoto achou que a Prç. da Liberdade, a exemplo da Prç. da República poderia conter uma Feira de Arte e Artesanato, onde os imigrantes orientais pudessem expor trabalhos típicos de suas regiões. Novamente procurou o Prefeito, que em novembro de 1975 inaugurou a Feira Oriental da Liberdade[ALIBER, 1998].

Aqui estão citados os nomes de Mizumoto e Miguel Colasuono, ex-prefeito de

São Paulo, mas, é claro que a última forma foi tomada pelos dirigentes da ACAL com o incentivo da prefeitura. Os representantes que fizeram a divisão das barracas foram Kumamoto (da primeira geração nikkei) e Kondô (da segunda geração nikkei), e quem teve o mérito de atrair os barraqueiros da Praça da República foi Rubens Morelli entre outros. Eles têm a consciência e o orgulho de terem fundado a feira. Temos de enfatizar que a totalidade da feira não foi formada só pelos dirigentes da ACAL e da prefeitura, e não foi mantida só pelos japoneses.

Esse esforço dos lojistas e barraqueiros do bairro combinaram com a política de desenvolvimento turístico da prefeitura de São Paulo, e teve êxito na década de 70. Hoje, a Feira Oriental tornou-se uma das atrações turísticas indispensáveis da cidade.

Voltando ao assunto do bairro, verificamos que o número das lojas e da especificação da categoria de negócios aumentou gradualmente de 1976 à década de 80. A especificação da categoria de negócios em 1976 é como mostra o **Quadro II-3 : Categorias de negócios em 1974**

Quadro II-3: Categorias de negócios em 1974

<u>Categorias de negócios</u>	<u>número</u>
Cinemas	3
Alimentos orientais	45
Restaurantes e bares	39
Boite e clubes noturnos	32

* Fonte: Jornal Paulista No.6429 (1974)

Desde agências de turismo, bancos, massagistas e até adivinhos, reuniam-se todas as categorias de negócios, mostrando muito movimento [Jornal Paulista, No.6429, 1974].

Em 1982, a situação do bairro desenvolveu-se como mostra o quadro:

Quadro II-4: Especificação das categorias de negócios em 1982

<u>Categorias de negócios</u>	<u>número</u>
Lojas de produtos japonesas	75
Lojas de roupa	72
restaurantes(japonês, chinês, coreano)	90
clubes noturnos	65
lojas de lembranças voltados para o Japão	35
livrarias, lojas de discos, papelarias	25
docerias	33
estúdios fotográficos, oculistas	25
massagista	25
cursos e academias (língua japonesa, ábaco, música, dança tradicional)	18
cursos de ikebana e de chá	15
clubes (shôgui, igo, mah-jong)	12
cinemas	2
agências de turismo, consultórios médicos e outros	desconhecido

* Fonte: JITSUGYÔ NO BRASIL [MIZUMOTO, 1982, p.37] etc.

Apesar do se número de cinemas ter diminuído, o número de restaurantes, bares e clubes noturnos aumentou notavelmente. De acordo com este relatório, o número de membros da ACAL era 350, e 90 % deles eram nikkeis. Em 3 de janeiro de 1983, a ACAL declarou o plano da construção do Centro da Cultura Oriental. Parece que esse foi o tempo áureo da Liberdade como bairro japonês. Mizumoto, um líder cheio de energia e idéias, faleceu em 9 de outubro de 1983. Curiosamente, a sua morte coincide com o começo do pico dos *dekassegui* e a decadência do bairro. Esta decadência do bairro reflete-se na memória de uma comerciante nikkei.

O fenômeno *dekassegui* foi muito esperado como recomeço do intercâmbio cultural pela primeira geração de japoneses, porém, não correspondeu à expectativa. Além disso, foi uma das grandes causas da decadência da influência japonesa no bairro.

“Dava para se ver da Rua São Joaquim até a Praça. da Liberdade”. Diz uma dona da loja do bairro sobre a situação da decadência.

A recuperação do movimento do Bairro Oriental se dá a partir da época em que surgiu o plano de revitalização do bairro na década de 90 pela prefeitura de São Paulo. Porém, a recuperação do bairro não é só da política da prefeitura. Não podemos afirmar que os nikkei são a maioria do bairro, e em termos comerciais, os chineses estão mais prósperos.

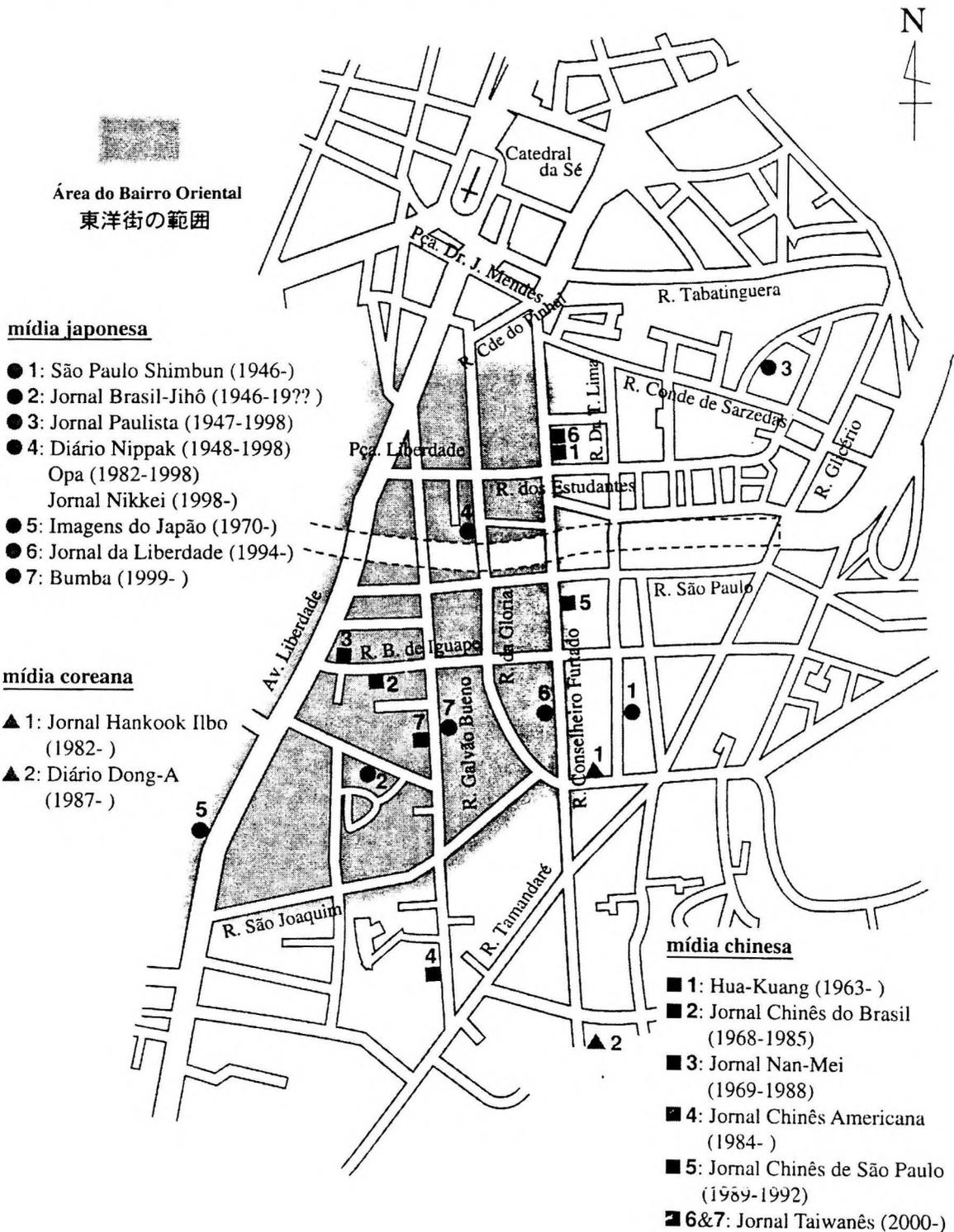
II-4-2. Mídia étnica asiática e o Bairro Oriental

O bairro oriental tem desempenhado a função de emissor das mídias étnicas asiáticas e, não apenas nikkei. (V. **Mapa IV.**) A primeira forma da mídia étnica asiática foram os impressos em língua própria. Isso porque para a primeira geração de imigrantes asiáticos não era fácil comunicar-se em português, como aconteceu com seus predecessores portugueses, italianos e espanhóis.

Diz-se que se três japoneses se reunirem, publicam um jornal. Como já vimos, os jornais de diversas tendências invadiram a comunidade nikkei, refletindo a situação caótica imediata após a guerra. Contudo, com a paulatina melhoria da situação e o fim da confusão na comunidade nikkei, consolida-se a posição dos três Diários, até 1998, disputando o mercado.

Na comunidade nikkei do pós-guerra, diversos impressos, como as revistas semanais, foram publicados, porém, a influência dos jornais foi maior. É impensável a existência da comunidade nikkei sem os seus jornais. Os imigrantes japoneses da primeira geração não conseguiam entender bem o português, por isso dependiam dos

Mapa 4 : Bairro Oriental como área da mídia étnica



órgãos editados em japonês para se informarem sobre os acontecimentos da comunidade, do Japão, do Brasil e do mundo. Havia livrarias de livros japoneses. Porém, até a década de 70, quando se generaliza o uso de avião nas viagens de ida e volta ao Japão, a colônia nikkei constituía uma espécie de comunidade fechada. A comunicação com o Japão geralmente era demorada: jornais e revistas do Japão transportados de navio levavam de dois a três meses para chegar ao Brasil. Como fonte de noticiário diário havia as transmissões da rádio nacional NHK para a América do Sul. Além das dificuldades de recepção apresentavam o inconveniente do horário (às primeiras horas da manhã).

Uma Epopéia Moderna: 80 Anos da Imigração Japonesa no Brasil resume a função peculiar dos jornais na comunidade nikkei do Brasil da seguinte maneira:

A característica principal dos jornais de língua japonesa está no seu relacionamento direto com a comunidade. Sem falar na sua função de veículos de comunicação, representavam a liderança da opinião pública da colônia e funcionavam na formação do consenso da comunidade. Por outro lado, constituíam o espaço onde leitores expressavam sua opinião, e enviavam colaborações literárias como *haiku*, *tanka*, poesia, prosa e outros gêneros da literatura japonesa. Serviam ainda como um campo de batalha entre grupos antagônicos, seja em assuntos relativos a toda a comunidade ou parte dela. As “batalhas” de declarações travadas entre as partes, em forma de anúncios, proporcionavam receitas extras às empresas editoriais dos jornais. E havia notícias que alegravam ou entusiasmavam os leitores, ao lado de outras que os entristeciam, irritavam ou revoltavam. (...)

Em todos os grandes acontecimentos e realizações dos imigrantes, a “imprensa colonial” teve um papel muito valioso. Os grandes empreendimentos e movimentos coletivos tiveram seus planos e motivos divulgados e discutidos, as contribuições e coletas para obras de vulto da comunidade, tudo era noticiado nas colunas dos jornais, formando assim uma corrente ou tendência favorável às iniciativas de interesse coletivo.

Não obstante constituírem iniciativas privadas, os jornais apresentavam e ainda apresentam características de órgãos oficiais da colônia nikkei [COMISSÃO DE ELABORAÇÃO DA HISTÓRIA DOS 80 ANOS DA IMIGRAÇÃO JAPONESA NO BRASIL, 1992: p.456-457].

Os jornais nikkeis, não têm só papel mencionado aqui como também têm se relacionado com “invenções” dos eventos da comunidade japonesa. Ao discutirmos os “eventos tradicionais” que são realizados no Bairro Oriental hoje, não será de pouca importância a referência ao concurso de Miss Colônia.

O concurso de Miss Colônia iniciou-se a partir de 1973 pela promoção do Jornal Paulista. Este evento era uma festa luxosa na qual as nikkeis concorriam com sua beleza. As candidatas deviam ser brasileiras, mas ao mesmo tempo serem “mulheres de comportamento e nikkei”. Além disso, o concurso formou uma imagem ideal da boa mulher nikkei.

De acordo com o Jornal Paulista, promotor do evento, o regulamento da inscrição de 1975 era o seguinte:

- 1) Ser descendente de japoneses ou filha de japoneses;
- 2) Ser nascida antes de 1957;
- 3) Ser solteira;
- 4) Ser mulher com inteligência como nikkei;
- 5) Ser recomendada por instituições culturais, esportivas, de clubes ou empresas japonesas;
- 6) Ter consentimento escrito dos pais ou representantes de instituições;
- 7) A comissão de seletiva estará a cargo dos funcionários de nossa empresa

No evento, realizaram-se desfiles de roupa de gala e traje de banho, sendo citadas como condições da seleção: 1) aparência, 2) proporção do corpo, 3) femilidade, 4) personalidade, 5) sociabilidade.

Como resultado da última etapa, aclama-se uma Miss Colônia e duas Miss Princesa, e uma Miss Simpática entre todas as finalistas. Somente esta escolha última

teve suas imagens registrada pela “TV Japan POP Show”, tendo sido depois televisionada no programa pela emissora privada Bandeirantes. As selecionadas misses participaram de vários eventos durante um ano e à Miss Colônia foi dada uma passagem aérea para o Japão pela VARIG. A **Foto. II-26** mostra a última seleção de Miss Colônia de 1975.

Neste evento havia uma estratégia comercial, que propaganda do Jornal Paulista, promotor do evento, que era funcionava também como uma estratégia política da comunidade nikkei pela obrigação que impunha a participação dos selecionadas em vários eventos. Por exemplo, na inauguração do Metrô de São Paulo, realizada na Praça da Liberdade, a Miss Colônia de 1974, Amélia Yokota representando a comunidade nikkei ofereceu buquês de flores para o Governador estadual Natel, o Prefeito Colassuono e o Presidente da Cia. Metropolitana Paulista Azman (Jornal Paulista, 17/02/1975).

A realização dos eventos terminou em 1995, porém, as estratégias comercial e turística que enalteciam a imagem da beleza oriental dos concursos de Miss orinaram outro, como os de Miss cerejeira, Miss Tanabata e Faces 99.

A influência desses jornais da língua japonesa não se restringiu à comunidade nikkei chegou também às comunidades taiwanesa e coreana. Temos de enfatizar que os numerosos imigrantes taiwaneses e coreanos aproveitavam-se deles para coletar informações até que os jornais chineses e coreanos começassem a ser publicados a partir da década de 80.

Após a Segunda Guerra Mundial, inúmeras revistas em língua japonesa semanais e mensais foram publicadas. Duas, mensais são dignas de atenção: “Colônia”, da Sociedade Brasileira da Cultura Japonesa e “Opa”, do Diário Nippak. A “Colônia”, além de produzir e publicar mesas redondas de intelectuais sobre os problemas do momento como o “Papel do Nissei no Brasil”, tinha outra face como revista de arte e

literatura. Era uma revista de interesse geral de grande influência na comunidade nikkei do Brasil. A “Opa” tratava de tópicos abrangentes como viagem e turismo, ensaio, apresentação de piadas, carnaval, evento musical até informações sobre a zona boêmia. Era popular entre os japoneses e nikkeis como revista de lazer. Foi publicada a partir de 1982 até 1998. Os mesmos editores criaram uma nova revista, “Bumba”, em janeiro de 1999.

O Jornal em língua chinesa mais antigo é o “Jornal Chinês do Brasil” (巴西僑報) que foi publicado em março de 1960. Primeiro, era dezenal, porém, foi interrompido muitas vezes. Na década de 80, mudou seu título para “Diário Chinês do Brasil” com 4 publicações por semana. Suspendeu a publicação em 1985 e 1990. Foi republicado com o título anterior como diário, permanecendo até hoje. O escritório de publicação mudou várias vezes, da Rua Augusta (1960-66) para a Praça João Mendes (1966-68) e depois para a Rua Barão de Iguapé (1968-85) e em seguida para a Rua Virgílio de Carvalho Pinto (1992-) [JORNAL CHINÊS AMERICANA, 1998 p.132-133].

Há mais um diário chinês, o “Jornal Chinês Americana” (美州華報), que começou sua publicação em 1983. No início, era publicado em dias alternados e depois tornou-se diário. É da linha de Taiwan, distribuído no Brasil, Paraguai, Argentina, Chile, Uruguai, Taiwan e Hong-Kong [JORNAL CHINÊS AMERICANA, 1998: p. 127]. Essa difusão mostra uma característica transnacional da mídia chinesa.

O primeiro jornal em língua coreana semanal, o “Hanguk Ilbo” (韓國日報), foi publicado em 1982. Esse jornal tornou-se diário em janeiro de 1987. “Chosun Ilbo” (朝鮮日報) o primeiro diário em língua coreana começou em abril de 1984, o “Jornal Protestante” em 1985 e o “Tong-A Ilbo” (東亞日報) em janeiro de 1997. O jornal semanal “Corea Times Brasil” teve início em março de 1990. É digno de atenção que 4 diários estão sendo publicados numa comunidade coreana que não chega a 100 mil pessoas.

Em março de 1998, o Jornal Paulista e o Diário Nippak fundiram-se formando o Jornal Nikkei: foi posto um fim no período dos três diários. Agora a população da primeira geração de japoneses está diminuindo, portanto, o futuro dos jornais japoneses não é certo. Podemos ver que eles estão perdendo seu papel histórico.

Há algum tempo apareceu a mídia étnica em português como alternativa da mídia em língua japonesa. Entre as mídias asiáticas, o nikkei, tem predominância na terceira e quarta geração que atinge até 1,5 milhão. Há o “Jornal do Japão”, o “Jornal Tudo Bem” (semanal), o “Nikkei Jornal” (semanal), a “Made in Japan” (mensal), que sobressaem entre eles. Foi fundado no dia 18 de junho, o dia da imigração japonesa, de 1997. Os leitores desta revista são falantes da língua portuguesa no Japão e os nikkeis do Brasil. Com aproximadamente 84 páginas e totalmente colorida por fotos e ilustrações, sobre vários tópicos: política, serviços, história da imigração, moda, música, ciência, cinema, literatura e até saúde. As editoras ficam em Tóquio e em São Paulo, e a venda é simultânea. Possui estratégia editorial e de venda, sendo uma mídia representante da nova geração nikkei.

Como mídia étnica de transmissão, há a “Rádio Nikkei” como programa de rádio e o “Imagens do Japão” como programa de televisão. A “Rádio Nikkei” transmite das 22:00 às 24:00 horas de segunda à sábado, e das 8:00 às 10:00 horas aos domingos. “Imagens do Japão” é o único programa asiático de televisão e seu estúdio fica na Liberdade. Esse programa de domingo no horários das 11:00 às 12 horas é “levado ao ar semanalmente pela rede de televisão brasileira para todo o Brasil, há 30 anos de transmissão ininterrupta (...)” [IMAGENS DO JAPÃO TV E JORNALISMO LTDA., 2000]. E ele é “pioneiro também no mundo inteiro, e mantém intercâmbio de programas com as principais emissoras de televisão japonesa, tais como: NHK, TV ASAHI, TBS e outras alcançando assim (...)” [idem.] O conteúdo dos programas são novidades do Japão, música, novela, moda entre outros, podendo destacar ainda, a transmissão ao

vivo via satélite do grande festival internacional do “NHK KÔHAKU UTAGASSEN” (o grande festival nacional da canção japonesa).

O outro programa nikkei “TV Japan POP Show” existia como rival de “Imagens do Japão”. Esse programa foi levantado pela produção de Matsuda em 1973 e passava aos domingos, com notícias semanais do Japão, música, novela, moda, arte marcial tradicional entre outros. Como já escrevemos o concurso final de Miss Nikkei foi registrada por esse programa e depois televisionada por emissora privada como Bandeirantes.

Em 1998, porém, iniciou-se o programa via satélite do NHK via satélite, tornando possível assisti-lo diariamente no Brasil. Além disso, a globalização das informações com a difusão da internet incentiva o afastamento da mídia étnica. A diminuição do mercado por estas causas destes, traz também um novo abalo para a manutenção da mídia étnica chinesa e coreana. Hoje, basta instalar a antena via satélite, para podermos assistir aos programas da TV Central da China de Pequim e da TV China de Taipei. Nos restaurantes coreanos e bares coreanos da Aclimação, os programas da KBS passam o dia inteiro. Por outro lado, temos o *boom* do desenho animado, VTR e gibis de *manga* representado pelo “Pokémon” com o potencial de intercâmbio da sub-cultura no espaço da telecomunicação.

CAPÍTULO III

A VIDA PRIVADA DO BAIRRO ORIENTAL

Hoje, no campo da sociologia e da antropologia, as pesquisa de migração urbana têm aplicado o método da história da vida privada. Especialmente na Escola sociológica de Chicago, esse método é uma das bases das pesquisas urbanas.

Por exemplo, *The Polish Peasant in Europe and America* [TOMAS, W. & ZNANIECKI, F., 1918-1920] de W.I. TOMAS e F. ZNANIECKI que fez época na pesquisa, a história da vida privada foi reconstruída com base nas cartas de 50 famílias polonesas entre a Europa e EUA e a autobiografia escrito pelo polonês *Uradeck*. Há pesquisas dentro da série de monografias de Chicago que apontam uma relação entre a pesquisa de migração e a história da vida privada, como *Jack Roler*[1930] de C.R. Shaw, *Street Corner Society* de W.F.White [1943] que é a obra representativa das pesquisas que baseam-se no método de observação participante e também indica a mesma relação.

Essa relação entre a pesquisa de migração e a história da vida privada não é coincidência fortuita, e podemos considerar que existe uma relação inevitável entre elas. Essa relação é sustentada não só pela quantidade de documentos que oferece para a pesquisa mas também pela qualidade, e podemos aplicar as experiência dos imigrante como primeiro original. Porque, no Brasil, podemos entrevistar diretamente os imigrantes, isto é, podemos coletar os documentos originais.

O autor escreveu anteriormente sobre a história da vida privada da seguinte forma:

A memória da vida é muito abastada em sentimentos e ao mesmo tempo é delicada e sutil. É muito difícil cortar e extrair pedaços dela, e reorganizá-las como história da vida privada (...) [NEGAWA,1996:p.78].

Não é fácil descrever a sua imagem total, e às vezes acaba sendo complicado sem necessidade. Por isso, limitamo-nos a mencionar as partes de suas histórias que se relacionam com o Bairro Oriental exceto os eventos importantes da vida como nascimento, emigração, casamento e separação da família por morte.

Como dissemos no capítulo anterior, o Bairro Oriental é mais uma área comercial que residencial. O fator turístico dessa área também reforça as atividades comerciais. Então, como os comerciantes entraram na área, como viveram e como participaram da formação do bairro? Neste capítulo, em especial, reconstruímos as histórias da vida privada dos comerciantes japoneses, chineses e coreanos do bairro baseados nos documentos da entrevista.

Houve casos em que conseguimos entrevistar calmamente enquanto gravávamos a fita. Mas esses foram casos raros e felizes. Nas entrevistas com os comerciantes que estão sempre trabalhando inclusive aos sábados e domingos não houve outra alternativa senão a *action research*. A *action research* é uma metodologia que saiu das pesquisas sobre *yoseba*¹⁵: entrevista = observação participante. Tínhamos que depender da metodologia *action research*, no caso da entrevista com os comerciantes do bairro que sempre estão ocupados sem sábado e domingo.

(...) Em pensões de bóia fria, bares, parques, ruas, encontros e eventos, entrevistamos os trabalhadores. Às vezes usamos gravador. Outras vezes usamos só

¹⁵ *Yoseba* é um lugar que reúne trabalhadores das construção civil e carregadores de baixa mão-de-obra.

anotações. Às vezes não conseguimos usar nada. Nesse caso, lembramos das palavras do trabalhadores e depois de nos separarmos deles anotamos no caderno de campo. Conseguir marcar um lugar para entrevista é muito raro. Na grande maioria dos casos, uma oportunidade casual transforma-se numa entrevista. Às vezes conseguimos ouvir a história do trabalhador com minúcias. Outras acabam numa conversa curta. Em cada caso, enquanto conversa com o trabalhador, o entrevistador também se move. Assim é a pesquisa real de *yoseba*. Entrevistar é uma observação participante e *action research*[AOKI, 1996: p.126].

Como já dissemos, o Bairro Oriental é caracterizado mais como área comercial do que como área residencial, e em certo sentido, e o fator turístico desta área é que contribui para a atividade comercial. Então, como os comerciantes entraram nesta área, como viveram, e como participaram do desenvolvimento deste bairro? Neste capítulo, acompanhamos a história da vida privada de três comerciantes que viveram no Bairro Oriental. Infelizmente, não temos documentos de pesquisas sobre a imigração dos chineses e dos coreanos como no caso dos japoneses, pois tentamos esboçar também a história da imigração geral desses duas etnias. Com esses trabalhos, queremos ver a história do bairro de outro ângulo, e visamos uma *thick description* (descrição densa) desta etno-historiografia.

III-1 A Vida Privada de Comerciante Japonês

K nasceu na Província de Yamanashi em 1919. Chegou ao Brasil como imigrante com sua família em 1936, aos 18 anos. Depois de trabalhar como colono, tentou plantar algodão com sua família. Em 1943 casou-se e teve 7 filhos, 2 homens e 5 mulheres. Em 1952 foi para São Paulo. Depois de tentar o comércio atacadista de instrumentos de lavanderia por um ano, administrou uma pensão. Em 1956, abriu o restaurante H na Praça da Liberdade, e residiu na praça durante quase 42 anos. O primeiro filho foi ao

Japão como dekassegui e ainda não voltou. Agora, reside com uma das filhas e sua família. É um típico comerciante japonês do Bairro Oriental.

Cronologicamente a história da vida de K é a seguinte:

História Cronológica da Vida de K

Ano	Idade	Tópico
1919	(0)	Nasce na Província de Yamanashi.
1933	(14)	Morte de Shigeno, sua mãe; Formatura do curso superior da escola primária; Vai para Kôfu como aprendiz.
1936	(18)	Chega ao Brasil com a família; Entra na colônia de Duartina, SP.
1943	(24)	Casa-se com uma moça de Asahikawa, Hokkaidô.
1944	(25)	Nascimento da primeira filha.
1946	(27)	Nascimento do primeiro filho.
1948	(29)	Nascimento da segunda filha.
1950	(31)	Nascimento da terceira filha e do segundo filho.
1952	(33)	Saida de São Paulo e abertura do comércio atacadista em Guarulhos.
1953	(34)	Adquire a pensão <i>M</i> .
1956	(37)	Vai para Liberdade; Inicia a pensão <i>K</i> .
1965	(46)	Inicia o Restaurante <i>H</i> .
1968	(49)	Início da construção da Linha Leste-Oeste.
1975	(56)	Abertura da Estação de Metrô Liberdade; Nascimento oficial do Bairro Oriental.
1978	(59)	Primogênito casa-se e vai para o Japão.
1982	(63)	Morte da esposa.
1998	(79)	Fecha o restaurante <i>H</i> .

“Minha terra natal é a Vila Ubaguchi do Município Higashiyatsushiro de Yamanashi¹⁶. Sou o quarto filho de 7 irmãos.

Na época em que me formei pelo curso superior da escola primária, minha mãe morreu, e fui para *Kôfu*, capital da província para trabalhar como aprendiz. Por coincidência, o local de aprendizagem era um restaurante tradicional que servia *Kabayaki* de enguia como prato especial. Eu fui treinado como cozinheiro, e me especializei na culinária *Kabayaki* de enguia.

Quando tinha 18, emigrei para o Brasil com minha família menos o segundo irmão que estava prestando serviço militar. Nós entramos num cafezal em Duartina no interior de São Paulo, fomos colonos durante 2 anos. E aí, mais 2 anos, tentamos plantar algodão. E depois, mudamos para Mesquita, perto de Marília, compramos um terreno de 30 alqueres e produzimos algodão.

Me casei com uma mulher por *miai*¹⁷ por intermédio de um conhecido. Naquele tempo, *miai* era muito comum na comunidade japonesa. No nosso casamento, não pudemos convidar bastantes pessoas e nem cantar. Sabe por quê? Na época, era proibido reunir japoneses por causa da Segunda Guerra Mundial”.

Sobre o motivo pelo qual foi para São Paulo, *K* diz o seguinte:

“Sabe? Nós plantávamos algodão. Ficamos com urticária por causa dos agrotóxicos. Nem tinha médico decente, além disso, queríamos dar educação para as crianças”.

De qualquer modo, em 1952, *K* foi com sua mulher e 5 filhos para São Paulo. Foi o primeiro dos irmãos. Entretanto residiu em Guarulhos que era subúrbio. É um protótipo do caso da urbanização das famílias nikkeis da comunidade rural em que o segundo ou terceiro filho saem primeiramente para a cidade grande.

¹⁶ Yamanashi é o nome de uma província que fica no interior do Japão.

¹⁷ *Miai* significa casamento arranjado do tipo tradicional.

“Em Guarulhos já moravam os meus sogros. Primeiro, tentei como atacadista de artigos de lavanderia mas deu certo só um ano. A sogra que ensinava artesanato aqui e ali, me aconselhou a tentar ensinar culinária. Por isso passei a ensinar culinária pra lá e pra cá Um dia soube que estava a venda à pensão *M* e a comprei.”

Tanto na “Conde”, quanto em Pinheiros, havia, nas concentrações de japoneses, pensões com refeição. Estas pensões alugavam quartos de contrato semanal ou mensal para os japoneses que saíram do interior para São Paulo, serviam comida e às vezes arranjavam empregos. As pensões eram um lugar de convívio dos japoneses que podiam conversar no próprio idioma, um lugar de troca de informações e uma agência pública de emprego.

Parece que o negócio da pensão de Pinheiros estava dando certo. Porém, *K* mudou-se para a Liberdade em 1956, pelo desejo de ter um negócio próximo ao centro”. Ele alugou um canto da Praça da Liberdade e abriu a pensão e o restaurante *H*. (V. **Foto. III-1 e 2.**)

“Após a Segunda Guerra Mundial, em 1956, mudamos para a Liberdade, porque o lugar em frente à Praça da Liberdade estava sendo alugado por 10 contos. Pinheiros não era ruim, mas nós tínhamos o desejo de ficar perto do centro da cidade. Quando nós mudamos para a Praça da Liberdade tinha apenas algumas lojas nikkeis, não era movimentada como hoje. Alí fizemos a pensão durante 7 a 8 anos.”

Naquela época, logo após o aparecimento do Prédio Niterói, abriram-se lojas japonesas uma após as outras e deu-se início à formação do Bairro Japonês da “Galvão Bueno”. No restaurante, *K* servia *Kabayaki* de enguia como prato especial, disse que tinha encomenda até quando havia eventos das associações de província e organizações culturais, inclusive do consulado geral do Japão. Neste ponto, podemos afirmar que *K* tinha visão de futuro.

Entretanto, em 1968 iniciou-se a construção da Radial Leste-Oeste em seguida à

obra do Metrô da Linha Norte-Sul.

Há uma foto da vista da construção da Radial Leste-Oeste. Ela mostra a situação dos caminhões com guindaste, revolvendo toda Praça da Liberdade, amontando os materiais da obra. Na época, seguia-se rumo à modernização e industrialização, representando o *Milagre do Brasil* sob orientação do governo. A construção da Radial Leste-Oeste e do Metrô também fazem parte do projeto de um novo desenvolvimento de São Paulo. Porém, era uma grande desgraça para os moradores e comerciantes da Liberdade.

“Quando tinha a construção do Metrô, era terrível. Durava o dia inteiro. Falei para minha esposa parar nosso negócio várias vezes” diz *K*.

Havia perigo para as crianças.

“Sabe? Pois a Praça da Liberdade foi cercada por arames, tinha apenas um metro entre a cerca e as construções. (Por causa do impacto da construção) uma noite, o telhado acabou caindo.” diz *K*. Fez a família mudar-se para a Rua Tamandaré, e continuou a pensão sozinho. Ele disse que bem ou mau, conseguiu pagar o aluguel com os aluguis dos locatários. Às vezes ele abria o curso de culinária japonesa na região. Enquanto isso, sua esposa administrava a pensão.

A abertura da estação da Liberdade deu-se em fevereiro de 1975 como foi dito no capítulo anterior.

“Com a estação do Metrô, começaram a aumentar os clientes. Especialmente na Tôyô-Ichi (東洋市 = Feira Oriental) dos domingos, ganhei muito. Meu restaurante servia *Kabayaki* de enguia como prato especial. Fiquei contente quando um cliente falou ‘Comi enguia no outro restaurante, mas não estava bom. Enguia tem que ser do restaurante *H*, por isso vim para comê-la de novo’.”

Ele diz sobre a época: “Às vezes os times de *baseball* ocupavam a pensão, e nós dormíamos na cozinha.” Foi a época áurea da “Galvão Bueno” como bairro japonês.

“Meu filho herdeiro se casou com uma mulher de Yamanashi, foi para o Japão e não volta pra cá. Já fazem 20 anos. Agora está trabalhando como chefe de cozinha do hotel turístico em Iizawa, Yamanashi. O outro filho está trabalhando como gerente de hotel em Poços de Caldas. Minhas filhas se casaram e deixaram a casa uma após a outra. Minha esposa morreu em 1982.”

K acabou fechando o seu restaurante em maio de 1998. As causas foram:

- 1) O falecimento da esposa;
- 2) A falta de um sucessor para o negócio;
- 3) O fim do fornecimento de enguia;
- 4) O desgaste da casa.

Essas causas, especialmente a 2) e a 4) são típicas da retirada dos comerciantes japoneses do bairro.

K disse que quando tentou vender o ponto, só chineses e coreanos vieram procurar mas nenhum japonês. Podemos imaginar que a grande maioria dos comerciantes japoneses tinha desistido de ampliar o comércio no Bairro Oriental. O aluguel na época 1998 em que ele tentou vender seu restaurante era de apenas R\$700. Nas páginas dos jornais nikkei da década de 80, vez por outra havia anúncios de transferência de lojas japonesas para chineses ou coreanos.

“Não tinha nada que fosse chato”. Diz *K*, recordando sua vida, apesar de imaginarmos que deveria ter bastantes sofrimentos. Hoje, ele mora num apartamento com a família da sua segunda filha na Rua Tamandaré, perto do Bairro Oriental.

[Dados do entrevistado]

Assunto	Dados
Nome completo	M. K.
Ano de nascimento e Idade	1919
Local da loja	Praça da Liberdade
Profissão	Ex-dono de pensão e restaurante (1956-98)
Relação com o Entrevistador	Conhecido de primeira vez
Ambiente da Entrevista	1) Na casa do entrevistador (29/05/1999) / 2) Na casa do entrevistado (17/11/1999) / 3) Na casa do entrevistado (06/06/2000)
Outras pessoas presentes na entrevista	a) Não b) Família do entrevistado c) Família do entrevistado
Data da entrevista	1) 29/05/1999) /2) 17/11/1999 / 3) 06/06/2000

III-2 A Vida Privada de Comerciante Chinês**III-2-1 Imigrante Chinês em São Paulo**

Não há uma pesquisa sistemática da história dos chineses no Brasil apenas os artigos fragmentários de jornais e revistas comemorativas.

Antes de analisarmos as histórias das vidas privadas dos chineses, veremos a história geral da imigração chinesa no Brasil, especialmente de São Paulo por meio de documentos escritos.

\ A cerimônia dos 185 anos da imigração chinesa no Brasil foi comemorada em 1998. Essa cerimônia foi promovida pela Associação Cultural Chinesa do Brasil da linha da China Continental. Esse cálculo de 185 anos talvez esteja baseado no fato histórico dos cerca de 400 culis chineses trazidos de Macau em 1812 [KADONO, 1998]. Esse fato não está muito claro, mas parece que centenas de chineses foram trazidos de Cantão e Fuzhou na segunda metade do século XIX [TEIXEIRA, 1995: p.29]. Estes chineses utilizados como mão-de-obra escrava alternativa, fugiram depois de chegarem ao Brasil. Por esse motivo, os culis não estão relacionados diretamente à comunidade chinesa atual em São Paulo. Então, quando os chineses vieram como imigrantes modernos ao Brasil ?

De acordo com a pesquisa de Oscar E. ARAÚJO, já citada no **CAPÍTULO I**, Estatística da Sub-Divisão de Documentação Social e Estatística Municipais, feita antes da Segunda Guerra Mundial, a população era de 1.332.202 e, nesse número estava inclusa a população de estrangeiros, ou seja, 289.058 imigrantes (cerca da 28%). Os latinos constituídos por italianos, portugueses e espanhóis, representavam 68.4% do número total da população de imigrantes (19.3% do total da população da capital de São Paulo). No caso dos imigrantes japoneses, 4.563 moravam na capital [ARAÚJO, 1941: p.68-72].

ARAÚJO estimou a população de estrangeiros de cada nacionalidade e sua proporção em relação à população total da cidade. Mas o “chinês” não foi incluído dentro das categorias das nacionalidades. Não podemos negar a possibilidade de que os chineses estejam incluídos dentro da categoria “etc.” das nacionalidades.

De acordo com o *Documentário da Cultura Chinesa do Brasil* (『巴西華人耕云録』), em São Paulo, em 1930 o número de chineses não chegava a 100, mas registra que se reuniram no Restaurante Central que existia na Praça da Sé para comemorar o Aniversário da República da China. No início de 1943, fundou-se o Centro Social

Chinês de São Paulo (聖保羅中華會館) no 3º andar da Livraria Civilização a Rua 15 de Novembro, 140 [JORNAL CHINÊS AMERICANA, 1998: p.17]. Além disso, diz-se que havia alguns imigrantes taiwaneses que imigraram ao Brasil com passaporte japonês antes da Segunda Guerra Mundial. Mas esse número não era tão grande quanto o que os oquinawas representavam dentro dos imigrantes japoneses. Em São Paulo, não se formaram bairros chineses como em Nova Iorque, Los Angeles, San Francisco, Toronto, Paris e Sydney em mas podemos imaginar que já havia um número considerável de chineses em São Paulo antes da Segunda Guerra Mundial.

Entre os serviços étnicos chineses, são famosas a cozinha, a costura e a barbearia, chamados de *três ocupados do corte* (三刀業). Esses serviços não precisam de muito capital e de capacidade lingüística estrangeira. Dizem que os imigrantes chineses se dedicaram a esses três serviços, primeiramente, nos países do sudeste asiático, depois no Japão e nos Estados Unidos. Mas, os imigrantes chineses do Brasil, no início de sua história, se dedicaram à lavanderia, à pastelaria e à venda ambulante. [idem: p.379-381].

Os chineses que vieram ao Brasil, especialmente ao Rio de Janeiro na década de 30, inicialmente abriram lavanderias ~~no começo~~. Porém, neste serviço havia bastante concorrência com os japoneses e foram diminuindo cada vez mais. Alguns deles mudaram-se para São Paulo, e ~~a~~ grande maioria abriu restaurantes. Em seguida, a pastelarias, um monopólio de cantoneses, que na década de 50 atingiu os tempos áureos, mas desapareceram quase por completo no final da década de 70. Diz-se que se poderia ver pastelarias cantonesas em quaisquer ruas de São Paulo. A venda ambulante aumentou com a expansão do número de imigrantes chineses na década de 50, mas quase acabou, principalmente pela mudança de ocupação na década de 70 [idem: p.376-377].

Além desses três serviços, de acordo com o resultado das entrevistas, a barbearia era numerosa entre os imigrantes chineses. As **Foto. III-3 e 4** são de um cabeleireiro,

aberto na Praça do Dr. João Mendes na década de 60 por um cantonês que veio para o Brasil como clandestino. Parece que a barbearia ocupa uma grande parte do serviço étnico do imigrante chinês, e quatro barbearias de chineses foram abertos no Bairro Oriental nos últimos anos. (V. **Foto. III-5**)

Durante e após a Segunda Guerra Mundial também podemos considerar que a fuga dos povos da China continuou como antes. Porém não podemos saber quantos deles vieram para o Brasil. Vimos que a maioria era de Cantão na década de 50 até 60, e que a partir de 1962 começou a imigração taiwanesa ao Brasil que atingiu o auge do final dos anos 60 até o início de 70. Nos últimos dez anos, foram expressivos os imigrantes da diversas regiões da China continental.

Agora, vamos voltar os olhos para o Bairro Oriental atual.

Verificaremos as placas com letras chinesas, tanto de Taiwan quanto da China continental a partir da Praça da Liberdade, e perceberemos muitas delas nas ruas dos Estudantes, na Galvão Bueno, na Conselheiro Furtado e na Barão de Iguape (consultar o **Mapa 1**). Sobre as duas últimas ruas, há um consenso entre os comerciantes japoneses de que elas são “as ruas dos chineses”. Esses “chineses” aumentaram depois da Segunda Guerra Mundial, principalmente nestes últimos 20 anos de modo repentino, não tendo como calcular o número dessa população. Atualmente a estimativa do Consulado Chinês, da Associação Cultural Chinesa do Brasil (巴西華人文化協會), e do Centro Social Chinês de São Paulo (聖保羅中華會館) entre outros é de mais ou menos 150-190 mil chineses, sendo que 80% a 90% deles moram na capital ou estão concentrados ao seu redor.

Podemos afirmar que a Associação Cultural Chinesa do Brasil e o Centro Social Chinês de São Paulo são as organizações mais representativas dos imigrantes chineses no Brasil. Na comunidade chinesa, podemos citar a Associação Cultural Chinesa, da linha da China continental, e o Centro Cultural Chinesa, da linha de Taiwan como já

dessemos no capítulo anterior. No momento há, por exemplo o Jornal Chinês do Brasil (巴西僑報) da linha da China continental, o “Jornal Chinês Americano” (美州華報), o “Hua Kuang” (華光), da linha de Taiwan. No dia 20 de março em 2000, o “Jornal Taiwanês” (台灣僑報) novamente começou a ser publicado.

Não há dados claros sobre quantos “chineses” imigram ao Brasil e quantos entram na capital e nos arredores. O número de “chineses” que entraram ao Brasil com visto de turista, de acordo com o relatório da EMBRATUR é o seguinte.

1987	88	89	90	91	92	93	94	95
3995	4310	2379	2437	2372	3297	3091	493	7749

[EMBRATUR, 1988/89,90/91,92/93,94/95,96]

De acordo com essa tabela dos “chineses” que entraram no Brasil, há um aumento na tendência da entrada dos chineses no Brasil a cada ano que passa. O número de “chineses” que entraram no país a cada mês é o seguinte.

	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai.	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.
1994	292	287	345	406	425	410	402	318	408	448	737	497
1995	398	582	781	380	722	846	530	649	541	848	861	611

[EMBRATUR, 1996: 28-29]

O números da entrada de estrangeiros dos Estados Unidos países norte americanos e europeus, aumentam em fevereiro, mês do carnaval. Ao contrário, a

entrada dos “chineses” se dá em outros meses e não em fevereiro; por isso, não podemos pensar que todos eles sejam turistas comuns. Podemos imaginar um padrão que entra com visto de turista, visita os parentes e em seguida continua com estada e trabalho ilegal.

De acordo com uma conhecida cantonesa que está frequentando o curso de língua chinesa do Centro Social Chinês, a maioria dos empregados jovens de alguns restaurantes cantoneses abertos recentemente na Liberdade, entraram com o visto de turista. É evidente que eles não têm visto de trabalhadores e não sabem falar o português. Isso é ilegal, mas talvez existam casos semelhantes em lojas e fábricas¹⁸.

Como foi dito acima, entre os chineses a exercerem influência para a formação e transformação do Bairro Oriental estão os cantoneses, *hakkas* e taiwaneses. Em seguida, escolhemos um dos entrevistados dos grupos étnicos da linha chinesa e escrevemos as tendências e as relações com os grupos do bairro por meio de sua história da vida privada.

III-2-2 Imigrante Cantonês

Dentre os imigrantes chineses, há o grupo da linha da China continental e o da linha de Taiwan. São diferentes os grupos pertencentes a cada dialeto e região, e às vezes surgem conflitos entre eles. Antes da Segunda Guerra Mundial, não havia grandes problemas porque a população chinesa do Brasil era reduzida e a grande maioria era cantonesa. De acordo com o documento do Ministério das Relações Exteriores da China de 1983, um pouco antigo, 13.132.164 ou seja 60 % dos chineses e seus descendentes fora da China são cantoneses [YÜ, 1990: p.70]. Depois da Segunda

¹⁸ Isto é provado pela nossa experiência. Ou seja, alguns de nossos amigos chineses entraram no Brasil com visto de turista, e acabaram ficando ilegalmente depois de expirada a validade. Um deles possui o protocolo de visto permanente, graças à anistia do final de 1998.

Guerra Mundial, também podemos verificar que os primeiros imigrantes chineses do Brasil, até a década de 60, foram os cantoneses. Essa é a informação comum entre os imigrantes chineses que entrevistamos.

Ao contrário, depois da guerra, ficando resolvidos os conflitos entre eles, o resultado foi um aumento demográfico de chineses.

“Eles vieram de algum lugar que ninguém sabe, e a grande maioria deles abriram pastelarias”. Esta é uma impressão dos nikkeis sobre os cantoneses que estavam nos arredores redor da Liberdade. Neste capítulo, pretendemos esclarecer a história e a situação atual de imigrante cantonês em São Paulo com a história da vida privada de *M.Y.*

【Dados do Entrevistado】

Assunto	Dados
Nome completo	<i>M.Y.</i>
Ano de nascimento	1943
Endereço	São José dos Campos
Profissão	Administrador de uma companhia de investimento e restaurante
Relação com entrevistador	Apresentação de um conhecido
Ambiente da entrevista	Numa sala da Associação Geral Cantonesa do Brasil
Outras pessoas presentes na entrevista	Nenhuma
Data de entrevista	Dia 31 de maio de 1998

De acordo com a *Coleção das Visitas aos Chineses do Brasil* (久居他鄉為故鄉) N^o

2, *M.Y.* é da Província Taishan de Cantão.

Vim a São Paulo em 1963 quando tinha 20 anos. Meu pai já morava aqui desde 1953 e administrava um pequeno restaurante. Ele veio para cá mas seu objetivo principal era emigrar para os Estados Unidos com a família. Naquele período, o visto para os Estados Unidos não saiu diretamente, por isso, primeiro ele veio sozinho para o Brasil. E como gostou deste país, chamou nos da China em 1963.

Quando viemos, em São paulo já tinha um número considerável de chineses e, 80 a 90% deles eram cantoneses. Acho que a imigração cantonesa começou na Segunda metade da década de 1940. Nos últimos 20 anos houve um aumento maciço.¹⁹

De acordo com *M.Y.*, parece que a imigração cantonesa para o Brasil começou na Segunda metade da década de 1940. Entre outras, a razão disso pode ser a fuga devido à rebelião entre o Partido Nacionalista e o Partido Comunista. No caso da família de *M.Y.*, é interessante que o destino desejado por eles era os Estados Unidos. Ou seja, podemos pensar na possibilidade dos imigrantes chineses terem se mudado para a América do Norte por meio do Brasil. Esta possibilidade sugere que temos que ver a sociedade chinesa de São Paulo em meio à mobilidade mundial.

Hoje *M.Y.* ocupa o cargo de vice-diretor da Associação Geral Cantonesa do Brasil (巴西廣東同鄉總會). Fundada em maio de 1993, ela é formada por um grupo de amigos de Cantão e seus descendentes. A sede está situada na Av. Conselheiro Frutado, e estima-se que haja de 80 a 90 associados. De acordo com *M.Y.*, há aproximadamente 150.000 chineses no Brasil, e 80% deles moram ao redor de São Paulo. Desse total,

¹⁹ Entrevista foi feita em basicamente português complementada por comunicação escrito via ideogramas.

50.000 a 60.000 são de Cantão.

Vamos voltar à história de *M.Y.*.

Eu me casei com uma chinesa aqui, e tivemos 4 filhos e 1 filha. Minha identidade? Eu sou de Cantão, mas ao mesmo tempo sou chinês. Se tenho conflito com chineses de outras regiões? Atualmente não tenho. Estou administrando uma escola de idioma em São José dos Campos, mas meu sócio é taiwanês. Nós nos relacionamos muito bem. Nossa única preocupação é que não aumenta o número de alunos.

De acordo com *M.Y.*, a grande maioria dos imigrantes cantoneses são donos ou funcionários de restaurantes. O térreo do prédio da Associação Cantonesa do Brasil funciona como restaurante e no subsolo há um salão que pode ser usado para festas. Os funcionários do restaurante conversam em cantonês entre si, pois não entendem muito bem o português. Quando fui pela primeira vez à Associação, uma pessoa de meia idade atendeu-me, mas não entendia bem o português, por isso nós dialogamos escrevendo as letras chinesas num caderno de campo.

Assim, no caso dos cantoneses a imigração recente é grande, com tendência a aumentar por causa da influência da devolução de Hong-Kong e Macau para a China continental.

III-2-3 Imigrante *Hakka*

Hakka (客家) é um grupo étnico chinês, mas não é de todo claro de que região da China provém. No Brasil, é um fato que a comunidade *hakka* é mais organizada que a cantonesa, por exemplo. A palavra *hakka* significa “visitante” e, não tem sentido de aborígine. Simplesmente significa “pessoa que veio de outro lugar”. O grupo étnico *Hakka* não é originário do sul da China, alguns grupos da etnia *Han* (漢族) moravam na

região norte e migraram para o sul para evitar guerras. Atualmente, estima-se que a população *Hakka* espalhada pelo mundo seja de 45 milhões. [TAKAGUI, 1991: p.10] O grupo formou muitos militares e políticos tais como Sung Yat Sen (孫逸仙), Tong Chao Ping (鄧小平), Chu Tock (朱德), Yap Jian Ying (葉劍英), Ah Rong (賀龍), Soong Zu Wen (宋子文) e Lee Quang Yu (李光耀) todos de origem *hakka* [SEAGREVE, 1986: p.28]. E além disso, historicamente, esse grupo mandou muitos imigrantes a outros países como cantoneses.

Neste capítulo pretendemos esclarecer a história e a situação atual do imigrante de origem *hakka* no Brasil através da história da vida privada de *H.L.*.

【Dados de Entrevistado】

Assunto	Dados
Nome completo	<i>H.L.</i>
Ano de nascimento	1926
Endereço	Jardim Paulista, São Paulo
Profissão	Calígrafo, Administrador de uma galeria de arte
Relação com o Entrevistador	Apresentação através de um conhecido
Ambiente de Entrevista	Na galeria em que o entrevistado administra
Outros pessoas presentes na entrevista	Nenhuma
Data de entrevista	Dia 23 de abril e 10 de junho de 1998

Segue agora um relato do entrevistado.

Nasci em 1926 em Xinzhu (新竹) perto de Taipei. Meu pai era um

comerciante e ele negociava por atacado, por isso eu cresci sem problemas. Quando era criança não tinha consciência se eu era japonês ou chinês, porque as pessoas ao meu redor eram japonesas, e agora também a maioria dos meus amigos são japoneses. Minha esposa é taiwanesa nascida em Tóquio. A consciência de que sou um hakka ou chinês surgiu depois que terminou a guerra (Segunda guerra mundial). Até essa época não sabia que tinha vários grupos étnicos dentro da China.²⁰

Vamos fazer a tabela cronológica sintetizada da história da vida privada de *H.L.*:

História Cronológica da vida privada de *H.L.*

Ano	Idade	Tópico
1926	(0)	Nasceu em Xinzhu de Taiwan;
1931	(5)	Começou caligrafia quando tinha 5 anos;
1942	(16)	Foi admitido na escola profissional de agroquímica em Taipei (台北);
1945	(19)	Fim da guerra. Neste ano formou-se na escola profissional de agroquímica;
1948	(22)	Depois que começou a guerra civil de 2.28, participou da atividade política em Taiwan. Depois disso, por algum tempo exilou-se no Japão;
1966	(40)	Emigrou para o Rio Grande do Sul, no Brasil, como imigrante agrícola;
1988	(62)	Inauguração da Galeria Paulista na Av. Paulista em São Paulo; Tomada de posse como primeiro vice-diretor da Associação Geral Hakka do Brasil;
1989	(63)	Foi convidado pela China Continental como conselheiro da União Internacional Hakka;
1992	(66)	Deixa de ser o primeiro vice-diretor da Associação Geral Hakka do Brasil.

²⁰ A entrevista foi feita toda em japonês.

Seguem as palavras de *H.L.*:

Quando aconteceu a guerra civil de 2.28²¹ em Taiwan, estava no navio de volta da China continental. Depois que voltei a Taiwan, participei de atividades políticas, porque eu queria ajudar a salvar o povo de Taiwan. Depois disso, por algum tempo exilei-me no Japão para evitar um possível perigo. Nossa atividade acabou sendo derrotada e por isso não quero contar mais sobre isso.

Como resultado, vim ao Brasil, pois ficou difícil permanecer em Taiwan. Imigrei para a lavoura do Rio Grande do Sul. Porque minha especialidade era agroquímica plantei trigo durante dois anos apenas e depois, sai para São Paulo, administrar uma fábrica de lamen instantâneo.

Inaugurei essa galeria dez anos atrás. Comecei a estudar sobre a cultura hakka e chinesa depois que a guerra terminou.

H.L., teve uma vida agitada: a derrota do Japão, a requisição de Taiwan pelo Partido Nacionalista, a participação em atividade política e a emigração ao Brasil, fizeram com que durante o ele aprofundasse mais e mais sua identidade cultural *hakka*.

De acordo com *H.L.*, a população *hakka* no Brasil é de cerca de 4.000. Há a

²¹ A guerra civil de 2.28 é uma rebelião contra o governo do Partido Nacionalista Chinês que aconteceu em Taiwan, 1 ano e meio depois de Taiwan ter voltada ao domínio chinês. Os taiwaneses foram oprimidos e explorados pelo então superintendente da administração de Taiwan do Partido Nacionalista Chinês, Chin Wei (陳儀), mais do que na época do domínio japonês. Na tarde do dia 27 de fevereiro de 1947, houve uma forte repressão contra os contrabandistas de cigarro de Taipei (台北). No dia seguinte, dia 28, os taiwaneses revoltaram-se nas principais cidades exigindo maior autonomia no governo. Por algum tempo a tropa rebelde conseguiu vencer o exército do governo, mas com a chegada das tropas de reforço no dia 8 de março, a rebelião foi sufocada e esmagada, e o número de mortos chegou a 5.000

A revolta foi contida devido à falta de planejamento e de organização do exército rebelde, e a opressão terrível aumentou ainda mais a rivalidade entre taiwaneses e chineses. Como consequência, os taiwaneses passaram a se refugiar em outros países, principalmente no Japão [MUKAIYAMA, 1961: p.257].

Associação Geral *Hakka* do Brasil com o objetivo de promover a troca de informações entre seus membros. Parece que não há outros eventos importantes além do conselho de administração ordinária. Na reunião geral em São Paulo, reúnem-se cerca de 1.500 membros. Parece que não há aumento demográfico repentino como a comunidade cantonesa.

H.L. ocupava o cargo de primeiro vice-diretor da Associação Geral *Hakka* do Brasil desde a inauguração até 1992. Quando foi aberto o grande encontro da União Internacional *hakka*, ele foi convidado por Pequim (北京) como conselheiro. A experiência de *H.L.* acima, sugere que temos de ver a imigração asiática no Brasil dentro do contexto internacional.

Como resultado da pesquisa das entrevistas, verificamos que o primeiro comércio chinês na “Galvão Bueno” após a Segunda Guerra Mundial era o Restaurante Banri. A família *Y*, proprietária da loja, é *hakka*. Além disso, a família *X*, proprietária do Hotel Banri, que também fica na Rua Galvão Bueno e a família *L*, dono do grupo do Barão *L*, são *hakka*. De fato, na entrada do Hotel Banri ainda está colocada a placa de “Associação Geral Hakka do Brasil”. Assim, um número considerável dos comerciantes chineses do Bairro Oriental são da linha *hakka*.

III-2-4 Imigrante Taiwanês

Na verdade, não podemos distinguir claramente o grupo taiwanês e *hakka*. Pois inúmeros *hakka* do Brasil são de Taiwan. A identidade dos chineses é muito complicada.

Os taiwaneses eram um “povo do Grande Império Japonês”(大日本帝国臣民), por isso, podemos imaginar que existiam no Brasil alguns imigrantes taiwaneses com passaporte japonês. A imigração de Taiwan para o Brasil começou oficialmente a partir de 1962. Logo depois, taiwaneses expandiram-se no bairro da Liberdade porque eles

tinham a vantagem de saber falar japonês. É aplicável essa vantagem no caso de H.L. Mas a trajetória de vida da imigração deles não foi tão favorável como a dos imigrantes japoneses; ocupam lugar peculiar na comunidade chinesa no Brasil. Então, nesta parte, pretendemos esclarecer a história e a situação atual do imigrante taiwanês no Brasil através da história da vida privada de C.R.

【Dados do entrevistado】

Assunto	Dados
Nome completo	C.R.
Ano de nascimento	1934
Endereço	Av. Conselheiro Furtado, São Paulo
Profissão	Administrador de um restaurante
Relação com Entrevistador	Administrador do restaurante preferido do entrevistador
Ambiente de Entrevista	No restaurante que o entrevistado administra
Outros pessoas presentes na entrevista	Intérprete do Entrevistador
Data de entrevista	Dia 28 de maio de 1998

Sua mãe também nasceu em Taiwan? Ping Tong (屏東)?

Fica na região sul, não é? Eu nasci em Tai Chong (台中). Quando tinha vinte anos, fui para Tai Pei.

Por que eu vim para o Brasil? Já faz mais de quinze anos que conheci sobre a imigração para o Brasil. Diziam que aqui era muito bom. Alguns amigos já moravam aqui. Em março de 1981, parti de Tai Pei e fui para o Paraguai. Durante dois meses fiquei lá. Porque o visto do Brasil não saiu na hora. Depois, fui para São Paulo, e fiquei com um amigo taiwanês. Trabalhei em Salvador, por algum tempo, voltei para São Pulo e inaugurei a mercearia. Aqui (Av. Conselheiro Furtado) mesmo. A um ano e meio atrás inaugurei este restaurante "Por quilo". Temos

comida familiar taiwanesa gostosa!

No caso de *C.R.*, embora ele tivesse vontade de imigrar para o Brasil, não entrou diretamente, e sim via Paraguai. Na Ciudad del Este no Paraguai, fronteira com o Brasil, há habitantes chineses atualmente. Parece que eles estão ligados à importação e exportação na fronteira. De acordo com o artigo da *Época*, 26 mil chineses estão em Ciudad del Este [REINERT etc., 1998: p.23]. O exemplo de *C.R.* também sugere que temos de ver a imigração asiática no Brasil no contexto da mobilidade internacional.

O imigrante taiwanês mais velho que encontramos em São Paulo, está há mais de 40 anos no Brasil. Embora os imigrantes taiwaneses tenham vindos mais tarde que os imigrantes japoneses, em pouco tempo conquistaram comercialmente as redondezas da Praça da Liberdade. A Associação de Taiwan fica na Rua Conselheiro Furtado, perto da praça, o núcleo que promove a amizade entre taiwaneses. Entretanto, é duvidoso se a imigração taiwanesa irá aumentar daqui para frente, por causa do crescimento econômico repentino recente de Taiwan.

Além destes, podemos constatar vários grupos que vieram do litoral da China, como os Xangainês (上海人), Xantonês (山東人), Fuchonês (福州人), Zejanês (浙江人). Não é fácil pesquisar sobre estes recém chegados porque eles têm alto nível de mobilidade. Entretanto, há mais de 1,2 bilhões na China, e observando a mobilidade intensa de mão de obra com o estímulo de uma política de abertura econômica parece que há possibilidades de provocar maior mobilidade demográfica. Se aumentar a tendência de eles fixarem residência, haveria grande potencial de se tornarem a maioria entre os orientais no Brasil.

III-3. A Vida Privada de Comerciante Coreano

A primeira imigração coreana para o Brasil (4 famílias) foi em 1918 [CHOI, 1991: p.28], dez anos depois do início da imigração japonesa. Aliás eles foram se naturalizando japoneses por que a Coréia foi incorporada ao Japão a partir de 1911 até 1945.

Depois disso, passada a Guerra Civil Coreana, ex-soldados da Coréia da Norte ficaram prisioneiros do exército da ONU, sendo estabelecido que deveriam ir para um país neutro, e o Brasil recebeu uma parte deles. Em primeiro de junho de 1956, 50 ex-soldados coreanos e 5 chineses chegaram no aeroporto do Rio de Janeiro. Essas pessoas entraram no país com passaporte provisório emitido pela Índia.

A industrialização e a política de emigração da Coréia que foi devastada pelas guerras civis e lutas políticas, teve início, após o golpe militar e a instauração do governo de Chong Hi Pak (朴正熙) em maio de 1961. O início das relações diplomáticas da Coréia do Sul e Brasil deu-se em 1959; o governo militar da Coréia promulgou a Lei da Emigração em 15 de março de 1962. Em 11 de julho do mesmo ano, foi aberta a Embaixada da Coréia do Sul no Rio de Janeiro. A instalação da Embaixada Brasileira em Seul foi em maio de 1965 [CHOI, 1991: p. 33].

Em 1962, iniciou-se a emigração oficial dos coreanos para o Brasil. Em 18 de dezembro, o navio *Tjitjaleng* partiu do porto de Pusan (釜山) com 108 emigrantes coreanos e chegou em Santos no dia 12 de fevereiro de 1963. Daí em diante, como podemos saber por meio do **Quadro III-3-2**, citado na p. 91, durante 3 anos, até 1965, 1958 coreanos emigraram oficialmente para o Brasil. (V. **Foto. III-6 e III-7**)

Entretanto, a onda da emigração coreana sofreu grande mudança depois disso. A maior causa foi a alteração da Lei da Imigração dos Estados Unidos de 1965.

Em 1965, o Presidente dos Estados Unidos Johnson assinou o projeto da nova lei

em frente à Estátua da Liberdade na sua promulgação e ela entrou em vigor em 1968. Como resultado, a lei da imigração discriminativa foi abolida, e o limite do número de imigrantes do terceiro mundo, especialmente da Ásia, foi bastante ampliada. KÔ indicou que “A situação da emigração coreana mudou drasticamente depois de 1965, pela instalação da nova lei de imigração que levou a uma grande transformação histórica” [KÔ, 1993, p.158]. Certamente essa lei mudou a situação da migração mundial.

Daí em diante, não só os coreanos como também a grande maioria dos emigrantes asiáticos tornaram a visar os Estados Unidos. O **Quadro III-3-1** aponta o rápido aumento dos emigrantes para os Estados Unidos. Ao contrário, segundo o **Quadro III-3-2**, que indica o número dos imigrantes coreanos para os países da América Latina, o número dos imigrantes coreanos que aumentou gradualmente até 1965, diminuiu de repente em 1966. Apesar do número absoluto ser pequeno, a tendência é a mesma na Bolívia e na Argentina. Essas tendências são reflexos claros da alteração da Lei de Imigração dos Estados Unidos de 1965.

Quadro III-3-1 Número de Imigrantes Coreanos nos Estados Unidos

Ano	Número	Ano	Número
1965	2.139	1975	29.362
1966	2.492	1976	37.690
1967	3.956	1977	30.917
1968	3.811	1978	29.288
1969	6.045	1980	29.248
1970	9.314	1981	32.320
1971	14.297	1982	32.663
1972	18.876	1983	33.339
1973	22.930	1984	33.042
1974	28.028	1985	33.000
		Total	463.481

Fonte: CHOI, 1991: p.26

Quadro III-3-2 Saída de Imigrantes Coreanos para América Latina

Ano	BR	PAR	BOL	ARG	EQA	UR	PE	CH	COL
1962	170								
1963	462		13	1					
1964	604		302	2					
1965	722	1.223	282	169					
1966	340	273	104	6		7			1
1967	68	121	1	2			1		
1968	306	47	8	42					
1969	883	72	2	142					1
1970	1.775	52	8	797				36	10
1971	1.393	11	4	616					14
1972	2.635	94	77	153	8	5			
1973	194	192	34	200					2
1974	181	714	73	124	6	48			8
1975	136	2.391	221	305	120			4	7
1976	107	6.727	276	1.214	18	5			14
1977	71	1.211	197	351	59	12	1	1	5
1978	41	1.515	38	105	28	1		2	3
1979	19	10	43	26	6		1	25	3
1980	18	20	94	32	52			6	3
1981	114	31	125	107	104		4	13	
1982	226	278	162	124	36			22	
1983	166	694	761	70				40	17
1984	121	1.290	1.384	754	284		1	80	16
1985	203	2.100	46	1.953	172			130	2
TOTAL	10.959	17.566	4.255	7.295	1.063	78	8	359	106

Fonte: CHOI, 1991, p.112

KÔ resume em três os motivos do emigrante coreano [KÔ, 1993, p.166]:

1) O fator social: na Coréia do Sul, embora o governo de Sung Man Lee tivesse caído com a revolução dos estudantes de 19 de abril de 1960, aconteceu o golpe militar logo no ano seguinte, em 1961. O governo de Chong Hi Pak instalou o sistema ditatorial militar, reprimindo exaustivamente o movimento oposicionista. Sobretudo, como o governo militar prendeu as pessoas que procuravam a unificação do país o povo prosseguia a democracia , entre o poder militar e civil todos os dias;

2) O fator econômico: a situação econômica da Coréia estava enfrentando uma crise com a política precária. A política extrema de investimentos exteriores causou uma aumentou a distância entre ricos e pobres. A sociedade rural foi devastada e a população urbana chegou a um ponto insuportável pelo influxo;

3) A educação dos filhos: na Coréia a educação sempre foi muito importante. A demasiada importância à carreira acadêmica agravou-se com a situação social e econômica desfavorável. Os pais tentavam enviar os filhos para estudarem nos Estados Unidos, e os filhos sonhavam com isso. Se conseguissem, poderiam evitar o serviço obrigatório militar.

Estes são os motivos da emigração coreana principalmente para os Estados Unidos, mas eles são aplicáveis para outros países. É claro que bastantes emigrantes coreanos foram aos Estados Unidos, segundo o com **QuadroIII-3-1** (idem). CHOI descreveu sobre esta loucura pelos Estados Unidos dos coreanos da seguinte forma:

(...) Até hoje, o principal alvo dos emigrantes coreanos, pois consideram no como a imagem do paraíso. Muitos deles, repetimos, buscam o Paraguai e o Brasil apenas como pontes de passagem para aquele país. Os estudantes coreanos almejam fazer

seus cursos nos Estados Unidos. Não são poucos os emigrantes que, estabelecidos no Brasil, sonham em reemigrar para os Estados Unidos, mesmo que lá tenham de permanecer na condição de clandestinos e vejam-se forçados a falsificar documentos [CHOI, 1991: p.28].

Assim como CHOI indicou, o Brasil era só um ponto de passagem para os Estados Unidos. Mas, embora os coreanos visassem os Estados Unidos, na verdade, notável número deles fixaram-se no Brasil. O pico da emigração coreana para o Brasil foi na primeira parte da década de 70, e desde aquela época, a sua urbanização avançou rapidamente.

Um ponto muito interessante é que os imigrantes coreanos urbanizados primeiramente fixaram-se na Liberdade. *Liberdade* (1986) refere-se a esse fato da seguinte forma:

Grande contingente de coreanos também habita a Liberdade. Provenientes da Coréia do Sul, iniciaram o processo imigratório por volta de 1963 e instalaram-se na baixada do Glicério pelas facilidades oferecidas às construções naquela região, e pela proximidade do antigo “Parque Xangai”, hoje desativado, que pertenceu a um casal de coreanos. Dedicam-se, em sua maioria, ao comércio [DPDH, 1986: p.30].

A partir do início da década de 1970, eles começaram uma concentração residencial que se chamava “Vila Coreana” na Rua Conde de Sarzedas, onde o japoneses concentravam-se antes. CHOI resume as causas dos coreanos escolherem este lugar:

- 1) era uma região habitada por japoneses, o que significa uma maior possibilidade de comunicação, com o emprego do idioma japonês;

- 2) o aluguel era barato;
- 3) ficava próximo ao centro [CHOI, 1991: p. 97].

A causa 1) é igual à dos imigrantes taiwaneses. As causas 2), 3) fazem imaginar as causas pelas quais os japoneses concentraram-se na “Conde.”

O serviço principal que eles começaram na “Vila Coreana” foi o comércio ambulante, e em seguida, a costura e o atacado. Depois, eles foram formando a base da costura e o atacado como *ethnic niche*. Hoje, estima-se que 80 % dos coreanos instalados no Brasil trabalhem com roupas [MANSO, 1998: p.54]. “Os coreanos escolheram um ramo onde a mão de obra barata fizesse a diferença e o domínio da língua não fosse necessário”, explica Chang Up Jung, diretor da Associação Brasileira dos Coreanos [idem].

Conseguimos muitos depoimentos sobre o trabalho notável dos coreanos enquanto maioria dos imigrantes asiáticos da primeira geração: “Continuava trabalhar dia inteiro enquanto estava tomando tônicos”; “Ouvia o ruído de costurar a máquina noite inteira”; “trabalhava bastante, e pessoas que queriam sucesso foram para os Estados Unidos”(...).

Hoje, o número da população coreana do Brasil chega a 80 mil [MANSO, idem: p.54] ou 40 mil (panfleto publicado da Associação Brasileira dos Coreanos). O primeiro é o número que inclui os 35 mil clandestinos. De qualquer forma, concentram-se em São Paulo e ao seu redor. Os coreanos instalaram uma base comercial no Distrito do Bom Retiro como dominantes da costura e do atacado de roupa.

Vejamos o *network* dos coreanos do Brasil. Na comunidade coreana do Brasil, não pudemos localizar organizações conterrâneas como nas comunidades japonesas e chinesas. Uma das causas é que a grande maioria dos imigrantes coreanos eram da área

urbana e não tinham diferenças de dialetos e ideologias políticas como os chineses. No lugar da organização conterrânea, as igrejas cristãs tiveram uma importante função social e econômica entre os coreanos. Na Coréia, 30 % da população é cristã, a maioria dos imigrantes não só para o Brasil como também para outros lugares incluía bastantes cristãos. Hoje, existem 40 igrejas protestantes e uma católica da colônia em São Paulo. Estas igrejas oferecem um lugar para troca de idéias e informações da vida, da educação das crianças e até do comércio.

Agora, vamos mudar o ponto de vista para o Bairro Oriental.

Dizem que o primeiro comércio coreano do bairro foi o restaurante Korea House (韓国館) em 1972. Este restaurante representa a primeira expansão dos coreanos para a Rua Galvão Bueno onde os nikkeis dominavam na época. Em 1990, o restaurante foi revendido para Y, o atual dono e também coreano.

Y nasceu em Chong-Ryong-Myon de Paju da Província de *Kyonggui* (京畿道) da Coréia, na época colônia do Japão. Quando ele tinha 9 anos, a Coréia conseguiu independência, mas 5 anos depois começou a Guerra da Coreia. Quando jovem, ele explimentou um grande sofrimento com a guerra civil. Em 1962 foi funcionário do Centro Nacional da Cultura Coreana. (*Por diversas vezes, nas entrevistas, constatamos que os imigrantes coreanos, especialmente os primeiros imigrantes são de classe média com elevado grau de instrução. MANSO também indica isso: Os coreanos que elegeram o Brasil como seu destino pertenciam a famílias de classe média dotados de certo poder aquisitivo e, pelo menos, de diploma do 2 grau” [MANSO, idem: p.56].)

“Sempre estava preocupado com o recomeço da guerra. Por isso, eu decidi pela emigração,” diz Y. Algumas vezes aumentou a tensão contra a Coréia da Norte na década de 60 a 70. Além disso, internamente, o país estava sob o domínio do governo militar sob muito tensão.

“Naquela época, estava na moda emigrar para os Estados Unidos. Uma colega da minha mulher foi para os Estados Unidos, e nós tínhamos alguma informação da situação do emigrantes coreanos de lá. Ao contrário, ninguém sabia nada sobre o Brasil, e surgiu uma curiosidade sobre um país desconhecido,” diz Y sobre a razão de ter escolhido o Brasil.

Ele chegou com sua família em 1971 quando tinha 35 anos, já era casado e tinha 2 filhos. Assim que chegou ao Brasil, iniciou uma quitanda na Vila Coreana da Rua Conde de Sarzedas. Em 1974, iniciou a venda de roupas. Em 1976, mudou-se para o Ipiranga e começou com uma oficina de confecção, continuando até 1990.

“Até adquirir este restaurante, continuou o sofrimento”.

A administração sofrida da oficina de confecção, o fez pensar na reemigração para os Estados Unidos. “Mas desqualifiquei na última entrevista. Depois adquirei este restaurante, que deu certo. 5 anos atrás eu viajei para os Estados Unidos. Mas não gostei. Foi melhor vir ao Brasil.”

Vejamos a tabela cronológica simplificada da vida privada de Y:

História Cronológica da Vida de Y

Ano	Idade	Tópico
1936	(0)	Nasce na Pajû de Kyongi-Dô da Coréia;
1959	(23)	Formatura da faculdade;
1962	(26)	Foi um funcionário do Centro Nacional da Cultura Coreana;
1971	(35)	Chega no Brasil com sua família e inicia uma quitanda na Vila Coreana;
1974	(38)	Inicia como vendedor de roupa;
1976	(40)	Administra a oficina de confecção;
1990	(54)	Adquire o restaurante coreano “K”;
1997	(61)	Volta temporária para Coréia;

【Dados do entrevistado】

Assunto	Dados
Nome completo	Y. I. Y.
Data de nascimento e Idade	11/ 01/ 1936 (Pajû, Kyong-Dô, Coréia)
Local da loja	Rua Galvão Bueno
Profissão	Dono de restaurante (1990-)
Relação com o Entrevistador	Recem-conhecido
Ambiente de Entrevista	1) Na loja do entrevistador (08/06/2000) 2) Na loja do entrevistador (09/08/2000)
Outros pessoas presentes na entrevista	Apresentadora do entrevistado
Data de entrevista	1) 08/06/2000, 2) 09/08/2000

Qual é a tendência da segunda geração dos coreanos? Dizem que o sistema tradicional coreano (sistema de confucionismo) tem grande influência na comunidade coreana impedindo sua integração na sociedade brasileira. Por exemplo, MANSO apontou a característica dos imigrantes coreanos e mencionou algumas palavras de um coreano que vive em São Paulo:

(...) Os que moram ou fazem negócios nos nesses lugares ainda falam um português quase irreconhecível, na sua maioria. Casam-se apenas entre si e montam o negócio em família [MANSO, 1998: p.57].

Nossos hábitos são diferentes e por isso temos dificuldade em fazer amizade com os brasileiros. (...) Nos costumes orientais, demonstrar os sentimentos, tanto alegria como tristeza, pode ser visto como falta de educação, pois o outro pode se encontrar em um estado diferente de espírito[idem, p.58].

“Meus dois filhos já formaram-se pela faculdade de São Paulo e estão vivendo por sua conta. O primeiro filho casou-se com uma melhor da elite coreana, nascida na Coréia e formada em uma faculdade coreana famosa, mas não deu certo. Não penso que os filhos têm que se casar com coreanas. Não tem problema mesmo que sejam brasileira ou japonesa.” diz Y.

Tem aumentado, atualmente, os casos de mudança de ramo para restaurante por se sentir uma crise no monopólio (monoindústria) da confecção. Os novos imigrantes dos Estados Unidos ou diretamente da Coréia descobriram a fraqueza da estrutura econômica da comunidade coreana do Brasil e visam outros campos.

L nasceu em Seul e tem 30 anos. Depois de formar na Faculdade de Judô, estudou informática. Dois anos atrás, foi para Argentina procurar uma chance e depois de andar de uma comunidade coreana para outra na Argentina, Paraguay e Bolívia, fixou-se em Buenos Aires, mas veio para São Paulo seis meses atrás. Agora, mora numa pensão da Rua São Joaquim. Apesar de pouco tempo de estadia, fala português até certo ponto, mas mistura inglês e espanhol. Diz L o seguinte:

Na Coréia, ultimamente, os problemas sociais foram graves. Vários problemas vêm acontecendo como a ruína da família. Seja estudante ou adulto, há concorrência terrível e quem é reprovado no vestibular é ignorado por todos até pela família dele. (...) Nos Estados Unidos, já tem bastante coreanos. Eu não quero ir a esse tipo de lugar. Acho que os países da América Latina têm mais chance.

Ele tem o desejo de fundar um *think tank* que usa rede de computadores no Brasil. Mas como entrou no Brasil com o visto de turista, tem de sair uma vez fora do Brasil. “Depois de ir para a Bolívia e ganhar o visto permanente da Bolívia, vou voltar para o Brasil”, riu despreocupadamente.

Os comércios coreanos que podemos verificar no Bairro Oriental são 6 restaurantes, 4 bares de karaokê, 2 lojas de souvenir, uma loja de miudezas e uma agência turística. Além disso, eles investem suas economias nos *stand shops* do bairro. Hoje, os restaurantes coreanos propagam-se na Aclimação, distrito vizinho da Liberdade, e as oficinas de confecção e as lojas de vestuário expandem-se no Bom Retiro, no Centro. Estas concentrações de coreanos exercerem influência considerável no contexto étnico de São Paulo.

CAPÍTULO IV

Continuidade e descontinuidade, invenção de tradições no Bairro Oriental

VI-I. Continuidade e descontinuidade dos dois bairros japoneses

Aponta-se que para a primeira geração dos imigrantes, “o mérito da concentração” superou o “demérito da concentração” [ARISUE, 1995: p.250].

Os imigrantes japoneses reuniam-se na “Conde” antes da Segunda Guerra Mundial e, após a guerra, na “Galvão Bueno”, procurando esse “mérito da concentração”. Isso, porém, não deve ser explicado só pelo lado funcional. Os imigrantes japoneses que perderam sua terra natal com o prolongamento da estadia ou a decisão pela residência permanente, sentiam a necessidade de uma nova terra natal para seu conforto espiritual.

Já vimos a história das duas terras natais, a “Conde” e a “Galvão Bueno.” A “Conde,” iniciada a partir da segunda década deste século, caiu em decadência pela evacuação forçada em 1942, e começa a restabelecer-se gradualmente após a Segunda Guerra Mundial. Por outro lado, quando recuperou-se a paz na sociedade japonesa no Brasil após o fim da luta entre *Kachigumi* (vitoristas) e *Makegumi* (esclarecidos) , na “Galvão Bueno”, começaram-se a concentrar lojas e pensões nikkeis aproveitando a abertura do Prédio Niterói em 1953. Esta é a história da origem da “Galvão Bueno,” reconhecido por todos, mas será que a “Galvão Bueno” continua sendo o bairro japonês da “Conde”? Devemos examinar a continuidade e a descontinuidade dos dois bairros japoneses.

Na mesa redonda de 1964, as opiniões dividiram-se [SOCIEDADE PAULISTANA DE CULTURA JAPONESA, 1964: p.11-12].

NAKAO, diretor da mesa redonda, levanta o seguinte problema: “A ‘Galvão Bueno’ apareceu recentemente, mas será que podemos entender que ela surgiu como continuidade da ‘Conde’, ou não?” Como resposta, Hase e Hachiya, dois dos pioneiros da “Conde”, responderam o seguinte:

Hase: *Bem, é como se fosse uma continuidade.*

Hachiya: *Eu não penso assim. Como diz o Sr. Hase, com o surgimento isolado do Cine Niterói, isso motivou alguém a abrir duas ou três lojas e como elas foram bem sucedidas, o bairro cresceu. Por isso, não podemos dizer que seja uma continuação da “Conde”.*

Assim, Hase afirma a continuidade dos dois bairros de modo impreciso e Hachiya nega-a categoricamente.

Podemos concluir que não havia praticamente nenhum comerciante japonês da “Conde” antes da Segunda Guerra Mundial que mudou-se para as proximidades da “Galvão Bueno” após à guerra. Considerando o lado da história, a “Conde” mostra feições de bairro japonês a partir da década de 30 até o início da década de 70. Ou seja, o período em que a “Conde” e a “Galvão Bueno” coexistiram é bem longo, cerca de 15 anos. É verdade que com o surgimento da “Galvão Bueno”, a “Conde” foi entrando em declínio, mas podemos observar que a transição foi bastante lenta.

Como prova de que um número notável de lojas nikkeis restou na “Conde”, o Diário Nippak apresentou sua situação movimentada, valorizando a forma como elas conseguiram o *come back*. No entanto, a “Conde” não alcançou um *come back* de fato, aliás, podemos ver que os ares dos comerciantes nikkeis que sobraram no bairro é como

foi mencionado acima. Nesse sentido, não podemos dizer que a “Galvão Bueno” é uma continuação da “Conde.” Os nikkeis do Brasil tinham, com certeza, duas pequenas terras natais na época.

Entretanto, como descrevemos logo adiante, a função e o sentido dessa “terra natal” transformou-se de acordo com a mudança da consciência dos imigrantes entre antes e depois da guerra, e a alteração na natureza da comunidade japonesa (a decisão de permanecer para sempre no Brasil). Em seguida, teceremos considerações sobre a diferença qualitativa e de sentido para o imigrante japonês das duas “terra natal,” a “Conde” e a “Galvão Bueno.”

ANDÔ, Zenpachi, autor da primeira história geral do Brasil em japonês, escreveu o seguinte episódio:

Há mais de 40 anos, logo acima da ladeira da Rua Conde de Sarzedas que chamava-se ‘bairro japonês,’ havia um *udon'ya* (restaurante de macarrão japonês). Ele também ficava em um porão só que um pouquinho melhor que os outros; era sujo e tinha apenas uma mesa grande e dois bancos longos. Na época podíamos comer comida japonesa em hotéis japoneses como o Hotel Ueji ou Toquiwa, mas não havia um restaurante que pudesse ser chamado *ryôtei* (料亭), restaurante tradicional típico japonês, e este *udon'ya* era o único.

Eu também ia muito lá para comer *udon*, mas não só para comer *udon* como também para poder relaxar e passar alguns momentos felizes em meio àquele ambiente. Não consigo me esquecer de um jovem camponês do interior que me disse: ‘Eu trabalho com todo empenho na lavoura para comer *udon* em São Paulo uma vez por ano’. Comendo o *udon* cozido por japoneses em meio às conversas japonesas no *udon'ya*, onde sentíamos o alívio da pressão de uma cultura diferente; além de nos contentar o estômago enquanto recordávamos várias coisas da pátria, aquele espaço também confortava nossos espíritos [ANDÔ, 1964: p.14].

Este artigo foi apresentado em 1964, portanto, “Há mais de 40 anos” significa em torno de 1925. Esse episódio retrata bem a saudade que os imigrantes japoneses daquela

época que viviam no campo, sentiam para com a “terra natal.” A “Conde” do período anterior à Segunda Guerra Mundial conseguiu tornar-se uma “nova terra natal” para os imigrantes japoneses que haviam perdido sua verdadeira terra natal do Japão.

De acordo com Jirô KAMISHIMA que tentou esclarecer a estrutura espiritual do povo japonês que sustentou a modernização por vários ângulos, a modernização japonesa forçou os solteiros das famílias mais numerosas a mudarem-se para as cidades grandes, e caírem na situação de anomia crônica dentro da sociedade *gunka*²². Eles viam a família e a vila como “terra natal” e apoio espiritual. Porém, o crescimento econômico pós guerra provocou uma mobilidade demográfica notável para as cidades grandes, além disso, forçou a perda da “terra natal” mesmo pelos êxodos das vilas com família [KAMISHIMA, 1961: p.34-35] Segundo MITA que recebeu influência da opinião de KAMISHIMA: da década de 60 em diante, a urbanização cresceu em todo o Japão, e a “terra natal” existiria apenas num futuro que dever-se-ia construir. Esta “revolução copernicana da concepção de ‘terra natal’ inconsciente para o povo japonês”, de uma forma ou de outra, torna premente a consciência anômica formada pelo dos êxodo rural. Em relação a isso, eles podem escolher três opções [MITA, , 1971: p.5-16]:

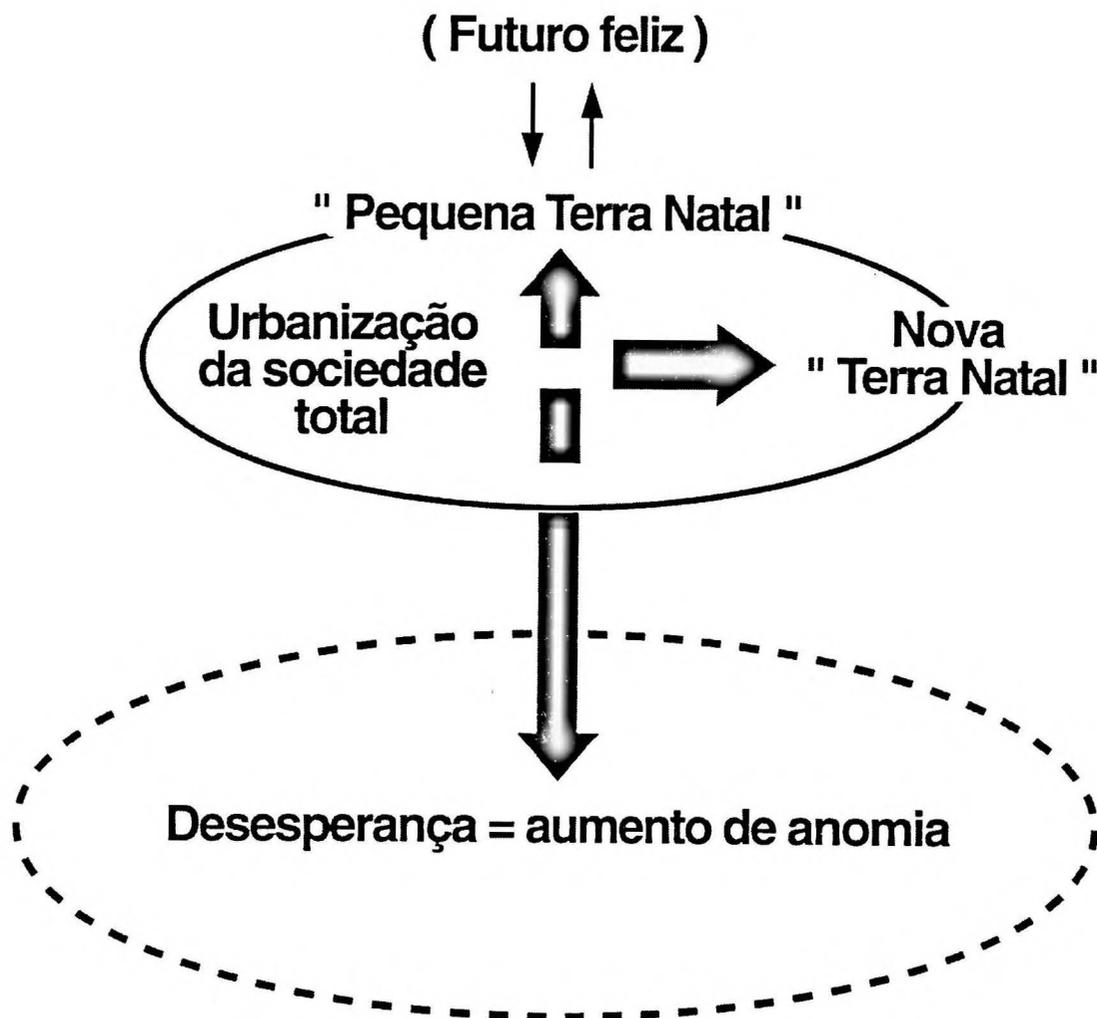
- 1) o agravamento de um segundo momento na situação anômica com o aumento do intercuro do desespero mútuo;
- 2) a superação da anomia pela criação de uma futura “nova terra natal”;
- 3) a criação de uma “pequena terra natal” isolada sob uma afirmação cínica da

²² Sociedade *gunka* (群化社会): uma concepção da sociologia japonesa e pode-se traduzir em inglês como *missing and atomizing society* [IGARASHI, Akirô, “Kakyô”, In. Dicionário da Sociologia, 1994: p.128-129]. Isto é, uma reconstrução da comunidade no processo da decomposição de uma sociedade. Aqui, significa as varias comunidades dos êxodo rural que apereceram no processo da urbanização do Japão na década de 1960 em diante.)

anomia.

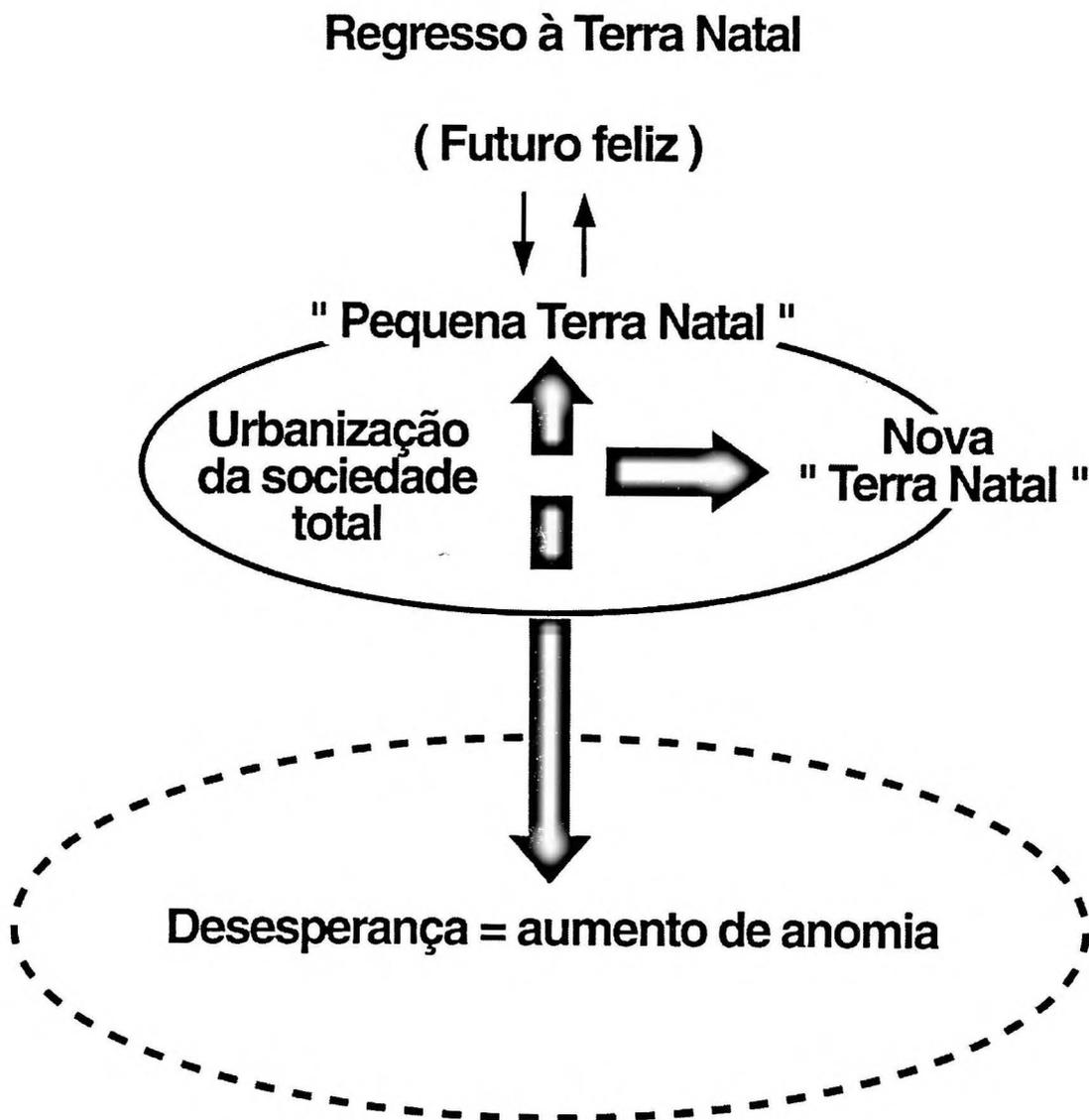
YOSHIMI esquematizou essa hipótese de MITA da seguinte forma (IV-1):

**IV-1 Modelo do Abandono da Terra Natal
(Depois do crescimento econômico no Japão)**



A “pequena terra natal” a que MITA se refere, significa principalmente, um local na cidade grande que serve de pequena residência. Se aplicarmos sua teoria na sociedade nikkei do Brasil, temos o seguinte: Como é conhecido, os imigrantes japoneses que vieram sonhando com o sucesso no início de suas histórias, tiveram que trocar a estratégia de curto prazo pela de longo prazo. Neste processo, suas anomias agravaram-se e equivale ao item 1). A anomia que os japoneses sentiram era dobrada por serem imigrantes estrangeiros incapazes de se comunicarem com os membros da sociedade local e devido às suas condições precárias de trabalhadores temporários. O item 2) diz respeito ao futuro dos que pretendiam voltar para o Japão bem sucedido ou da minoria que mudou a estratégia anterior escolhendo a cidadania brasileira. Entretanto, essa minoria também não podia facilmente romper com a nostalgia pela terra natal assim como a maioria que desejava, com urgência, criar mais do que uma “pequena terra natal”. Essa “pequena terra natal” foi concretizada como bairro japonês da “Conde” antes da guerra. Apresentaremos, em seguida, o processo da perda da terra natal e a criação da “pequena terra natal” com o esquema abaixo (VI -2):

IV-2 Modelo do Abandono e da Invenção da Terra Natal do Imigrante Japonês no Brasil



Os imigrantes japoneses diferem dos sírios, libaneses, chineses e coreanos, por terem sido basicamente agricultores no início da imigração [COMISSÃO DO PROJETO DA EDIÇÃO DOS 50 ANOS DA IMIGRAÇÃO JAPONESA, 1964: p. 49]. Após o início da imigração, cerca de 190 mil japoneses imigraram para o Brasil durante 30 anos, e conseqüentemente, grande parte deles fixou-se neste país. A maioria chegou aos cafezais do Estado de São Paulo como colono e iniciou a ascensão social a partir da camada mais pobre da sociedade rural. De acordo com o senso demográfico estadual de 1934, 92 % da população nikkei residia na sociedade rural e trabalha como agricultor. Até pouco depois da guerra, no Brasil, era consenso geral de que todo japonês é agricultor. A urbanização dos nikkeis foi conspícua a partir da década de 40, e, segundo o senso de 1958, 44,9 % fazia parte da população urbana, e estima-se que esse número subiu até 89,2 % dos 1.168.000, população total dos nikkei, segundo o senso demográfico de 1987. Hoje, os nikkei pertencem essencialmente à população urbana como MEYAMA indica [MEYAMA, 1996: p.162-163].

Com base na mudança da posição e da característica dos nikkei no Brasil, são diferentes a função e o sentido da “Conde” e da “Galvão Bueno”, como sua “pequena terra natal”.

No caso da “Conde” no pós guerra, em especial, os negócios principais eram na categoria ligada à refeição e à habitação como hotéis, pensões, restaurantes, bares e mercearias. A maioria dos consumidores, residiram principalmente na área rural, e às vezes iam ao centro, pois parece que não havia muita demanda por artigos de luxo. Os moradores da “Conde,” no início, moravam em porões e sua força consumidora não era grande.

Ao contrário, no caso da “Galvão Bueno”, como chamava-se a “Galvão Guinza”, refletiu a vida urbana, diversificou a categoria de negócios e aumentou o serviço e a

demanda dos artigos de luxo. O aparecimento de cinemas, agências de turismo, clubes noturnos e shopping center podem prová-lo. O tamanho e o número das lojas também aumentaram, apareceram organizações que sustentam a vida cultural e espiritual como centros culturais, templos budistas e igrejas.

A “Conde,” pelo menos uma parte da “Conde” com a Rua Conselheiro Furtado, tinha a potencialidade de desenvolver-se como a “Galvão Bueno”. Entretanto, a construção da “nova terra natal” foi interrompida com o processo por causa do começo da Segunda Guerra Mundial.

No desenvolvimento da “Galvão Bueno” do pós guerra, outros desafiantes tentaram construir uma “nova terra natal”. Porém, isso começou a ter outra função e sentido para os nikkeis. Tornou a aparecer como o Bairro Oriental de hoje pelas mudança da estratégia comercial e pela participação dos chineses e coreanos, com a teatralização como a estratégia comercial. Chegando na década de 90, essa teatralização avançou pela estratégia comercial.

Vamos procurar a transformação do sentido da “Conde” para a “Galvão Bueno”.

Antes da guerra, estava vivendo com o sentimento de que o Brasil existia dentro da sociedade japonesa. Mas depois da guerra, passei a ter a sensação de que estava respirando dentro do Brasil [SAITÔ, 1966: p.15].

SAITÔ Hiroshi, mencionou um relato “a história que um amigo meu evocou logo após a guerra” e comentou sobre isso:

Antes da guerra, chamávamo-nos reconhecidamente como nosso companheiro, e sociedade japonesa do Brasil formada e ninguém estranhava essa

situação. Em oposição a isso, a colônia nikkei, após o período ‘vazio’ causado pela guerra, foi produto do redescobrimto do Brasil como país adotivo [idem: p.15]”.

Obviamente, o aparecimento do Prédio Niterói e a formação da “Galvão Bueno” foram posteriores a, esse relato. Para a primeira geração dos imigrantes japoneses, o Brasil e o brasileiro, com o sentido de não japonês, aparecem como o “outro”; significa que a característica do “outro” é diferente entre antes da guerra (a época da “Conde”) e depois da guerra (a época da “Galvão Bueno”). Ou seja, um (o Brasil como “outro” para o japonês antes da guerra) é o “outro” fora do limite de avaliação, julgamento e ato. Ao contrário, o outro (o Brasil como “outro” para o nikkei após a guerra) é o “outro significativo” como maioria, segundo a consciência de que o nikkei é minoria; falando fracamente é a heterodoxia. Este “outro significativo” é uma existência que dá para o indivíduo e o grupo um padrão de autoavaliação, ao mesmo tempo que influi como um ponto de referência de avaliação, julgamento e ato. A apresentação intuitiva que expressou essa diferença foi “o relato que um amigo meu evocou logo após a guerra”. Pensamos que a característica do “outro” do nikkei como sentido último, foi formado pelo processo das políticas de nacionalização sob o poder de Gétulio Vargas, do pensamento anti-japonês durante a guerra e da luta entre *Kachigumi* (vitoristas) e *Makegumi* (esclarecidos).

A “Galvão Bueno” não só foi a “nova terra natal” como também forçou-se a impor a característica niponizada contra os chineses e coreanos que apareceram no bairro na década de 60. Ao contrário, o bairro aumentou a característica como *other-directed type* com a autoconsciência de minoria na sociedade brasileira. Além disso, a “Galvão Bueno” manteria a característica de “oriental” por meio da reflexão dos brasileiros como o “outro significativo” e o “exotismo” como autoconsciência com relação à estratégia comercial no processo evolutivo do bairro.

A concepção de “oriental” inclui a variedade significativa. Por exemplo, podemos achar que a variação significativa das interpretações do jardim do bairro que copiou o estilo tradicional japonês chama-se *Nihon Teien* (Jardim japonês) em japonês, mas, em português escreve-se Jardim Oriental na sua entrada. (V. Foto. IV-1.) Além disso, arco de *Torii*, o símbolo da japonesidade, juntamente com a lanterna *suzuran*, foi traduzido como “Tori-arco típico oriental e as lanternas” no jornal brasileiro. Nestes pontos, é lógico que são incluídas interpretações distorcidas do que se deveria chamar de “orientalismo brasileiro” pelos brasileiros. Podemos ver um desencontro na categoria de etnicidade entre asiáticos e não asiáticos. Essa “nova terra natal” inventaria uma outra “tradição” na relação tensa entre o olhar do “outro” e o do “eu.”

ANDÔ, que já citamos, disse da seguinte forma sobre a nostalgia dos imigrantes [ANDÔ, 1964: p.13]:

A nostalgia é uma saudade em relação à terra natal que o morador inevitavelmente manifesta quando está num país estrangeiro distante e por um longo tempo. É impossível para o imigrante, abstrair a nostalgia da terra natal. Dependendo da pessoa, há as que a sentem de modo incontrolável e outras que não têm consciência e a pessoa deixa de ser um imigrante.

A “nova terra natal” foi formada pela nostalgia da imigrante, porém, seu significado gradualmente tem sido transformado.

Para a segunda e a terceira geração, já urbanizada e com identidade brasileira, a “Galvão Bueno” não é objeto de mera nostalgia. Quando essa geração tornou a desempenhar um cargo da “Galvão Bueno” na década de 80, o bairro diminuiu o direcionamento para a construção da “nova terra natal”, renovando seu direcionamento para a invenção da “tradição” e sua ampliação como bairro oriental. Isto, concretamente,

significa a instalação das montagens visuais que enfatizam o exotismo como o arco de *Torii*, as lanternas suzuran, os azulejos com desenho de *tomoe*, o jardim oriental e a criação das novas festas “tradicionais”. (V. Foto. IV-2.)

Entretanto, a situação do Bairro Oriental muda em ritmo vertiginoso. O bairro temporariamente entrou em decadência como área comercial pelo afastamento dos comerciantes e dos consumidores nikkeis em função do fenômeno *dekassegui*. A partir da década de 90, o bairro adquiriu um conteúdo pleno de bairro oriental, não só a estratégia comercial como pela estrutura étnica por meio da participação de capital chinês e coreano. Visualmente apresenta uma situação apátrida por meio das fachadas e placas com caracteres japoneses, chineses, coreanos e portugueses. O nikkei já está perdendo a posição de dominante; no lugar dele, o chinês, da linha de Taiwan está surgindo com maior capital. A proporção dos brasileiros (não nikkeis) como consumidores aumentou. Agora, apareceu uma situação em que até o shopping center chinês que tem se elevado como dominante do bairro age como se fosse japonês [NEGAWA, 1998: p.245].

Hoje, o bairro mostra um revezamento de dominação relativamente mais rápido que a alternância étnica, que os sociólogos da Escola sociológica de Chicago tentaram pesquisar como segregação, gueto dos judeus, harém dos negros e *china town*, nos Estados Unidos. Além disso, está acontecendo uma emergência da cultura heterogênea, como por exemplo, a refeição oriental, o mini-kimono, o karaokê, a arte oriental (lanterna *chôchin*, *bonsai*) e outros²³ nesta cena de revezamento étnico.

²³ A Escola de samba Vai-vai adotou a fantasia e o carro de alegoria do desfile que enfatiza um exotismo oriental em 1998, nos 80 anos da imigração japonesa.

V-II. Invenção das tradições do Bairro Oriental

Hoje, os eventos realizados todos os anos no Bairro Oriental são o seguinte:

- 1) *Hana Matsuri* (花祭 = Festa da flor);
- 2) *Tanabata Matsuri* (七夕祭 = Festa das estrelas);
- 3) *Tôyô Matsuri* (東洋祭 = Festa oriental);
- 4) *Mochitsuki Tai Kai* (餅搗き大会 = Festa do amassamento de arroz);.

Existem outros eventos indeterminados previamente como a luta de Sumô, Undôkai (evento esportivo de crianças) entre outros. Mas os quatro primeiros são os eventos aprovados pela Secretaria Municipal de Turismo como eventos oficiais do bairro. Estes são aceitos e anunciados como evento tradicional do Bairro oriental.

O importante é que os eventos tradicionais foram inventados de acordo com o que convinha às condições da época e do local, e não são iguais aos orientais. Neste capítulo, teceremos considerações sobre os eventos.

Hana Matsuri antigamente era a cerimônia que comemorava o aniversário de Buda, e, no Brasil, foi iniciada pela Federação do Budismo do Brasil (ブラジル仏教連合会) fundada em 1958, por ocasião do cinquentenário da imigração japonesa. No início, era realizada no templo *Higashi-Honganji*. Hoje, este evento é promovido pela Comissão da Federação do Budismo do Brasil na Praça da Liberdade, todos os anos, no fim de semana mais próximo a 8 de abril. São feitos cumprimentos e discurso dos deputados federais de nikkei, do chefe da Secretaria Municipal de Turismo, do presidente da Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa, adquirindo um colorido político. O coral na praça, a leitura do sutra pelos monges das seitas budistas com vestes coloridas, o desfile *Oneri -Kuyô*, o palanquim do elefante branco e crianças vestidas a

caráter, representam um espetáculo cerimonial. Na Praça da Liberdade, começou em 1976. (V. **Foto IV-3-5.**)

Tanabata Matsuri: era originalmente a cerimônia folclórica oriental que consola Altair e a tecelã. De acordo com o costume japonês, ergue-se um bambu no jardim com bastantes *tanzaku*, uma cartão de papel colorido, com um poema ou letras para orar pelo progresso da costura e da caligrafia. No Japão, essa festa difundiu-se entre o povo em geral. Desenvolveu-se em Sendai, capital da província de Miyagui, como uma festa urbana e tornou-se um atrativo turístico como uma das três grandes festas da região nordeste do Japão.

Tanabata Matsuri do Bairro Oriental promovida pela Associação da província de Miyagui do Brasil sob apoio da ACAL iniciou-se em 1979. As decorações floridas de *Tanabata*, concorrem entre si e permanecem em vários pontos durante semanas, e alegrando as pessoas. Na festa da véspera, são representos o *show* de músicos nikkeis e a cerimônia de premiação de Miss *Tanabata*. (V. **Foto IV-6 e 7.**) Na última noite, a festa atinge o clímax com as artes folclóricas como o tambor japonês, a dança de *bom*, a dança de *awa* e a dança de *hanagasa*.

Tôyô Matsuri: A festa foi interiramente inventada na comunidade nikkei de São Paulo. Foi iniciada em 27 de novembro de 1969 pela ACAL. Hoje, é realizada todo primeiro sábado de dezembro. Decoram-se a Praça da Liberdade e a Rua Galvão Bueno, e são representadas principalmente as artes folclóricas japonesas como a toca de tambor japonês, dança de *bom*, dança de *awa*, e a dança de *hanagasa*. Neste sentido, deveria chamar-se “Nippon Matsuri (Festa Japonesa)”. Em 1991 foram convidados grupos artísticos chineses e coreanos, porém, não fixaram-se. Nesta festa também conta-se com a participação do prefeito e de outros políticos e o nome Festa Oriental mostra a estratégia política e a intenção da ACAL e da Secretaria Municipal de Turismo. (V. **Foto IV-8 e 9.**)

Mochi-Tsuki-Taikai: era originalmente uma pre-comemoração do Ano Novo. No último dia do ano, amassa-se o arroz no pilão de madeira ou de pedra com *kine*, um martelo de madeira. Oferece-se o mochi, arroz amassado, para os divindades do próximo ano, e reza-se pela paz e a felicidade do ano todo. Mochi é também o símbolo da alma de ano novo.

O *Mochi-Tsuki-Taikai* do Bairro Oriental iniciou-se em 31 de dezembro de 1976. Nesta festa conta-se com a presença do prefeito e dos políticos com *happi*, roupa tradicional japonesa de festa, havendo até demonstração do “amassa arroz”, com grande efeito de propaganda política.

Até hoje, o turismo muitas vezes tem sido criticado negativamente na sua relação com a cultura. Isto é, alega-se que “o turismo sempre destrói a tradição”. Porém, não podemos atribuir “a destruição da tradição” apenas ao turismo. Essa afirmativa comete um erro ao tentar idealizar a “cultura tradicional” como essência transmitida desde a antigüidade. Segundo os feitos da antropologia turística podemos verificar bastantes exemplos nos quais o turismo estimulou a criação de novas culturas [YAMASHITA, 1996: p.108].

Isso nos faz lembrar o conceito sobre a invenção de tradições proposto por Eric Hobsbawm. Segundo suas palavras, “Muitas vezes, ‘tradições’ que parecem ou são consideradas antigas são bastante recentes, quando não são inventadas” [HOBSBAWM, 1983: p.1].

Nos eventos do bairro, podemos observar, juntamente com uma tendência à proteção da cultura tradicional japonesa, um aspecto da cultura turística heterogênea que veio sendo reinventada em meio à estratégia do desenvolvimento do turismo.

Em terceiro lugar, os eventos do bairro são eventos da Cidade de São Paulo, que além de centro comercial e industrial, objetiva ser uma cidade de imigrantes, um polo turístico, como importante meio para transmitir a imagem de São Paulo e, por sua vez,

do Brasil. Posicionando-se e adquirindo o sentido de cultura étnica, funcionam juntamente com o bairro italiano do Bexiga ou a Vila Holandesa de Holambra. Podemos dizer que isso está interligado à criação da cultura paulistana, formada pelos imigrantes estrangeiros a partir de século XIX e pela migração interna em função da industrialização e da mudança da mão de obra, tendendo a ser deixada para trás na subida do regionalismo enquanto cultura local.

Estes eventos confirmam-se como parte da cultura regional de São Paulo e também da cultura nacional do Brasil por meio de sua inclusão em posters, panfletos, anúncios de televisão e outros.

Hoje, uma vez que a cultura étnica só existe dentro do sistema global, é natural que a cultura deve ultrapassar fronteiras e andar rumo ao sincretismo e à heterogeneidade étnica.

V-III. A comparação entre os grupos étnicos asiáticos

Antes da Segunda Guerra Mundial, havia poucos imigrantes chineses e algumas famílias coreanas, como verificamos no **CAPÍTULO. III**. Após a guerra eles não aumentaram "explosivamente" como nos Estados Unidos. Entretanto, é fato que milhares de imigrantes asiáticos, legais e ilegais, vieram para o Brasil, e grande número deles moraram ou passaram em São Paulo. Eles tiveram uma grande influência para a formação do Bairro Oriental.

Entre os grupos étnicos asiáticos, o grupo japonês tem a estatística mais sistematizada.

Como *Japones no Brasil 1987 • 1988* aponta, 1.104 mil, 89% da população nikkei, são moradores da área urbana. Ao contrário, 124 mil, 10,11% da população, são moradores da área rural [CENTRO DE ESTUDOS NIPO-BRASILEIROS, 1988: p.22].

Podemos saber que cerca de 90 % da população nikkei foi moradora da área urbana. Aliás, a grande maioria dos nikkeis não era moradora na área urbana desde o início.

Japonês no Brasil (1964) aponta o elevado percentual da origem em agrária dos imigrantes japoneses como mostra o Quadro que organiza o tipo de emprego dos imigrantes e de seus pais no Japão no decorrer dos anos [COMISSÃO DO PROJETO EDIÇÃO DOS 50 ANOS DA IMIGRAÇÃO JAPONESA, 1964 : p.237]. Segundo esse quadro, notável número de imigrantes japoneses antes da Segunda Guerra Mundial era da área agrária, e a grande maioria deles, até os oriundos de áreas urbanas no Japão, dedicaram-se à agricultura após imigrarem para o Brasil. Como MAEYAMA apontou, mais de 90 % dos imigrantes japoneses moravam na área rural. Eles se dedicavam à agricultura como colonos dos cafezais logo que chegaram, ou trabalhavam como arrendatários, meeiros e pequenos proprietários entre outros [MAEYAMA, 1996: p.74]. Isso ocorreu porque o Brasil estava aberto para os imigrantes apenas na agricultura.

A urbanização dos imigrantes japoneses já começara antes da Segunda Guerra Mundial como vimos na “Conde” no **CAPÍTULO. II**. Entretanto, 34,3% dos nikkeis eram moradores da região agrária até o censo de 1958 [COMISSÃO DO PROJETO EDIÇÃO DOS 50 ANOS DA IMIGRAÇÃO JAPONESA, 1964: p74], e a sua urbanização avançou mais lenta do que no caso dos chineses e coreanos.

Quadro VI-1 Emprego dos imigrantes japoneses no Japão(%)

	Imigrante			Pai do imigrante	
	Agricultura	Não Agricultura	População inativa	Agricultura	Não Agricultura
Total	52,9	32,3	15,0	70,0	30,0
1908-12	66,6	16,9	16,5	83,1	16,9
1913-17	71,2	14,4	14,4	86,5	13,5
1918-22	67,4	19,1	13,5	81,2	18,8
1923-27	50,0	32,6	17,4	66,8	33,2
1928-32	51,0	31,9	17,1	69,0	31,0
1933-37	49,7	36,3	14,0	66,5	33,5
1938-41	48,9	36,4	14,8	67,3	32,7
Pós guerra	51,9	35,9	12,4	72,0	28,0
Imigrante solteiro	44,9	35,9	12,4	72,0	28,0
Imigrante com família	56,6	39,5	3,9	73,6	26,4

Fonte: Japonês no Brasil (1964): p.74

Em contraposição, veremos o caso dos imigrantes coreanos.

A grande maioria dos coreanos veio para o Brasil como imigrante agricultor devido à condição imposta pelo Brasil. Entretanto, podemos ver uma concentração em suas origens como mostra o seguinte quadro.

Quadro VI-2 Local de saída dos imigrantes coreanos

Estado	Nº da família	Porcentagem
Seul	273 família	53,5%
Pusan	50 “	9,8%
Kangwon	8 “	1,6%
Kyonggi	24 “	4,7%
Chungchong do Norte	6 “	1,2%
Chungchong do Sul	3 “	0,6%
Kyongsang do Norte	22 “	4,3%
Kyongsang do Sul	17 “	3,4%
Chinia do Norte	2 “	0,4%
Não declarado	99 “	19,3%
Total	510 “	100,0%

Fonte: Relatório sobre os imigrantes coreanos do Brasil, Associação Brasileira dos Coreanos, São Paulo:1963

A grande maioria dos coreanos que veio para o Brasil foi agricultora. Mas os coreanos não se fixaram em área agrária ao contrário dos japoneses sim. A urbanização dos coreanos avançou rapidamente em apenas dez anos de chegada ao Brasil. Em comparação, a dos japoneses cresceu gradualmente desde a década de 50. CHOI aponta este fato da seguinte maneira:

Chegando ao Brasil, verificou-se que os coreanos que haviam se dirigido para a zona rural, após três anos, em média, cerca de 90% deles haviam mudado para a cidade de São Paulo, que, na época, os atraía, pois estava em pleno crescimento industrial. São Paulo abrigava imigrantes de diferentes países, e o crescimento anual de sua população era superior a 300.000 pessoas, o que permitia melhores condições de vida [CHOI, 1991: p.79].

É extremamente difícil adquirir a estatística dos imigrantes chineses do Brasil. Mesmo que a adquiríssemos, também seria difícil apreender o número correto dos imigrantes chineses porque havia bastantes clandestinos até o início da década de 60. Pela entrevistas, pudemos saber que os taiwaneses eram imigrantes agricultores no início de sua história no Brasil. Com alguma exceção, eles também foram se urbanizando.

No caso dos comerciantes japoneses, mesmo que eles tivessem uma estratégia de ascensão, chegavam apenas a ir trabalhar no Japão, quando expandiam-se além do território brasileiro, mas quase não existem exemplos de reemigração para os Estados Unidos. Ou seja, a sua mobilidade é de baixo nível no contexto internacional. Em oposição, os chineses e coreanos, desde o início da partida de seus países, já tinham estabelecido o claro objetivo de ir para os Estados Unidos, ampliando-se posteriormente para as áreas de língua inglesa como o Canadá e a Austrália. Eles sempre se mudaram para os países com altos índices de lucro. Ou seja, a mobilidade deles é de nível alto no contexto internacional. Nesse ponto, podemos dizer que o imigrante japonês tem uma característica agrícola, e, ao contrário, os imigrantes chineses e coreanos têm uma forte tendência comercial.

Os comerciantes japoneses estabeleceram bairros étnicos chamados *nippon-machi* em vários pontos da Ásia nos séculos XIV-XVII. Esses *nippon-machi* eram as bases comerciais fora do Japão, porém, eles entraram em decadência por causa do isolacionismo do xogunato *Tokugawa* (1603-1867). O xogunato basicamente deu importância à política agrária, plantando um pensamento e uma sensibilidade agrícola na vida do povo japonês. A sensibilidade agrícola consiste no apego à terra. Os japoneses que começaram a imigrar a partir do período Meiji (1868-1912), passaram a ter apego pela terra no momento em que pensaram em ganhar a vida fora ou cultivarem suas propriedades. Além disso, a política de imigração nacional do Japão da década de

30 e a naturalização estimularam os imigrantes japoneses a se fixarem no Brasil. Após a Segunda Guerra Mundial, o crescimento econômico e a procura interna de mão-de-obra no Japão brecharam a emigração e, como consequência, a sensibilidade pela vida agrária dos japoneses permaneceu na comunidade nikkkei do Brasil. Mesmo depois dos nikkeis urbanizaram-se, essa sensibilidade restou de forma profunda.

Entre os chineses, os cantoneses e fuzhoneses em especial, historicamente há uma tradição de emigração para o exterior. Eles têm um *network* internacional centralizado no sudeste asiático. Na Ilha de Formosa, basicamente, há bastantes ex-imigrantes fuzhoneses, possuindo um ambiente propício para a criação de comerciantes internacionais. As tensões políticas interna e externa do pós-guerra levaram o povo a fugir de Formosa. Além disso, depois da aceitação da China continental na sociedade internacional, Formosa aumentou seu isolamento, provocando maior deslocamento do povo.

A coréia adotou a política do isolamento a partir da dinastia Lee (李朝: 1398-1910), e raramente havia mudança da população para o exterior. No período colonial japonês, também não havia muita movimentação do povo exceto para a Manchúria com a convocação do governo ou do exército japonês. A imigração coreana para o Brasil iniciou-se a partir da década de 60 e atingiu o tempo áureo no início de 70. Atualmente, são 5 milhões de coreanos vivendo fora do país [MANSO, 1998: p.56]. Mas podemos considerar que o motivo para se sair do país, tem diminuído com o crescimento e a estabilidade econômicos²⁴ e o avanço das negociações de paz entre a Coréia do Sul e do Norte.

Quanto à tradição na emigração e travessia do mar, ao número da população fora do país, ao tamanho do *net work*, os coreano não se comparam aos chineses. De acordo

²⁴ Uma crise de dívida chegou na Coréia do Sul, mas está à caminho da solução.

com a estatística de 1988, 22.009.076 chineses e seus descendentes moram fora do país [YÜ, 1990: p.66-67]. Segundo SHIBA, o número real dos chineses e seus descendentes pelo mundo é de cerca de 25 milhões. Ele indica que 21 milhões estão distribuídos nos países do sudeste asiático, 1 milhão nos Estados Unidos, 400 mil no Canadá, 300 mil na América do Sul e 300 mil na Austrália [SHIBA, 1995: p.2-3]. A mobilidade desses chineses, daqui em diante, ficará cada vez maior e mais rápida. Isto é, a mobilidade dos imigrantes mostra que a sua variação e crescimento depende das condições de saída gerada pela política e pela densidade demográfica do país de origem e da situação do país receptor. Neste ponto, podemos dizer que a situação dos asiáticos de São Paulo também desenvolver-se-á, por si só, para diferente situação.

Hoje, há muitos problemas entre as minorias étnicas como a exploração dos trabalhadores bolivianos nas fábricas coreanas. Também para resolver esses problemas temos muitos aspectos a pesquisar como o pensamento e o comportamento próprios dos asiáticos.

Nesta última parte, gostaríamos de descrever a diferença dos três grupos imigratórios do Brasil, isto é, japoneses, chineses e coreanos, encontrados por meio desta pesquisa, do levantamento bibliográfico e dos entrevistas, entre outros.

Os imigrantes japoneses, apesar de mostrarem grandes mudanças e mobilidade dentro do país hospedeiro, raramente têm planos ou inclinações para a reemigração a um outro país. São dedicados à educação dos filhos, a maioria esmagadora tem como destino do estudo fora do país, o Japão. O número de *dekassegui* que aumentou desde a segunda metade da década de 80, também é uma resposta o mesmo movimento no sentido inverso.

Em termos comparativos, os imigrantes chineses e coreanos mostram uma mudança mais complexa. Por exemplo, os países mais procurados pelos chineses são os Estados Unidos, o Canadá, a Austrália, os coreanos também, em sua maior parte, têm

um direcionamento evidente para os Estados Unidos e o Canadá. Entram no Brasil por conveniência e não desistem de estratégias e há muitos casos em que reemigram para os países acima citados. Também são entusiastas na educação dos filhos mas a maioria escolhe os países acima citados do idioma inglês, para estudar, sendo que a China, Taiwan e o Coréia, suas terras natais, em segundo lugar. É possível apresentarmos como modelo dos descendentes chineses e coreanos a fixação dos mesmos países desenvolvidos nos quais eles estudaram onde difundem atividades familiares e comerciais por meio de *network* consanguíneos ou conterrâneos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma das características do Brasil é a diversidade étnica. Foram realizadas várias pesquisas sobre os grupos de imigrantes e étnicos que formam este país, porém, não podemos dizer que elas foram suficientes. O influxo de imigrantes para o Brasil ainda continua e a evasão de povos aumenta-a sociedade brasileira está em movimento. Ou seja, o Brasil, e mais especificamente São Paulo, seu maior cidade, é um campo fértil mas ainda inexplorado para estudos étnicos.

EADES, J.S. aponta que ficou muito fácil e barato viajar graças ao progresso da tecnologia e ao desenvolvimento de agências turísticas, e diz o seguinte:

Ser fácil e barato viajar significa que não há muita diferença de custo entre uma viagem no interior do país e uma viagem para o exterior em termos de procura de emprego. Não há muito diferença entre ir de Tóquio para Los Angeles ou Nova Iorque ou para Sapporo. Os imigrantes distanciaram-se da relação simples com sua terra natal e sua pequena comunidade, passando a formar um *network* internacional [EADES, 1996: p.119].

Ultimamente, no Brasil, também, têm aparecido casos em que a travessia do mar não é causada pelo trabalho ou pela imigração, mas por turismo, visitas a parentes e amigos, estudos, treinamentos e trabalho como funcionário residente, entre outros, gerando casos de permanência ilegal ou de realização de trabalho ilegal, chamando a atenção para uma nova face da imigração. Não é pequena a influência da moda e da subcultura trazida pelos novos imigrantes na formação da imagem dos grupos étnicos.

O Bairro Oriental, objeto desta pesquisa, apesar de se chamado “o maior bairro japonês fora do Japão” ou “o maior bairro oriental da América do Sul”, não era objeto de pesquisa sistemática, pelo menos nas bases de dados consultados.

Neste trabalho, tentamos descrever uma etno-historiografia do Bairro Oriental com os resultados da Escola sociológica de Chicago, a história da vida, a perspectiva de *performance* e a antropologia turística. Nesse processo, tentamos esclarecer a estrutura da vida dos moradores do bairro, o seu sentido como uma nova “terra natal” para os imigrantes japoneses.

No Capítulo II, descrevemos a concentração de asiáticos na história da imigração moderna, que se iniciou na segunda década deste século, exemplificando com o bairro japonês na “Conde”, a Rua Conde de Sarzedas e suas redondezas. Este bairro expandiu-se a partir de meados da década de 1910 até início da década de 1940, mas foi forçado a se dispersar devido à Segunda Guerra Mundial.

Após a guerra, os japoneses retornaram para as proximidades da “Conde”, mas mudando a sua tendência em função do aparecimento do Prédio Niterói. Por isso, outros comerciantes japoneses começaram a se concentrar na “Galvão Bueno”, constituída pela Praça da Liberdade, a Rua Galvão Bueno e suas adjacências.

Com os anos 1960, iniciou-se a imigração chinesa e coreana ao Brasil. Em São Paulo, eles convergiram rapidamente para a capital, concentrando-se no distrito do Liberdade. O Centro da Sociedade Paulistana de Cultura Japonesa (hoje o Centro da Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa) foi fundado em 1964 na Rua São Joaquim; e assim, a área que fica entre a Praça da Liberdade e a Rua São Joaquim tornou-se um bairro organizado pela comunidade nikkei.

Em 1968 iniciou-se a construção da Estrada Radial Linha Leste Oeste e em seguida a do Metrô, e os lojistas do bairro sofreram um golpe com essas obras. Nessa época, a ACAL sucessivamente propõe idéias, como a decoração do bairro com

símbolos orientais e a realização de eventos tradicionais para resolver a crise. Essa estratégia foi ao encontro da política de revitalização da cidade, iniciada pela Secretaria Municipal de Turismo. Depois da abertura do Metrô essa estratégia mostrou eficiência com grande expansão do bairro. Entretanto, a ascensão social e suburbanização dos nikkei avançaram, ao mesmo tempo em que a presença de chineses e coreanos cresceu no bairro, o fenômeno *dekassegui* colaborou com a presença cada vez menor dos nikkeis no bairro.

No Capítulo III, por meio das histórias da vida privada dos comerciantes asiáticos, expõe-se os motivos dos comerciantes que entraram no Bairro Oriental, a situação de simbiose étnica e a razão do bairro ter se realizado como um espaço comercial. O bairro atrai os nikkeis pelo seu comércio; os chineses e coreanos reúnem-se no bairro para coletar informação sobre trabalho, usando a língua japonesa. Neste capítulo, verificou-se que o setor de serviços da comunidade enfrenta dificuldades pela ausência de sucessores.

No Capítulo IV, colocamos a questão da continuidade e descontinuidade física cultural dos bairros japoneses, a “Conde” e a “Galvão Bueno”. Embora os dois espaços urbanos apresentem características distintas, ambas podem ser vistas como uma “nova terra natal” dos imigrantes japoneses. Embora persista esta visão, o Bairro Oriental hoje é mais um simulacro de um espaço étnico asiático, como um cenário de teatro; ao mesmo tempo em que é um ponto turístico da cidade de São Paulo. Neste capítulo, comparamos, ainda, a característica dos três grupos de imigração e apresentamos uma interpretação sobre o imigrante japonês enquanto possuídos de uma tendência agrícola, o chinês com características comerciais em termos mais amplos e o coreano também comercial, mas em termos mais limitados.

Podemos compreender que o Bairro Oriental é um espaço de sobreposição das memórias e das estratégias da vida dos japoneses, chineses, coreanos e outros. É um

espaço que está sempre se transformando nas relações internacionais. Por isso é preciso observar e analisá-lo sucessivamente. Para a maioria dos imigrantes japoneses o bairro foi uma “nova terra natal” ou pequena “terra natal”. Mas nesta pesquisa não foi possível analisar o significado do Bairro Oriental para as comunidades chinesa e coreana. É um assunto ainda a se resolver.

Temos pesquisas avançadas sobre os grupos étnicos e os bairros étnicos da América do Norte, e, de agora em diante, será cada vez mais importante compará-las com os exemplos do Brasil e demais países da América Latina. Nos casos asiáticos, não faltam objetos de comparação: os *japanese town* nas cidades do Haváí e da Califórnia, os *china town* e *korean town* de Nova Iorque, Los Angeles, Toronto, Paris e Sydney. Nos Estados Unidos, tem se criado a identidade chamada de “Asian American”²⁵. No Brasil, ainda não notamos esse tipo de identidade. Porém, é necessário reexaminar o conceito de “oriental” com o conceito de “asiático” que possui um sentido auto consciente. Temos interesse por esses tópicos, inclusive pelo significado dessas palavras; e como os nossos grupos asiáticos trilharão por caminhos diferentes dos trilhados pelos norte-americanos.

A imigração moderna do velho para o novo continente, a partir do século XVIII, foi uma grande experiência do ser humano. Como resultado, os ex-vizinhos asiáticos, japoneses, chineses e coreanos, voltaram a se reunir, coincidentemente, no Brasil. É grande o interesse pelas formas como eles se desenvolverão na nova terra e pela função que irão cumprir no sistema mundial do século XXI.

²⁵ Essa identidade foi criada com a manifestação dos direitos civis pelos moradores asiáticos da década de 60 e 70 nos Estados Unidos. Ao mesmo tempo, nas Faculdades fundaram-se os cursos e centros de estudos de *asian american study* para pesquisar vários assuntos das comunidades asiáticas. Por exemplo, *The study center of asian american* da Universidade da Califórnia, em Los Angeles, foi fundado em 1969 [MURAKAMI, 1997: p.17-21].

BIBLIOGRAFIA

Português e Inglês

- ALIBER. “Como nasceu o Bairro Oriental e a Feira de Arte e Artesanato da Praça da Liberdade”. São Paulo, ALIBER, 1998
- ANDERSON, Nels. *The Hobo*, Chicago, University of Chicago Press, 1923.
- ARAÚJO, Oscar. E. “Enquistamentos Étnicos”. In. *Revista de Arquivo de Municipal de S. Paulo* LXV. São Paulo, 1940.
- _____. “Latinos e Não-Latinos no Município de São Paulo”. In. *Revista de Arquivo de Municipal de S. Paulo* LXXV. São Paulo, Divisão do Arquivo Histórico, 1941.
- CARDOSO, Ruth C. Leite. *Estrutura Familiar e Mobilidade Social*. São Paulo, Primus, 1995
- CHOI, Keum Joa. *Além do Arco-Íris : A Imigração Coreana no Brasil*. São Paulo, Dissertação de Mestrado da FFLCH/USP, 1991.
- COMISSÃO DE ELABORAÇÃO DA HISTÓRIA DOS 80 ANOS DA IMIGRAÇÃO JAPONÊSA NO BRASIL (Org.).
Uma Epopéia Moderna 80 Anos da Imigração Japonesa no Brasil. São Paulo, Editora Hucitec/Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa, 1992.
- COSER Lewis. “Tendências Americanas”. In. BOTTOMORE T. & NISBET R. (Org.) *História da Análise Sociológica*. Rio de Janeiro, Zahar, 1980.

- DIVISÃO DE PRESERVAÇÃO DO DEPARTAMENTO HISTÓRICO.
Cadernos do Igepacsp 2: Liberdade. São Paulo, DPDH, 1986.
- EMBRATUR (Org.). “Turismo Receptivo”. In. *Anuário Estatístico*, Brasília-DF. 1988/89, 90/91, 92/93, 94/95, 96.
- EUFRASIO, Mário A. “A Formação da Escola Sociológica de Chicago”. São Paulo, Departamento de Sociologia da FFLCH-USP, 1988.
- FAUSTO, Boris. *Historiografia da Imigração para São Paulo*. São Paulo, Idesp, 1991.

_____. *História do Brasil*. São Paulo, Edusp, 1994.
- GEERTZ, Clifford. *Negara: The Theatre State in Nineteenth Century Bali*. New Jersey, Princeton University Press, 1989.
- GUIMARÃES, Laís de Barros Monteiro. *História dos Bairros de São Paulo: Liberdade*. São Paulo, DPH- Prefeitura Municipal, 1971.
- HANDA, Tomoo. *O Imigrante Japonês – História de sua vida no Brasil--*. São Paulo, Centro de Estudos Nipo-Brasileiros, 1987.
- HELO, Reinert. Milton Alberto Jr. & SALDANHA, Patrícia. “Os Ralos de Nossa Economia”. In. *Época* Nº4. São Paulo, Globo, 15 de junho de 1998.
- HOBSBAWN, Eric. “Introdução: A invenção das Tradições”. In. HOBSBAWN, Eric & RANGER Terence (Org.). (Tradução de CAVALCANTE Cardim Cekina) *A invenção das Tradições*. Rio de Janeiro, PAZ E TERRA, 1984.
- IMAGENS DO JAPÃO. “Imagens do japão TV Ltda”. São Paulo, Okuhara Production, 2000.

- INSTITUTO CULTURAL ITAÚ (Org.). *Cadernos Cidades de São Paulo: Sé.* São Paulo, Instituto Cultural Itaú, 1993.
- MANSO, Bruno Paes. “O enigma dos coreanos no Brasil”. *Veja* Nº 1546. São Paulo, Abril, 13 de Maio de 1998.
- MUSEU DA IMIGRAÇÃO (Org.). “A viagem do Dragão - Arte e imigração chinesa-”. São Paulo, MUSEU DA IMIGRAÇÃO, 1996.
- PARK, Robert. E. “A Cidade: Sugestões para A Investigação do Comportamento Humano no Meio Urbano”. Tradução de SANTEIRO, Sérgio Magalhães. In. *American Journal of Sociology* XX. Chicago, The University of Chicago Press, 1915.
- PARK, Robert E. & BURGESS, Ernest W. (Org.). *Introduction to the Science of Sociology*. Chicago, The University of Chicago Press, 1921.
- SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA & MUNICIPAL DE CULTURA (Org.). *Onde está sua história*. São Paulo, Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand, 1981.
- SPOSATI, Aldaíza (Org.). “Que Cidade é Esta?”. São Paulo, Núcleo de Estudos e Pesquisas de Seguridade e Assistência Social - PUC/SP, 1995.
- TEIXEIRA, José Roberto Leite. “Imigração Chinesa para o Brasil”. In. *China em Estudo* Nº2. São Paulo, FFLCH-USP, 1995.
- TOMAS, William & ZNANIECKI, Florian. *The Polish Peasant Europe and America*. Chicago, Univaesity of Illinois Press, 1984 (Republicação).
- TURNER, Victor W. *Dramas, Fields and Mtaphors*. Ithaca and London, Cornel University Press, 1970.

- WIRTH, Luis. *The Ghetto*. Chicago, The University of Chicago Press. 1928.

Japonês

- ANDÔ, Zenpachi. “Imin to kyôshû” (“移民と郷愁” = Imigrante e nostalgia). In. *Colônia* Nº44, São Paulo, Sociedade Paulistana de Cultura Japonesa, 1964.

- AOKI, Hideo. “Toshi-kasô to Life history-hô” (“都市下層とライフヒストリー法” = A classe baixa na área urbana e o método da história da vida privada). In. TANI, Tomio(Org.). *Life history-hô wo manabu hito no tameni* (= Introdução do método da história da vida privada). Quióto, Sekaishisô-sha, 1996 .

- ARISUE, Ken. “Imun kenkyô seikatsu-shi” (“移民研究と生活史”= A pesquisa da migração e a história da vida privada) In. *America no Nihon Imin* (アメリカの日本移民 –都市・社会・生活-- =Imigrantes Japoneses na America - Cidade・sociedade・Vida -). Tóquio, Dôbunkan, 1995.

-CENTRO DE ESTUDOS NIPO-BRASILEIROS. *Brasil ni okeru Nikkei-jin jinkôchôsa hôkokusho*. (ブラジルに於ける日系人人口調査報告書=Relatório do resultado da contagem do recenseamento da população dos nipo-brasileiros do Brasil). São Paulo, Centro de Estudos Nipo-Brasileiros, 1988.

. *Brasil Nippon Imin Shakai-shi Nenpyô*. (ブラジル日本移民・日系社会史年表=Tabela Cronologica da Imigração Japonesa e História Social da Nipo-Brasileira). São Paulo, Centro de Estudos Nipo-Brasileiros, 1996.

- COMISSÃO DO PROJETO DA EDIÇÃO DOS 50 ANOS DA IMIGRAÇÃO JAPONESA *Brasil no nippon-imin* (ブラジルの日本移民<記述編>=O imigrante japonês no Brasil). Tóquio, Tokyô daigaku shuppan-kai, 1964.

- EADEZ, J. S. “Kindai sistem niokeru imin” (“近代世界システムにおける移民”
= Migração do sistema do mundo moderna). In. YAMASHITA, Shinji. (Org.).
Idô no minzokushi (移動の民族誌 = Etnografia da mobilidade). Tóquio,
Iwanami-shoten, 1996.
- GOFFMAN, E. *Kôï to engui* (行為と演技 = The presentation of self in everyday life:
Tradução de Atsushi ISHIGURO). Tóqui, Seishin-shobô, 1974.
- HANDA, Tomoo. *Imin no seikatsu no rekishi*. (移民の生活の歴史 = A História do
Imigrante Japonês --O caminho percorrido pelo nikkei--). São Paulo, Centro de
Estudos Nipo-Brasileiros, 1970.
- IGARASHI, Akio. “Kakyô” (“家郷” = Terra natal). In. MITA, M., KURIHARA, A. &
TANAKA, Y. (Org.). *Shakaigaku-jiten* (社会学事典 = Dicionário da Sociologia).
Kôbundô, Tóquio, 1994.
- IMAFUKU, Ryûta. *Creole-shugi* (クレオール主義 = Criolismo). Tóquio, Seido-sha,
1994.
- KADONO, Etsuko. “Kakkoku colônia hômon” (“各国コロニア探訪 7・中国系社会” =
Reratório de Visita das Colônias Extranjeiros 7: Comunidade Chinesa). In. *São
Paulo Shimbun*, São Paulo, 24 de março, 1998.
- KÔ, Chang Yû. *America korian town* (アメリカ・コリアンタウン = Bairro coreano na
América). Tóquio, Shakai hyôron-sha, 1993.
- MAEYAMA, Takashi. *Ethnicity to brasil nikkei-jin* (エスニシティとブラジル日系人
= Etnicidade e nipo-brasileiros). Tóquio, Ochanomizu-shobô, 1996.
- MITA, Munesuke. “Atarashii bôkyô no uta” (“新しい望郷の歌” = O novo canto de
nostalgia). In. *Gendai nippon no shinjô to ron'ri* (現代日本の心情と論理 = O
sentimento e a lógica no Japão contemporâneo). Tóquio, 1971.

- _____ . “Wirth” (“ワース”= Wirth). In. MITA, M., KURIHARA, A. & TANAKA, Y. (Org.). *Shakaigaku-jiten* (社会学事典=Dicionário da Sociologia). Kôbundô, Tóquio, 1994.
- MUKAIYAMA, Hiroo. “2.28 jiken” (“二. 二八事件”= A guerra civil de 28/02). In. *Asia rekishi jiten* (アジア歴史事典=Enciclopédia da história asiática). Nº 7. Tóquio, Heibonsha, 1961.
- NAKAO, Kumaki etc. “Zadan-kai--Kurô jidai no Conde--” (座談会--苦勞時代のコンデ--=Rua Conde na época do sofrimento). In. *Colonia* Nº44. São Paulo, Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa, 1964.
- NEGAWA, Sachio. “Shidan no machi no seikatsu-shi” (“師団の街の生活史”= História da vida no bairro militar). In. *Kyôiku to kenkyû* (教育と研究=Educação e pesquisa) Nº 12. Osaka, Momoyama-gakuin Kiyô-iinkai, 1996.
- _____ . “São Paulo Tôyô-gai no keisei to hen'yô ni kansuru note” (“サンパウロ東洋街の形成と変容に関するノート”=Ensaio sobre a formação e transformação do Bairro Oriental de São Paulo). In. *Anais do IX Encontro Nacional de Professores Universitários de Língua, Literatura e Cultura Japonesa*. Assis, UNESP, 1997.
- ONISHI, HIRAI & ARAI etc. *Liberdade* (リベルダーデ=Liberdade). Associação Cultural e Assistencial da Liberdade, São Paulo, 1996
- SAITO, Hiroshi. *Brasil no nihonjin* (ブラジルの日本人= Japonês no Brasil). Tóquio, Saimaru shuppan, 1978.
- _____ . “Gabu-gai to bunkyô” (“ガ・ブ街と文協”=Rua Galvão Bueno e Sociedade Paulistana de Cultura Japonesa). In. *Colonia* Nº 37. São Paulo, Sociedade Paulistana de Cultura Japonesa, 1963.

- SÃO PAULO NIHONJIN-GAKKÔ (ESCOLA JAPONESA DE SÃO PAULO).
Gakkô Yôran (学校要覧=Guia da escola). São Paulo, SÃO PAULO NIHONJIN-GAKKÔ, 1999.
 - SEAGRAVE, Sterling. *Sô ôchô* (宋王朝= Dinastia de Soong / Texto Original: The Soong Dynasty. Harper & Row, New York , 1985.) Nº 1, Tóquio, Saimaru shuppan, 1986.
 - SHIBA, Yoshinobu. *Kakyô* (華僑=Chinês for a da China). Tóquio, Iwanami-shoten, 1995
 - SHOEY (Org.). *Liberdade Mini Benricho* (リベルダーデ・ミニ便利帳=Índice Telefonico Liberdade). São Paulo, Editora SHOEY Ltda., 1998.
 - TAKAGI, Keizo. *Hakka* (客家= Hakka). Tóquio, Kodansha, 1991.
 - YAHAGUI, Fujio. “Tanaka-san to Cine Niterói” (“田中さんとシネ・ニテロイ”=Sr.Tanaka e Cine Niterói). In. COMISSÃO EDITORA DA COLÔNIA GUEINÔ-SHI, *Colônia gueinô-shi* (コロニア芸能史=História dos arte e espetáculo da colônia). São Paulo: C/A Casa Mizumoto, 1982.
 - YONEYA, Fumiko, MURASE, Ichiô Mike & KAGEYAMA Masao. *Little Tokyo no 100 nen* (リトル・トーキョーの百年=100 anos de Little Tokyo). Tóquio, Shinchô-sha, 1987.
 - YOSHIMI, Shunya. *Toshi no Dramaturgy* (都市のドラマトゥルギー=Dramatrogia de cidade). Tóquio, Kôbundô, 1987.
- _____ . “Overview-Toshi to toshika no shakaigaku” (“都市と都市化の社会学”= Overview-A Sociologia das Cidades e Urbanização). In. *Toshi to toshika no shakaigaku* (都市と都市化の社会学=A Sociologia das Cidades e Urbanização) Tóquio, Iwanami- shoten, 1996.

- YÔ, Chû-kun. *Kakyô -keizai minnzoku no network-* (華僑--經濟民族のネットワーク =Chinês fora da China--Network da etnia econômica). Tóquio, Kôdansha, 1990.
- WAKABAYASHI, Mikio. “Toshi kûkan to shakai keitai”(都市空間と社会形態=Espaço Urbano e Formação Social). In.*Toshi to toshika no shakaigaku* (都市と都市化の社会学=Sociologia Urbana e Urbanização). Tóquio, Iwanami-shoten, 1996.

Chinês

- JORNAL CHINÊS AMERICANA (Org.). *Registro Histórico da Sociedade Chinesa* (巴西華人耕耘録). São Paulo, JORNAL CHINÊS AMERICANA, 1998.
- LOMBA, Pedro Paulo, “Os imigrantes ao Brasil no século 19”. São Paulo, Sociedade das Florestas do Brasil, 1991.
- YUAN, Yi Ping. *Relatório de visite chinesa do Brasil* (久居他郷為故郷), São Paulo, 1998.

Periódicos e Outros Materiais

- Diário Nippak
- Jornal Paulista
- São Paulo Shimbun
- Diário Nikkei
- Made in Japan
- Colônia
- Opa!
- JORNAL CHINÊS AMERICANA (巴西美州華報)
- JORNAL CHINÊS DO BRASIL (巴西僑報)
- Hanguku Ilbo (韓国日報)
- Diario Tong-A (東亜日報)

Material Visual -- Fotografia

- NAKAYAMA, Murô. *Brasil Jôkei Shashin-chô* (ブラジル情景写真帳=Álbum da paisagem do Brasil). São Paulo, Consulado Imperial do Japão & Cia. Kaigaikôgyô 1933.
- NIPPON RIKIKOKAI. *Nanbei Nihonjin Shashin-chô* (南米日本人写真帳=Álbum dos japoneses na America do Sul). Tóquio, Nippon Rikikôkai, 1922.
- TAKESHITA, Masujirô. *Zai Brasil dôhô no seikatsu jittai Shashin-chô* (南米日本人写真帳=Álbum dos Fotos da Atitude Real dos Compatriotas no Brasil). Wakayama, Estúdio Fotográfico de Taishô, 1938.
- As fotos tiradas pelo autor: Foto. I-1, II-15, 24, 25, III-5, 8, IV-1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9.
- ACAL: Foto. II-16
- ACM: Foto. II-17,
- TAKAYAMA, Seirô: Foto. II-8, 18, 19, 26,
- ICHIDA, Etsuko: Foto. III-3, 4
- KOBAYASHI, Morishigue: Foto. II-20, 21, III-1, 2,
- Museu da Imigração Japonesa: Foto. I-2, 3, II-3, 4, 6, III-6, 7,
- RODRIGUES, Nelson: Foto. II-1, 2, 22, 23,
- TAKESHITA, Masujirô: Foto. II-7, 9, 10, 11, 12, 13, 14,

Material Visual -- Mapas

- JOYNER M.I.C.E Henry B. *Planta Cidade de São Paulo*. São Paulo, Companhia Cantareira e Esgotos, 1914.
- PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO PAULO. Mapa Topográfico do Município de São Paulo. São Paulo, Prefeitura Municipal de São Paulo, 1970.
- DPF/ SMC *Liberdade: Evolução Urbana e Transformação*. São Paulo, DPF/ SMC,

1984.

Sait de Internet

<http://www.brasil-ya.com>

<http://www.culturacoreia.com>

<http://www.sscnet.ucla.edu/aasc>

<http://www.sscnet.ucla.edu/Asian/links.html>

<http://www.yahoo.com.Social-Science/Asian-American-Studies>

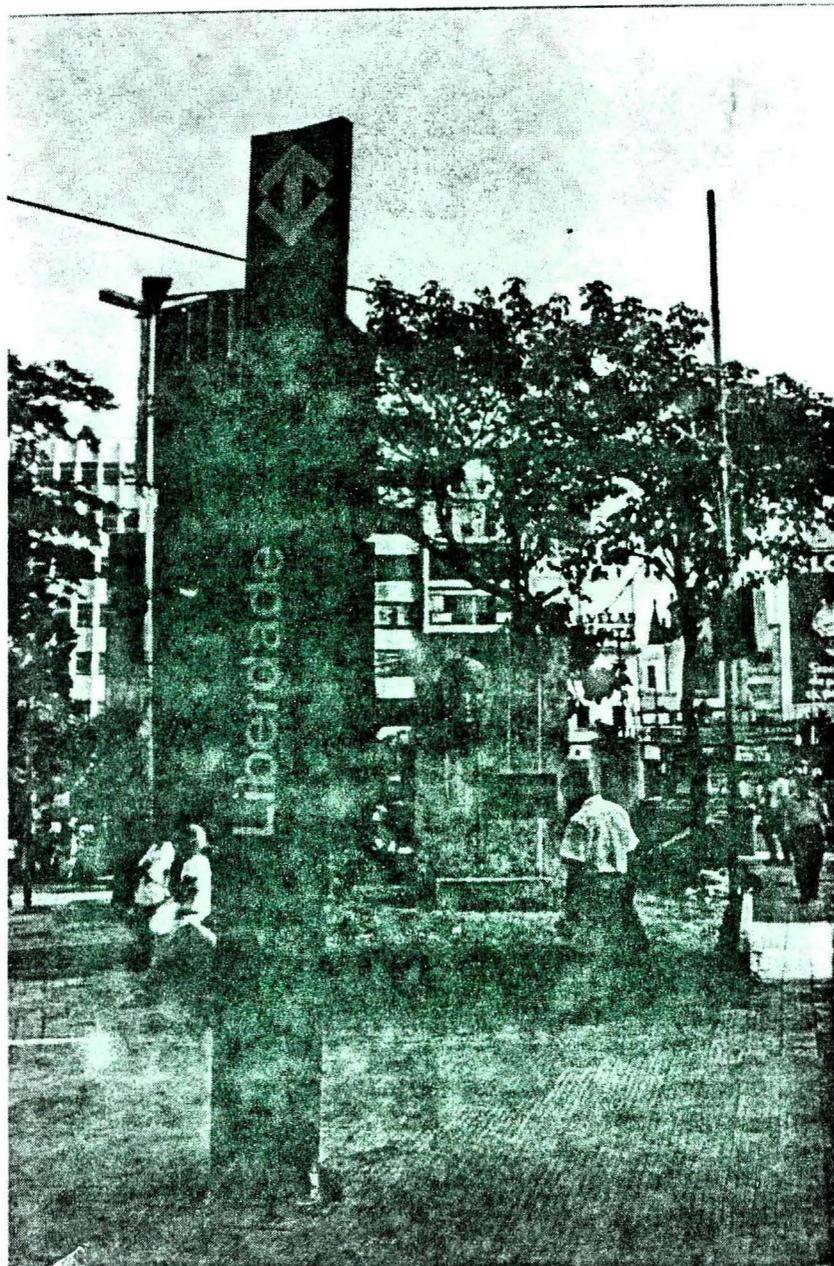


Foto. I-1 Praça da Liberdade (1999)

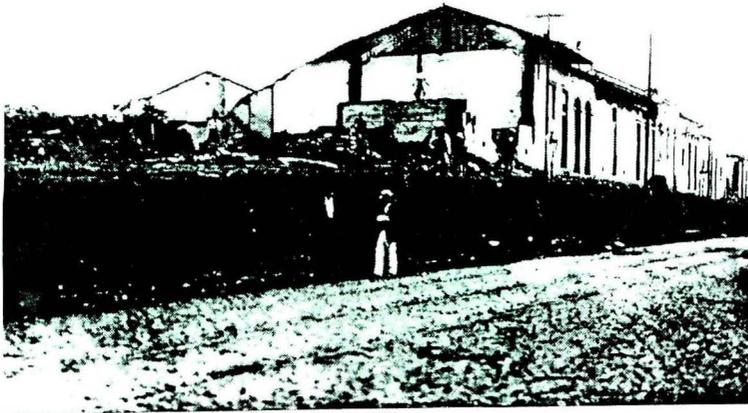


Foto. I-2
Rua Liberdade (1909)



Foto. I-3
Rua da Liberdade (1945)



Foto. I-4
Av. Liberdade (1999)

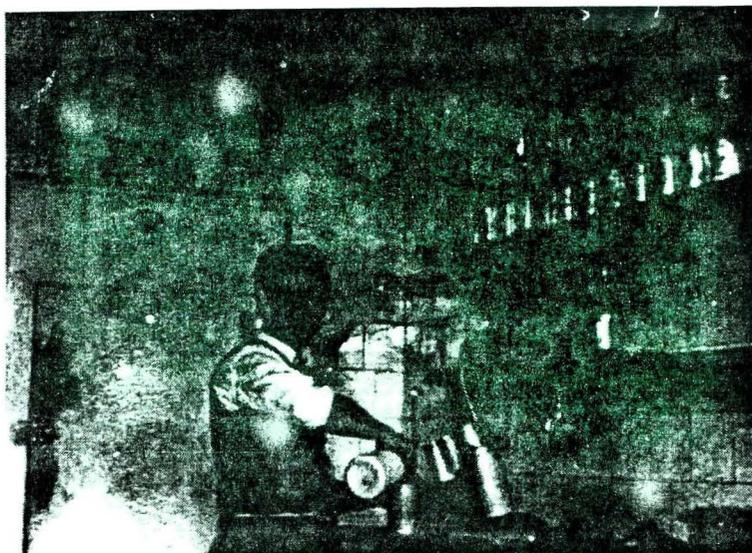


Foto. II-1 Leiteria de português na R. da Liberdade
(Início da década de 1940)

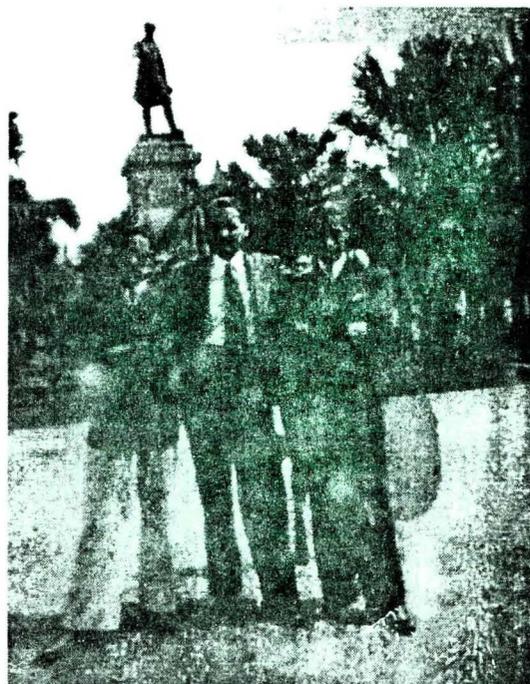


Foto. II-2 Sr. R e seus amigos na Pça. da Liberdade
(Início da década de 1940)

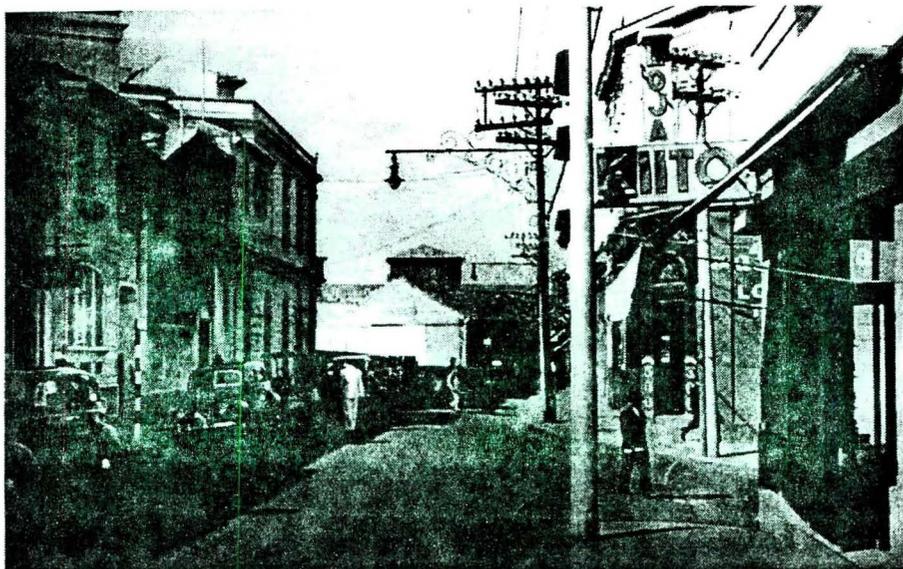


Foto. II-3 R. Conde de Pinhal(1940)



**Foto. II-4 R. Conde de Sarzedas
e R. Glicério (1944)**



Foto. II-5 R. Conde de Sarzedas(1937)



Foto. II-6 Praça Dr. João Mendes (1942)



Foto. II-7 Escola de Corte e Costura Nipo-Brasileiros (1937)



Foto. II-8 Cerimônia de formatura da escola de meninas
(Por volta de 1954): A Liberdade era um bairro dos estudantes.

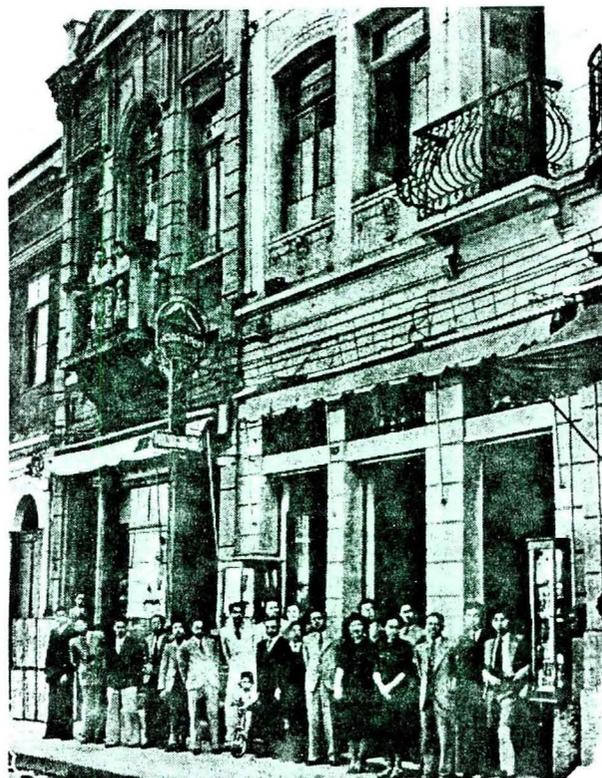


Foto. II-9 Hase Ltda.(1937)

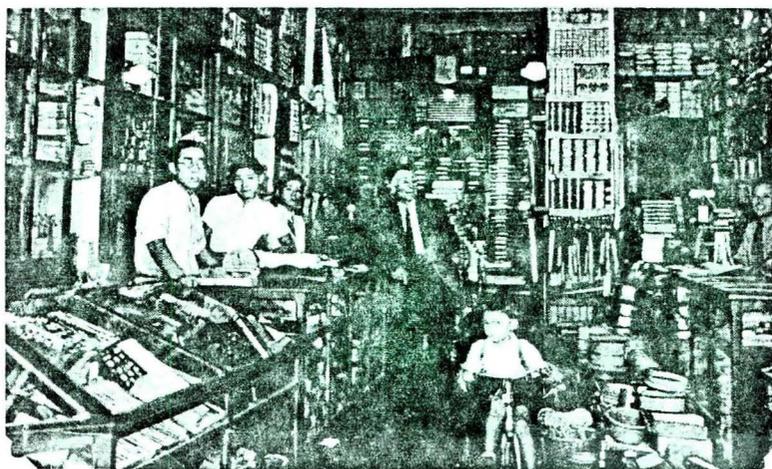


Foto. II-10 Hase Ltda. por dentro (1937)

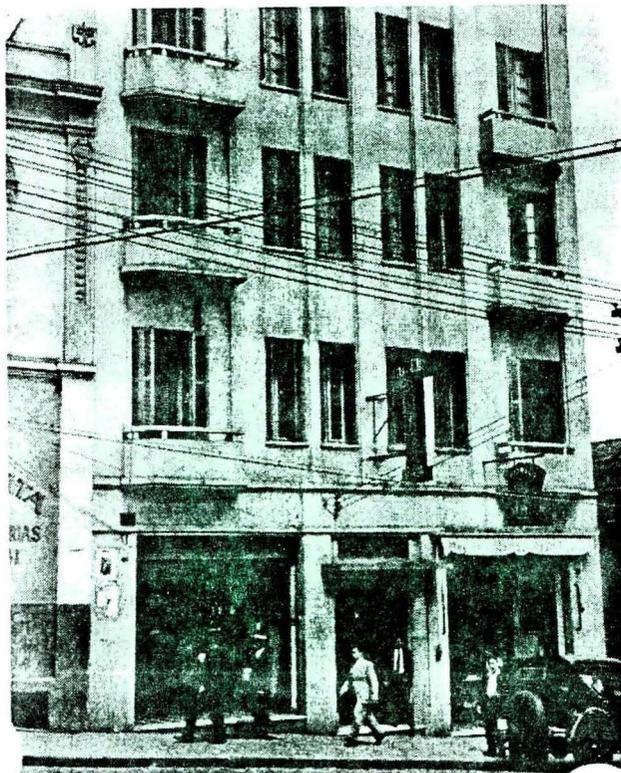


Foto. II-11 Hotel Tokiwa (1937)

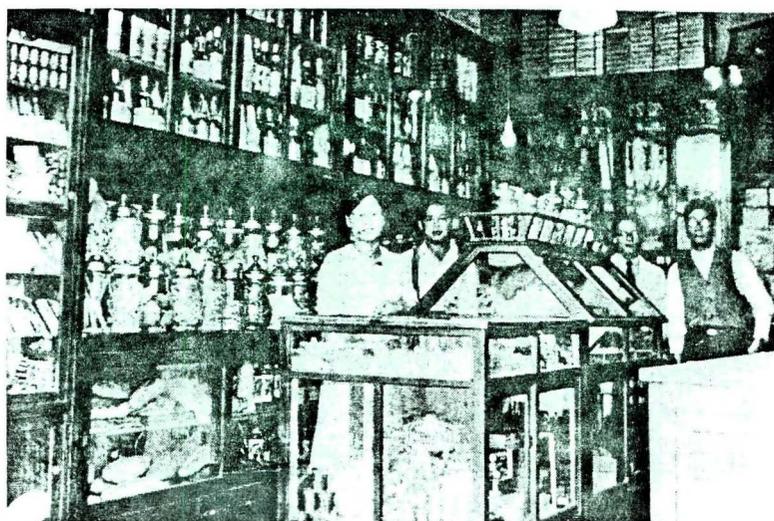


Foto. II-12 Confeitaria Nishinaka (1937)

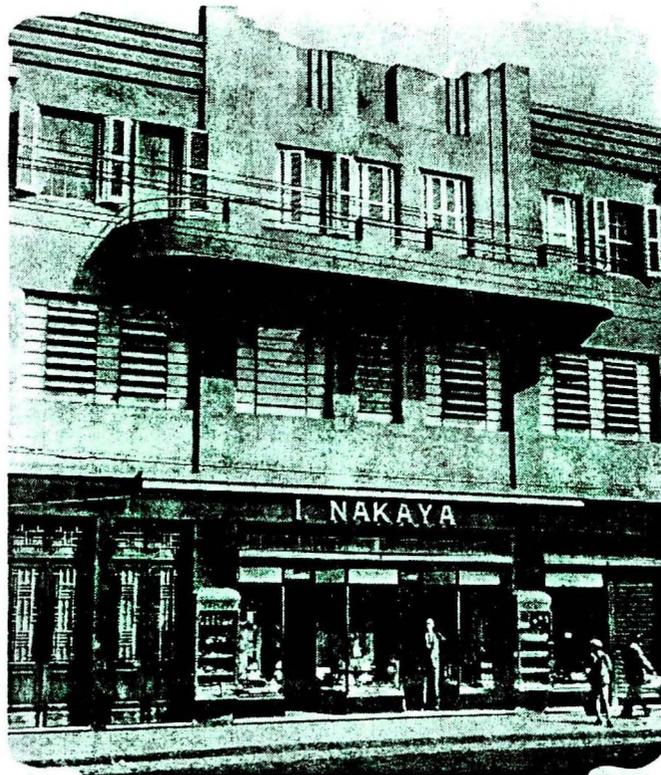


Foto. II-13 Nakaya Ltda. (1937)



Foto. II-14 Nakaya Ltda. por dentro (1937)

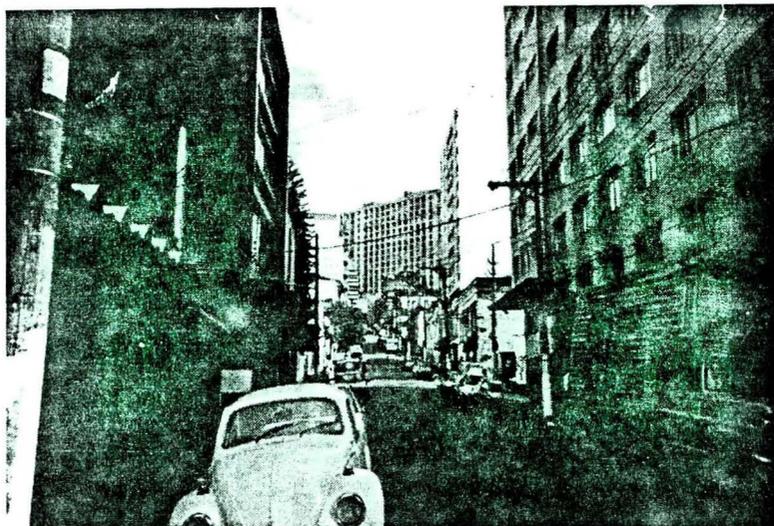


Foto.II-15 Ladeira da Rua Conde de Sarzedas (1999)

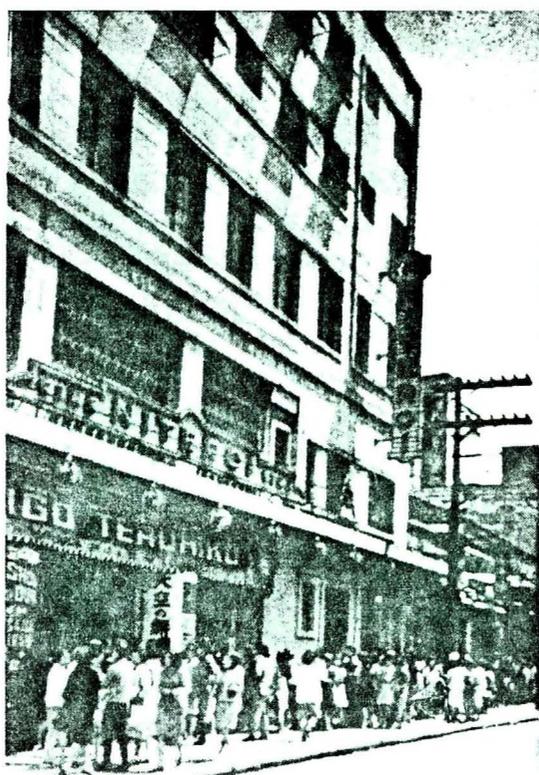


Foto.II-16 Prédio Niterói (Por volta de 1960)

Foto. II-17 Inundação da Várzea do Carmo



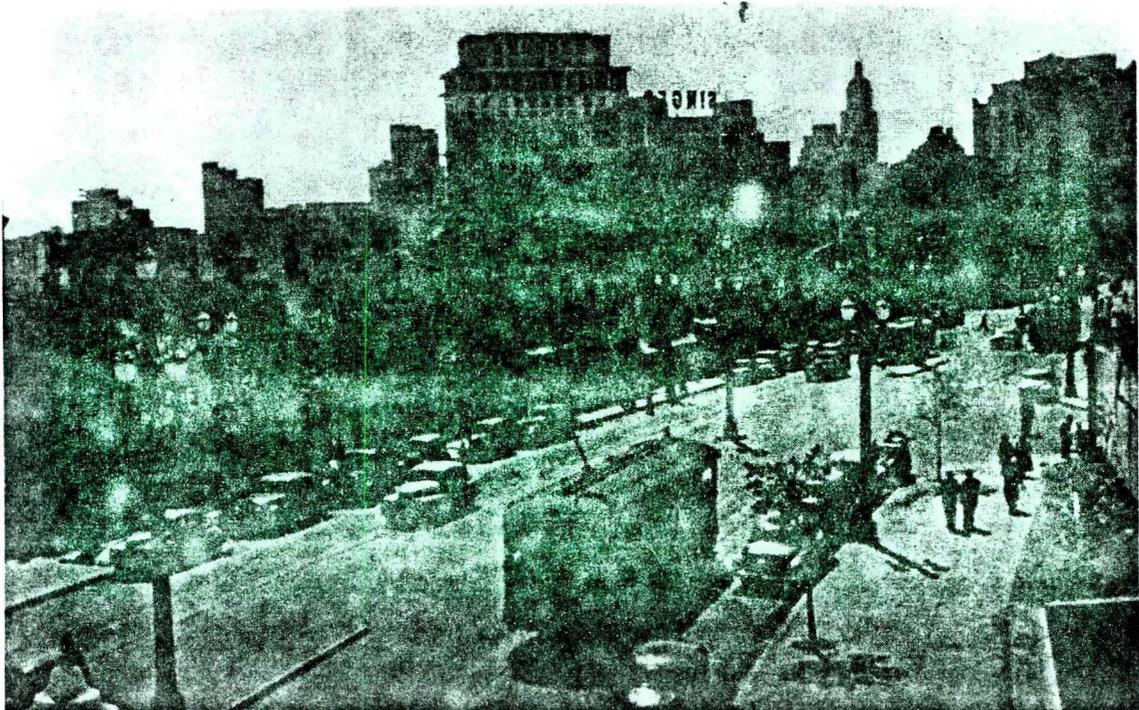


Foto. II-18 Pça. da Liberdade e Av. Liberdade (1946)



**Foto.II-19 Tsuyoshi Mizumoto (dir.), sua mulher (esq.)
e atriz japonesa (Década de 70)**



Foto.II-20 Inauguração da Estação da Liberdade (1975)



Foto. II-21 Desfile da Inauguração do Bairro Oriental (1974)

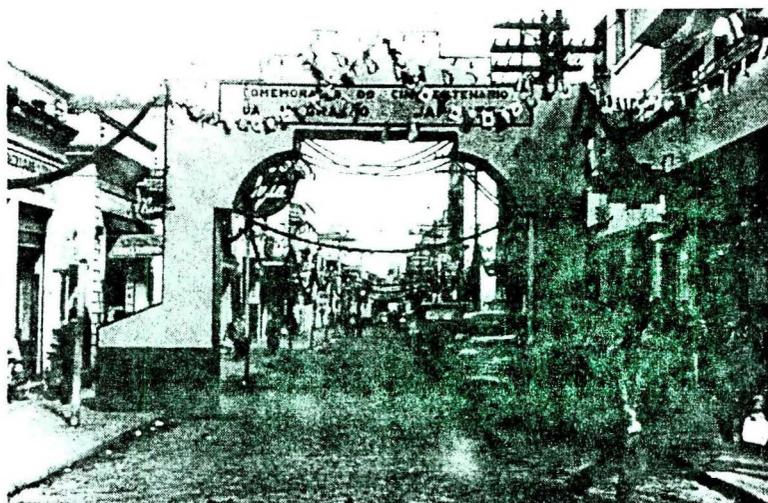


Foto. II-22 Decoração do aniversário da imigração japonesa na Rua Galvão Bueno (1958)

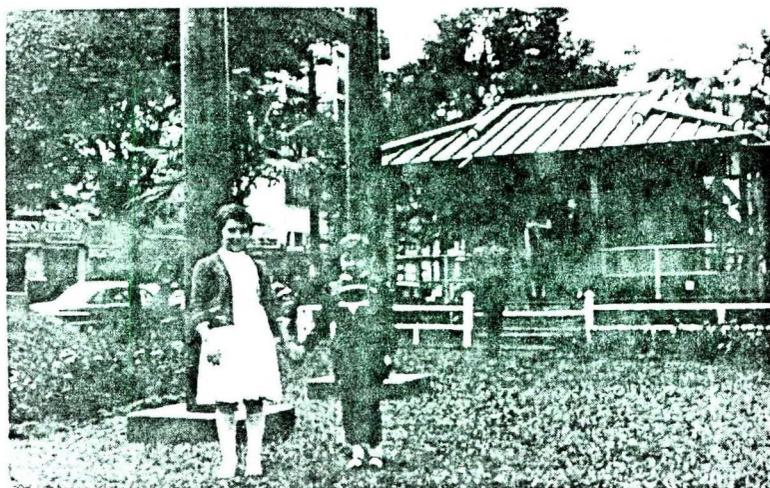


Foto. II-23 Peça. da Liberdade (1958)



Foto. II-24 Feira Oriental (1999)



Foto. II-25 Feira Oriental (1999)

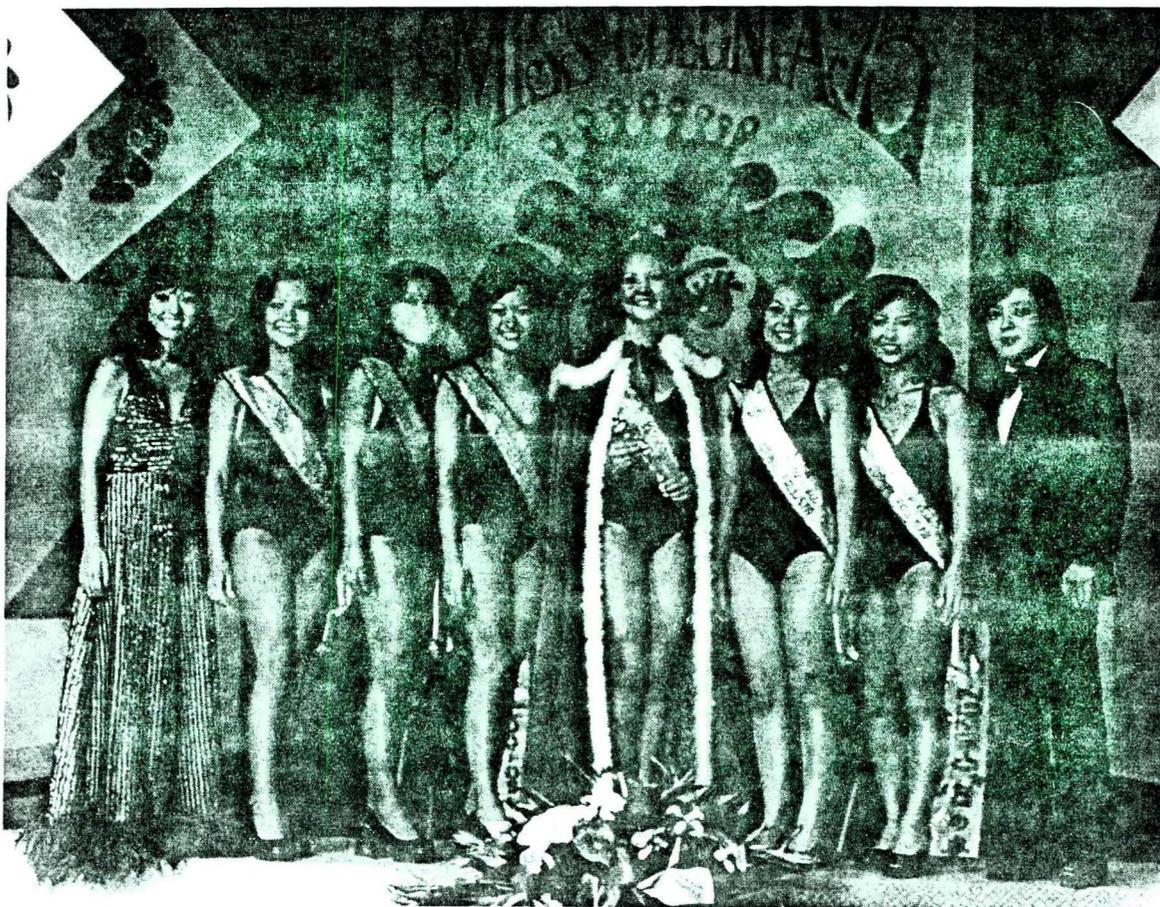


Foto. II-26 Concurso de Miss Colônia (1975)



Foto. III-1 Moradora da Penção K. Foi tirada com lagoa da Pça. da Liberdade ao fundo. (Década de 1960)



Foto. III-2 Moradores da Penção K (Década de 1960)



**Foto. III-3 Salão de cabeleireiro de cantoneses
na Pça. Dr. João Mendes (Década de 1960)**



**Foto. III-4 Salão de cabeleireiro de cantonês
por dentro (Década de 1960)**



Foto. III-5 Fachada do salão de cabeleireiro chinês na Rua Conselheiro Furtado (1999)



Foto. III-6 Saída do porto dos imigrantes coreanos em Pusan (Década de 1960)



Foto. III-7 Imigrantes coreanos quem chegaram ao Rio de Janeiro (Década de 1960)

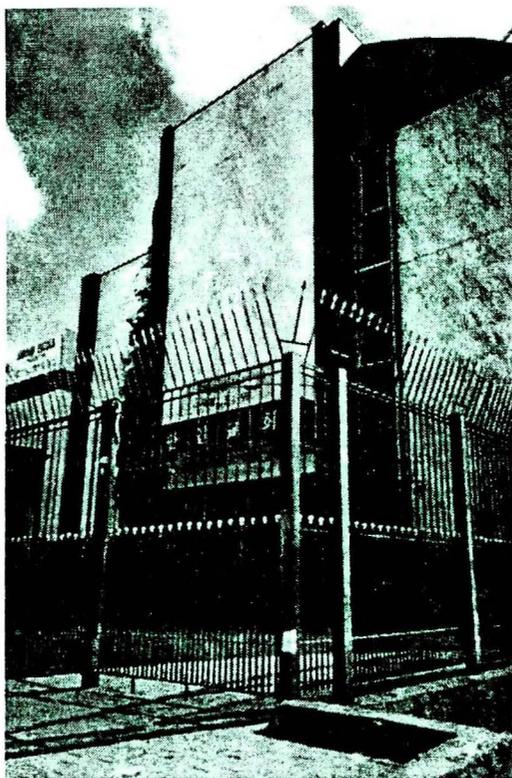


Foto. III-8 Igreja coreana da Rua Dr. Lund (1999)



Foto. IV-1 Entrada do Jardim Oriental (1999)



Foto. IV-2 Arco de *Torii* do Bairro Oriental (1999)

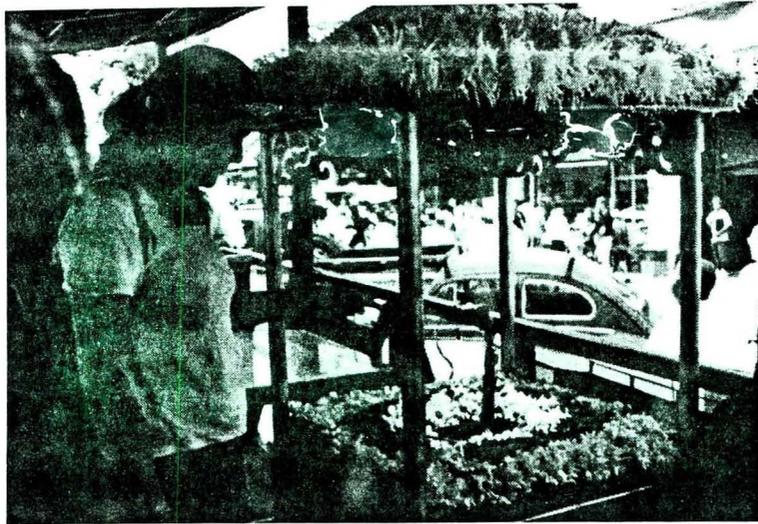


Foto. IV-3 Derramamento de perfume sobre a imagem de Buda na *Hana Matsuri* (1999)

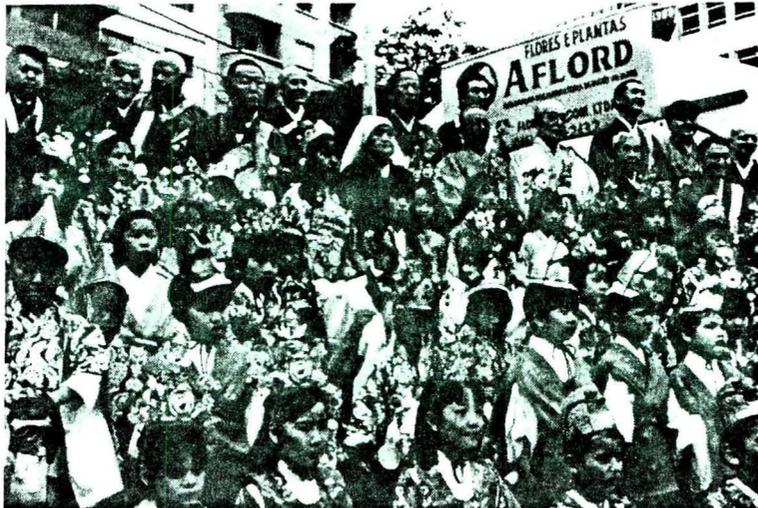


Foto. IV-4 Participantes do *Hana Matsuri* (1999)

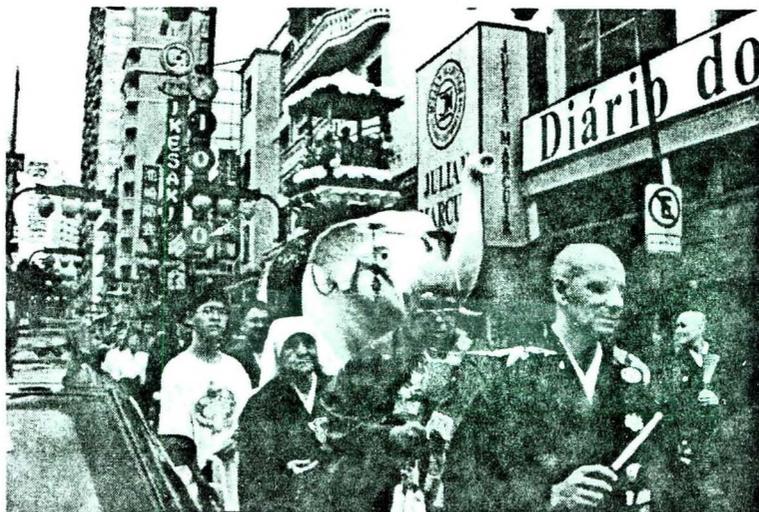


Foto. IV-5 Desfile do *Oneri-Kuyô* do *Hana Matsuri* (1999)



Foto. IV-6 Cantores nikkeis de sertaneja em *Tanabata Matsuri* (1998)



Foto. IV-7 Miss *Tanabata* (1998)



Foto. IV-8 Festa Oriental na Pça. da Liberdade (1999)



Foto. IV-9 "Dança Tradicional" da Festa Oriental (1999)